

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ARTES CÊNICAS/MESTRADO DO INSTITUTO
DE ARTES (IARTE)

EMERSON DOUGLAS ALVES DE LIRA

OS CARETAS DO NORDESTE
(ENTRE A FESTA, AS MÁSCARAS E A PEDAGOGIA)

UBERLÂNDIA - MG
2024

EMERSON DOUGLAS ALVES DE LIRA

**OS CARETAS DO NORDESTE
(ENTRE A FESTA, AS MÁSCARAS E A PEDAGOGIA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Artes Cênicas/Mestrado do Instituto de Artes (IARTE), da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas. Estudos em Artes Cênicas: Conhecimentos e Interfaces da Cena.

Orientadora: Profa. Dra. Vilma Campos Leite

Uberlândia - MG
2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L768	Lira, Emerson Douglas Alves de, 1991-
2024	Os Caretas do Nordeste [recurso eletrônico] : entre a festa, as máscaras e a pedagogia / Emerson Douglas Alves de Lira. - 2024.
<p>Orientadora: Vilma Campos Leite. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Artes Cênicas. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.238 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p>	
<p>I. Teatro. I. Leite, Vilma Campos, 1964-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Artes Cênicas. III. Título.</p>	
CDU: 792	

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizelle Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP
38400-902
Telefone: (34) 3239-4522 - ppgac@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	01 de fevereiro de 2024	Hora de início:	10:30	Hora de encerramento:	12h
Matrícula do Discente:	12112ARC008				
Nome do Discente:	Emerson Douglas Alves de Lira				
Título do Trabalho:	Os caretas do nordeste - entre a festa, as máscaras e as pedagogias				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Linha 2: Estudos em Artes Cênicas: Conhecimentos e interfaces da cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Tecendo fios: narrativa, memória e máscara na formação e na criação teatral parte III - Chi Kung e Tai Chi Chuan – práticas integrativas de corpo e mente				

Reuniu-se através de plataforma virtual a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professores/as Doutores/as: Daniel Santos Costa (PPGAC/UFU); Ivanildo Lubariano Piccoli dos Santos (UFAL); Vilma Campos dos Santos Leite, orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Professor(a) Vilma Campos dos Santos Leite, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

APROVADO

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Vilma Campos dos Santos Leite, Usuário Externo**, em 04/04/2024, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos, Usuário Externo**, em 04/04/2024, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Santos Costa, Usuário Externo**, em 04/04/2024, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5288719** e o código CRC **083E5402**.

AGRADECIMENTOS

Ao minha orientadora profa. Dr^a. Vilma Campos Leite dos Santos, pela sua disponibilidade, dedicação e generosidade ímpar.

Aos meus pais Janicleide Leite Alves e Etevaldo Paes de Lira que sempre me apoiaram.

A meus avós Antonia Leite da Silva, Jose Antonio Alves da Silva, Maria Diosina Mendes Lira, Eliziario Paes de Lira e bisavós Manoel Leite da Silva e Leonila Pereira Leite da Silva (in memorian) que sempre me incentivaram e investiram em meus estudos.

A meu amigo e prof. Dr Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos incentivador deste trabalho e pesquisa que é uma fonte de inspiração e contínuo estímulo.

A todos os mestres que foram fonte desta pesquisa em especial a Mestre Teco de Agamenon pelo seu apoio e camaradagem incondicional.

A todos aqueles que encontrei no caminho das artes e contribuíram para o meu crescimento e aos que virão.

RESUMO

A presente pesquisa traz em seu cerne a introdução aos Folguedos Máscarados do Nordeste e seus apontamentos referentes à continuidade das Pedagogias e as abordagens que o Mestre Popular apresenta dentro de suas práticas na Brincadeira Máscarada. Divididos em três ciclos festivos (Natal, Carnaval e Semana Santa) o conhecimento das suas rotinas dentro de seu processo pedagógicos na confecção das Máscaras, no vestir a Máscara, o brincar e o Festejo. Visando as questões pedagógicas que a Máscara do Folguedo apresenta, o enfoque reside no encadeamento de três conceitos-chave norteadora das reflexões: a Máscara, a Pedagogia e a Festa, através análises elaboradas durante o processo de investigação. Essa tríade sustenta de forma orgânica a trajetória percorrida e experimentada apresentando junto aos Mestres e aos Brincantes de cada Brinquedo no intuito de verificar as possibilidades de investigação da Pedagogia das Máscaras cujo processo tem como ponto de partida o desenvolvimento de experimentações da própria Pedagogia e a manutenção da memória e sabedoria Popular.

Palavras-chave: Máscaras do nordeste; Pedagogia das Máscaras; Caretas.

RESUMEN

La presente pesquisa trae en su esencia la introducción a los jolgorios enmascarados del Noreste y sus notas referentes a la continuidad de las Pedagogías y los abordajes que el Maestro Popular presenta dentro de sus prácticas en el juego enmascarado. Divididos en tres ciclos festivos (Navidad, Carnaval y Semana Santa) para el conocimiento de sus rutinas dentro de su proceso pedagógicos en la confección de las mascarillas, del acto de llevar la mascarilla, de jugar y festejar. Apuntando las cuestiones pedagógicas que la mascarilla del jolgorio presenta, el enfoque está en encadenamiento de tres conceptos-clave guías de las reflexiones: la Mascarilla, la Pedagogía y la Fiesta, a través de análisis elaborados durante el proceso de investigación. Esa tríada sostiene de manera orgánica la trayectoria en la cual voy recorriendo, experimentando y presentando junto a los Maestros y a los jugadores de cada juguete con intuito de verificar las posibilidades de investigación de la Pedagogía de las máscarillas cuyo proceso tiene como punto de partida el desarrollo de experimentaciones de la propia Pedagogía y la manutención de la memoria y sabiduría Popular.

Palabras-clave: mascarillas del noreste; Pedagogía de las mascarillas; Caretas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Caipora de Pesqueira (PE)	10
Figura 2 –	Fachada do Museu Orgânico - Zona rural de Potengi	12
Figura 3 –	Parte Interna do Museu Orgânico	13
Figura 4 –	Cartaz do Festival de Reisado de Boa Hora-2018.....	14
Figura 5 –	Caretas de Boa Hora (PI) na concentração do festival	15
Figura 6 –	Programação do II Festival Internacional de Máscaras do Cariri-FIMC	16
Figura 7 –	Programação II do II Festival Internacional de Máscaras do Cariri-FIMC	16
Figura 8 –	Encontro de Reisado de Caretas de Caxias (MA)	17
Figura 9 –	Fachada do Centro Cultural Casa dos Caretas	19
Figura 10 –	Parte interna do Centro Cultural Casa dos Caretas.....	19
Figura 11 –	Careta de Triunfo (PE) na concentração do bloco antes de sua saída	20
Figura 12 –	Bobos Gaiatos de Porto de Pedras (AL) no Carnaval.....	22
Figura 13 –	Fachada do Museu do Carnaval da Bahia	23
Figura 14 –	Careta de Maragogipe (BA) no Carnaval	24
Figura 15 –	Desenho de como os jovens se mascaravam na semana santa	25
Figura 16 –	Cartaz do Festival de Teatro Infantil de Natal 2017	27
Figura 17 –	Caretas de Major Sales (RN) no circuito dos Brincantes pelas ruas	29
Figura 18 –	Careta de Judas de Cajazeiras (PB)	30
Figura 19 –	Cartaz do XLIV Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras-2019.....	31
Figura 20 –	Caretas de Ribeirópolis (SE).....	32
Figura 21 –	Desenho representativo da Rota das Máscaras	56
Figura 22 –	Mestre Luiz apresenta o Reisado de Caretas no Sítio Sassaré	62
Figura 23 –	Mestre Sebastião Rodrigues apresentando o Reisado de Caretas Encantos da Terra.....	63
Figura 24 –	Mestre Raimundo Nonato pagando sua promessa no Festival de Reisados de Boa Hora (PI).....	64
Figura 25 –	Festa dos Caretas de Potengi em frente ao Museu Orgânico	68
Figura 26 –	Festa dos Caretas de Boa Hora-visitando um pagador de promessa	69

Figura 27 –	Mestre Teco apresentando os Caretas de Triunfo (PE) em seu ateliê.....	69
Figura 28 –	Mestre Teco apresentando os Caretas de Triunfo (PE) em seu ateliê.....	74
Figura 29 –	Mestre Gilberto em sua casa em Porto de Pedras (AL).....	75
Figura 30 –	Mestre Severino na praça Sebastião Pinho em Maragogipe (BA) apresentando os Caretas de Maragogipe.....	76
Figura 31 –	Festa dos caretas de Triunfo em frente à Igreja Matriz, descida da ladeira.....	80
Figura 32 –	Bobos Gaiatos de Porto de Pedras (AL).....	82
Figura 33 –	Caretas de Maragogipe (BA).....	85
Figura 34 –	Mestre Antonio, que apresenta os Caretas de Judas.....	92
Figura 35 –	Mestre Francisco no centro de Major Sales (RN) em dia de feira.....	93
Figura 36 –	Mestre José Robustiano.....	94
Figura 37 –	Cortejo dos Caretas de Cajazeiras (PB) arrecadando alimentos.....	95
Figura 38 –	Festa dos Caretas-Concurso de Caboclos de Major Sales (RN).....	98
Figura 39 –	Desfile dos Caretas de Judas pela cidade.....	103
Figura 40 –	Máscara feita em madeira, base para papietagem.....	111
Figura 41 –	Máscara dos Caretas de Triunfo, desmoldada para acabamento final.....	112
Figura 42 –	Papel de jornal picado e bacia com água e cola para papietagem.....	113
Figura 43 –	Máscara modelada em papietagem e pintura com tinta branca.....	114
Figura 44 –	Construção e trançado da palha de buriti para a indumentária dos Caretas de Boa Hora.....	120
Figura 45 –	Máscara e corte da Careta de Boa Hora em couro de bode.....	121

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. AS FESTAS DOS CARETAS.....	35
3. NA ROTA DAS MÁSCARAS.....	56
1.1 As Máscaras do Natal (Reis De Natal).....	61
1.2 Conhecendo os Mestres.....	62
1.2.1 Antonio Luiz - Potengi (CE).....	62
1.2.2 Sebastião Rodrigues (Chines) - Caxias (MA).....	63
1.2.3 Raimundo Nonato - Boa Hora (PI)	64
1.3 Brincando de Caretas de Reis	65
1.4 Máscaras Carnavalescas	73
1.5 Conhecendo Os Mestres	74
1.5.1 Teco De Agamenon - Triunfo (PE)	74
1.5.2 Gilberto Tatuanunha (in memoriam) - Porto De Pedra (AL).....	75
1.5.3 Severino Ferreira - Maragogipe (BA)	76
1.6 Brincando de Caretas De Carnaval	77
1.7 Caretas De Judas	89
1.8 Conhecendo Os Mestres	92
1.8.1 Antonio Da Silva - Cajazeiras (PB).....	92
1.8.2 Francisco Da Silva (Bebé) - Major Sales (RN).....	93
1.8.3 José Robustiano (in memoriam) - Ribeirópolis (SE)	94
1.9 Brincando De Caretas De Judas.....	95
4. PROCESSOS PEDAGÓGICOS DAS MÁSCARAS	106
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
BIBLIOGRAFIA	130
ANEXOS	133

1. INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é trazer algumas Máscaras festivas do Nordeste a partir de um caminho afetivo e cheio de boas memórias. Para esse percurso, trago na presente introdução algumas das minhas vivências com as Manifestações Máscaradas da Cultura Popular, desde o meu primeiro contato com elas até a minha vivência nos últimos anos, onde, como estudante universitário, tive a oportunidade de seguir acompanhando Festas dentro de uma cronologia temporal, que me levará a fazer um recorte para estudar as Pedagogias das Máscaras.

Começo apresentando-me com o ano de 2001, pois foi um ano mágico, com muitas cores, músicas e Brincadeiras, quando, com 10 anos de idade, fui ao meu primeiro Carnaval, no qual conheci minha primeira Careta, Máscara chamada *Caipora*¹ na cidade de Pesqueira no interior de Pernambuco. Apesar do medo que eu tive anos mais tarde me inicieie nessa Brincadeira e desde então, não deixei mais de brincar.

Nesse Festejo, as crianças e pré-adolescentes, vestem uma grande Máscara feita de estopa (tecido tramado de linho), com uma Careta monstruosa pintada, vestidos de paletó com mãos aplicadas em cada braço, no tamanho da cintura e seus pezinhos à mostra. Aquela figura traz consigo mistério, medo e humor durante os três dias de Carnaval. Como na lenda da Cultura Popular, os Caiporas que protegem a mata e os animais há sessenta anos vêm brincar o Carnaval como guardiões da Brincadeira e trazendo para a rua, o encanto e a Folia, mantendo assim a Cultura e a fé ao sagrado indígena *Xukuru*².

¹ Fundado no ano de 1962, na Avenida Dom Adalberto Sobral, nº 217, no Bairro do Prado, em Pesqueira – PE, por um grupo de amigos, com a ideia trazida da cidade do Recife. Juntaram-se com o intuito de fazer um Bloco Carnavalesco que acabou-se anos depois. Os Caiporas voltam no final da década de 80, com uma formação muito curiosa, desta vez os filhos de alguns dos fundadores da primeira e segunda geração, e desde então a Brincadeira Mascarada não acabou.

² Os Xucurus é uma etnia indígena brasileira que habita a serra do Ororubá, no município de Pesqueira, estado de Pernambuco. Autodenominam-se Xukuru do Ororubá. A palavra Xukuru do Ororubá significa o respeito do índio com a natureza, onde Uru é um pássaro que há na mata sagrada e Ubá é uma árvore sagrada. https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=226

Figura 1 – Caipora de Pesqueira (PE)



Fonte: <http://www.Cultura.pe.gov.br/canal/Cultura Popular/Carnaval-para-reviver-uma-lenda/>

Já adolescente, fui conhecendo outras Brincadeiras Máscaradas de Pernambuco como os *Papangus*³ da cidade de Bezerros e os Caretas da cidade de Triunfo e, como turista e Brincante naquele período, pude brincar, ainda sem nenhum intuito artístico ou acadêmico.

³ O Papangu surgiu de uma brincadeira de familiares dos senhores de engenhos, que saíam Mascarados, mal vestidos, para visitar amigos nas Festas de Carnaval e comiam angu, comida típica do Nordeste (agreste) pernambucano. Por isso, as crianças passaram a chamar os Mascarados de Papangu. Há versões Populares sobre a origem desses personagens no Carnaval de Bezerros. Uma, vem de uma história muito antiga: dois irmãos que comiam muito angu resolveram cortar as pernas das calças e cobrir o rosto com capuz para não serem reconhecidos, mas o disfarce não funcionou. Foram descobertos pela gula. Outra, é que, no século 19, os Mascarados ganharam esse nome depois que uma senhora resolveu preparar angu de xerém para alimentá-los. Antigamente o Papangu tinha a Máscara confeccionada com coité (cuia do fruto), cuja pintura era feita com azeitona preta, açafrão e folha de fava. Possuía chocinhos ao redor da roupa, que era enfeitada com palha de banana e na mão levava um maracá de coco seco com pedra dentro. Os Papangus vestem túnicas compridas, dos pés à cabeça, colocam as Máscaras para ficarem totalmente cobertos, pois a meta é se esconder, ganhando a farra sem serem identificados. Antes de cair na Folia, costumam comer angu, que é normalmente fornecido pelos moradores locais. Quando vai chegando a época próxima do Carnaval, os foliões procuram confeccionar suas fantasias em segredo, para não correrem o risco de serem desmascarados antes da Festa. Em Bezerros, a Cultura do Papangu é vivenciada durante o ano inteiro, através das oficinas de Máscaras, da culinária desenvolvida com variados pratos feitos com angu, além das oficinas de dança e música Carnavalesca. <https://bezerros.pe.gov.br/Carnaval-do-Papangu>

Doze anos depois, cheguei à Universidade onde comecei a pesquisar essas Máscaras da Cultura Popular e suas Pedagogias, pois desde muito jovem sempre tive a intenção e o desejo de conhecer a região e a Cultura nordestina e, esse espaço me trouxe a possibilidade de conhecer lugares e pessoas, que não aconteceria de forma natural. Assim, Maceió, cidade onde fica a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde cursei a Licenciatura em Teatro Licenciatura, ou a casa de meus pais, onde vivi a infância no distrito de Perpétuo Socorro da cidade de Alagoinha em Pernambuco, passaram a ser ponto de partida para viajar e conhecer lugares e suas festividades.

As viagens aconteceram nos períodos em que eu estava de férias da universidade, e a sequência das Festas aconteceram de forma cronológica do Natal ao Carnaval, Semana Santa e as Festas Juninas, como de costume e, seguindo amigos, acompanhei por alguns anos o *Cavalo Marinho*⁴ da cidade de Condado em Pernambuco.

Com o desejo de conhecer e pesquisar outras Brincadeiras do período Natalino no dia 06 de dezembro de 2016, sigo rumo ao Cariri cearense para o *I Festival Internacional de Máscaras do Cariri-FIMC*⁵ e, nessa viagem realmente passei a ter contato com muitos grupos de Teatro que pesquisam a Máscara, Brincantes e Brincadeiras da Máscara Popular, em especial os Caretas de Potengi no Ceará.

Ao passar uma semana vivenciando o festival, conheci muitas pessoas incríveis, onde pude experienciar oficinas da Brincadeira Máscarada, o que me possibilitou voltar à comunidade na semana do Natal.

⁴ Cavalo Marinho é uma Brincadeira Popular que acontece, tradicionalmente, do início do ciclo natalino até o dia de Reis. Festa tradicional da zona da mata setentrional de Pernambuco, Alagoas e agreste da Paraíba. Apesar de ser uma variação do Bumba meu Boi, a Brincadeira tem características próprias e além do "auto do boi", podem ser vistos diversos personagens fantásticos do interior do estado. O Cavalo Marinho ocasionalmente, pode se realizar em outros momentos, como nas Festas dos Padroeiros das cidades ou em outras datas comemorativas, como também em eventos organizados por órgãos públicos. O Folguedo mistura música, canto (toadas), dança e poesia (loas). A encenação é acompanhada por instrumentos musicais como a rabeca, o pandeiro e o ganzá, que são tocados pelo "banco" (nome dado ao grupo de músicas que toca sentado num banco). A Brincadeira acontece numa roda fixa.

⁵ O “ I Festival Internacional de Máscaras do Cariri” foi um acontecimento na Região do Cariri a partir da geminação entre o Festival de Quebec no Canadá com a região do Cariri cearense. O FIMC pretende ser uma sinfonia de histórias, apreciando as belezas e diversidade das Máscaras. O Festival reúne diversas ações e atividades durante cinco dias de vivências emocionais intensas, desde o processo de formação, residências e intercâmbios, até o processo de fruição que é realizado pelas apresentações de espetáculos, cortejo, shows, exibição de vídeo e exposições. <https://fimc.com.br/conteudo/7>

Cheguei ao município de Potengi no dia 20 de dezembro de 2016 e fiquei cinco dias, hospedado na casa de um amigo e todos os dias estava na casa de *Mestre Antonio Luiz*⁶, conversando sobre a Brincadeira e sobre seu *museu orgânico*⁷

Figura 2- Fachada do Museu Orgânico - zona rural de Potengi



Acervo: [Projeto de Criação | museuorganico \(mcmantonioluiz.wixsite.com\)](http://Projeto de Criação | museuorganico (mcmantonioluiz.wixsite.com)) Parte Externa do Museu (Fachada)

⁶ Ver no Cap. II

⁷⁷. O projeto "Museus Orgânicos" é uma iniciativa pioneira do Sesc Ceará em parceria com a Fundação Casa Grande de valorização ao patrimônio imaterial com foco nas memórias tradicionais cearenses, tendo em vista as histórias de vida dos Mestres da Tradição, seus saberes e experiências em contexto com a força Cultural dos territórios e de suas comunidades. Localizado na zona Rural de Potengi estrada dos Barreiros no Sítio Sassaré a 4,7 Km da cidade de Potengi seguindo pela CE 292

Figura 3- Parte interna do Museu Orgânico



Arcervo-Museus Orgânicos | museuorganico.mcmantonioluiz.wixsite.com) parte interna do Museu.

Claro, que com cinco dias em que pude estar lá com ele, brincando e aprendendo a confeccionar as Máscaras e, por três dias, retornando ao Cariri cearense, é impossível aprender tudo sobre a Brincadeira. Nesse percurso fui apresentado a outra Brincadeira Mascarada já no Estado do Piauí que aparece no ciclo Natalino, que são os Caretas da cidade da Boa Hora.

No ano seguinte, já em 2017, junto ao amigo que fiz no FIMC, embarcamos em uma aventura longa e cansativa, com mais de 9 horas de duração, saímos da rodoviária da cidade do Juazeiro do Norte rumo à cidade de Campo Maior já no Estado do Piauí, cidade vizinha de Boa Hora, lugar onde acontece a Festa dos Caretas.

Foi uma estadia rápida, mas muito intensa. Cheguei aos fins dos preparativos do *Festival de Reisado de Boa Hora*⁸ do dia 02 a 06 de janeiro daquele ano. O evento é realizado pela secretaria de Cultura municipal, com o intuito de resgatar a Cultura e a fé dos pagadores de promessa da região que circunda a cidade.

⁸⁸ Festival criado com o intuito de promover e resgatar a Cultura dos Reisados de Boa Hora e que há anos de festividade e tradição.

Figura 4- Cartaz do Festival de Reisado de Boa Hora-2018



Fonte: Acervo- [PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA HORA](#) cartaz da festividade ano 2017/2018

O festival acontece desde os anos 2000 do dia 31 de dezembro a 6 de janeiro do ano seguinte, e vem unindo fé e tradição desde então. Pude acompanhar aquele Festival de Reisado até o dia 06 de janeiro, e encontrei uma vastidão de Máscaras e Brincantes. Foram mais de 13 Brinquedos, que durante quatro dias fazem o Reisado de Caretas e que são chamados de (*pagadores de promessas*)⁹. Como acontece em muitos outros festivais dessa natureza, como os da Cidade de Major Sales com seu festival de Caretas, também ocorrem na cidade de Caxias no Maranhão, cada grupo traz um tema e é feita uma avaliação com premiação incentivo para que o Brinquedo se mantenha vivo.

⁹ Ato de pagar a promessa feita aos santos católicos, onde o fiel a partir das graças alcançadas levam seus bois de reis para uma peregrinação pelas comunidades do município de Boa Hora-PI, essa peregrinação pode durar todo o ciclo natalino findando no dia de reis, o boi é acompanhado por musicas típicas da região, Manifestação que mistura figuras folclóricas, religiosa, doação e recebimento de presentes, divisão do pão, mas acima de qualquer coisa, a fé. Há famílias que passam suas promessas por gerações.

Figura 5 – Caretas de Boa Hora (PI) na concentração do festival



Fonte: Acervo pessoal

Ainda em 2017, no Festival de Reisados de Boa Hora, consegui conversar e acompanhar pagadores de promessas que são da cidade de Boa Hora no Piauí, onde pude conhecer um pouco da rotina e do processo de confecção das Máscaras e da vestimenta, como também do Boi, e em meio às conversas, aprendi um pouco da sambada, coreografia feita pelas Caretas de Reis, foi nessas conversas que fui apresentado aos Caretas de Caxias no Estado do Maranhão.

Ao longo desse tempo, fui construindo uma rede de afetos que vem fortalecendo minha trajetória, pois foi a partir desses encontros que conheci pessoas que foram falando e me direcionando a conhecer novas Manifestações Máscaras. Voltei à região cearense do Cariri, mais especificamente na cidade do Crato para o II Festival Internacional de Máscaras do Cariri-FIMC no ano de 2018, que aconteceu no período de 04 a 08 de dezembro. Tendo a programação abaixo do ano de 2018.

Figura 6- Programação do II Festival Internacional de Máscaras do Cariri-FIMC



II COLÓQUIO INTERNACIONAL MASCARAMENTO NA CENA EXPANDIDA CENTRO DE ARTES URCA 06/12		
COMUNICAÇÕES	PARTICIPANTES	ORIGEM
9h Abertura do Colóquio Apresentação da Aula-espetáculo: Trançados de Memória de uma Atriz-Brincante.	Coordenação do II FIMC e II Colóquio Atuação: Flávia Gaudêncio Direção: Érico José	Crato/CE – Natal/RN Recife/PE
9h50 Conferência Internacional de Abertura	António Tiza	Porto/Portugal
Mesa 1		
11h Máscaras em confluências : ambiguidades, divertimentos e transgressões	Sávio Farias	URCA - Crato/CE
11h15 A máscara líquida do palhaço	Diocélio Barbosa	João Pessoa/PB
11h30 Máscaras na Mira: A Criminalização da Máscara em Manifestações Públicas em Porto Alegre	Márcio Silveira	PPGT - UDESC Florianópolis/SC
11h45 Diálogos	Convidados da mesa e público presente	Diversas
Programação sujeita a alterações		

Arcervo: <https://www.facebook.com/fimcariri?mibextid=ZbWKwL>

Figura 7- Programação II do II Festival Internacional de Máscaras do Cariri-FIMC



II COLÓQUIO INTERNACIONAL MASCARAMENTO NA CENA EXPANDIDA CENTRO DE ARTES URCA 06/12		
COMUNICAÇÕES	PARTICIPANTES	ORIGEM
Mesa 2		
14h O jogo cômico da máscara e o exercício de si : autonomia e palhaçada	Ana Aschcar	UNIRIO - Rio de Janeiro/RJ
14h15 A Poética das permanências e o jogo de fundo da máscara	Claudia Sachs	UFRGS - Porto Alegre/RS
14h30 Desdobramentos de uma máscara	João Miguel	Salvador/BA
Mesa 3		
15h A Commedia dell'Arte e os experimentos de criação dramatúrgica do Centro de Pesquisa da Máscara/SP	Fernando Martins e Felipe de Galisteo	Centro de Pesquisa da Máscara - São Paulo/SP
15h15 As máscaras nas manifestações populares do Vale do Paraíba - São Paulo	Franciele Busico	USP - São Paulo/SP
15h30 A Máscara e a presentificação dos tipos sociais no espetáculo Uma Opereta Barata	Melissa Lopes	UFRN - Natal/RN
16h Conferência Internacional de Encerramento: Masq'alors! - Festival Internacional de Máscaras de Quebec	Hildegund Janzing	Quebec/Canadá
17h Diálogo entre os participantes e público Encerramento do II Colóquio	Mediação Melissa Lopes e Dane de Jade	Crato/CE – Natal/RN

Arcervo: <https://www.facebook.com/fimcariri?mibextid=ZbWKwL>

Retornando para Maceió, para escrever meu TCC, naquele ano, também fiz uma viagem aérea para Teresina no Piauí e, de lá segui ainda para a cidade de Caxias no Maranhão. Como a travessia interestadual durou mais de uma hora, da rodoviária, fui diretamente para o centro da cidade, onde pude descansar para depois encontrar o Brinquedo do Mestre *Sebastião Chinês*¹⁰.

Fiquei cinco dias na cidade acompanhando os eventos em que os Caretas do *Reisado Encantos da Terra*¹¹ participavam. E, nesse tempo, conhecendo a cidade e as ações da Manifestação dentro da comunidade, vi que a Festa para louvar Santo Reis, acontece em forma de jornada e, percebi que a caminhada simboliza o caminho feito pelos Três Reis do Oriente e, que a Brincadeira vem sendo valorizada pela comunidade de Caxias.

Figura 8 – Encontro de Reisado de Caretas de Caxias (MA)



Fonte: Acervo pessoal

Nesses anos de 2016 a 2018, pude assistir as apresentações dos grupos dos Caretas de Reis, e nos últimos anos acompanhá-los fora de seu contexto ritual (Festa). Além do fato de me aproximar da Brincadeira, também fiz amizades que sempre me mostraram alguns elementos da Manifestação e foram essas pessoas que me levaram aos lugares onde moram os Brincantes.

¹⁰ Ler o Capítulo II

¹¹ <https://www.instagram.com/Reisadoencantodaterra?igsh=bzqxZzMzb3B4b2N6>

Ocupei então o papel de espectador, das Manifestações Máscaras dos ciclos de Natal, os Careta de Reis, as vivências com as Máscaras, e suas apresentações e seus cortejos, seja ele de casa em casa dos devotos do Divino, ou em seus espetáculos de caráter efetivamente turístico com seus festivais, onde os grupos recebem cachês para se apresentarem. E desde então vejo as Manifestações Mascaradas do Ciclo Natalino como um processo de renovação entre os Brincantes e a fé.

Visando trabalhar para além da temporalidade Natalina no decorrer desse trabalho, compartilho a seguir, outras viagens realizadas igualmente a partir do ano de 2018 em diante, só que dessa vez, a cronologia é da Festa Carnavalesca que levará a temporalidade das festividades da Semana Santa.

Aos sons dos trompetes e aos sons dos clarins, abro meu guarda-roupa, retiro minhas fantasias, e energizado pelas marchinhas, sigo as delirantes Brincadeiras de Carnaval, dirigindo-me para as ladeiras de Triunfo, cidade do interior de Pernambuco na manhã de 03 de fevereiro de 2018, para o Carnaval dos Caretas. O município de Triunfo fica aproximadamente a 215 km distantes da minha cidade Natal. Do agreste sub meridional ao alto sertão do Pajeú, cidade mais alta do Estado, essa é Triunfo, conhecida por suas tradições.

Ao chegar à cidade um dos primeiros lugares que fui visitar foi o *Centro Cultural Casa dos Caretas*¹² localizado na Praça Dr. Arthur Viana Ribeiro, quando entro no espaço percebo um acervo significativo sobre a figura. São indumentárias antigas, Máscaras, livros, matérias de jornais e material audiovisual onde se tem tantas Máscaras artesanais, fiquei impressionado com a quantidade delas das mais variadas formas, feitios, cores e materiais, que de súbito despertaram em mim a admiração por aquele fazer artístico/artesanal.

¹² O espaço dedicado à memória, perpetuação da imagem do Careta de Triunfo e até geração de renda com a venda de artesanato ligado ao Careta e suas indumentárias tendo como foco principal: formação/capacitação/promoção/preservação da figura do Careta

Figura 9- Faxada do Centro Cultural Casa dos Caretas



Arcervo pessoal- ano de 2019 de inauguração da nova sede.

Figura 10- Parte interna do Centro Cultural Casa dos Caretas



Acervo Pessoal-exposição 2019

Recepção pelo diretor da Casa dos Caretas, que me guiou pelo espaço, me mostrando todo o riquíssimo acervo, contando suas histórias e me direcionando com quem eu poderia conversar me dando números e anotando os endereços dos Mestres e de alguns dos mais velhos Brincantes que ainda residiam na cidade. De lá, segui para a casa de amigos para aproveitar mais o tempo e conhecer melhor a Festa. No dia seguinte fui para o centro da cidade, ver alguns blocos dos Caretas que iriam iniciar as Brincadeiras e disputas para ver suas apresentações.

Figura 11 – Caretas de Triunfo (PE) na concentração do bloco antes de sua saída



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Nas Máscaras dos Caretas de Triunfo, o orifício da boca geralmente tem a forma de uma meia lua invertida, lembrando a Máscara de feição triste, isso devido a sua história anterior, os Caretas de Triunfo têm uma passagem nas festividades de Reis, e por não cumprirem seu papel dentro da Brincadeira ressurgem no Carnaval, por isso de seus semblantes sérios.

Os processos de confecção das Máscaras mudaram ao longo do tempo. No centenário da Brincadeira o fazer a Máscara se tornou mais prático e multicolorido, a simplicidade dessa construção fez com que crianças e jovens se interessassem pela Brincadeira possibilitando assim a sua renovação e o constante fazer pedagógico.

O Carnaval de Triunfo é o quinto maior Carnaval e, sendo o terceiro mais Cultural do Estado, seguido pelas cidades de: Recife. Olinda, Bezerros e Pesqueira. O Carnaval de Triunfo também vem crescendo ao longo dos anos e sendo muito procurado por turistas nacionais e internacionais por causa de sua riqueza Cultural e pelo clima agradável que a cidade possui. E por esse motivo que as Caretas de Triunfo são reconhecidas como patrimônio Cultural de Pernambuco.

As Caretas de Triunfo sobem e descem as ladeiras da cidade durante o Carnaval aparecendo em eventos solenes. A Festa é concluída e então volto a Maceió e para a vida cotidiana. Em Maceió as prévias Carnavalescas são mais tradicionais que o Carnaval, com os tradicionais blocos de Rua Pinto da Madrugada e os Filhinhos da Mamãe, na qual encontrei uma nova Careta.

Seguindo os blocos pelas ruas e vielas, aos sons das marchinhas e aos confetes e serpentinas pelas ruas de Maceió em suas prévias Carnavalescas, encontrei os Caretas dos Bobos Gaiatos no ano de 2014, minha primeira Festa longe de casa. Mas foi em 2017 que fui para o Carnaval de Porto de Pedra, interior litorâneo de Alagoas. A cidade tem um Carnaval simples e tradicional onde os Brincantes se reúnem juntos aos *Bobos Gaiatos*¹³ para se divertirem e estar lá é como voltar a casa, cidade aconchegante e acolhedora.

A cidade de Porto de Pedras guarda uma riqueza Cultural impressionante. Os Bobos Gaiatos, como são conhecidos, são Máscaras multicoloridas e multiformes, trazendo uma particularidade sem igual, criada por *Mestre Gilberto Tatuanunha*¹⁴(in memoria) e resgatado pelo Brincante e articulador Cultural Thiago Souza¹⁵, que vem produzindo e construindo com a comunidade um “novo” ar para a Brincadeira, como também uma continuidade da memória e da magia do tradicional Carnaval de Porto de Pedras.

Mestre Gilberto sempre se preocupou com os impactos que são gerados com a construção da Máscara, já que o material é a argila retirada da natureza e com isso foi construindo outros olhares para a ecologia com um processo de reciclagem e reaproveitamento que são pensados desde o desenho que foi feito e de como a Careta será confeccionada.

¹³ <https://www.instagram.com/bobogaiato?igsh=MTkyNjMxeHN6N2FmNg==>

¹⁴ Idem leitura do Capítulo II

¹⁵ É articulador cultural, brincante, formado em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas, atuando dentro da comunidade, movimentando a continuidade da tradicional brincadeira de Porto de Pedras e apreciador dos Bobos Gaiatos.

Figura 12 – Bobos Gaiatos de Porto de Pedras (AL) no Carnaval



Fonte: Acervo pessoal (2020)

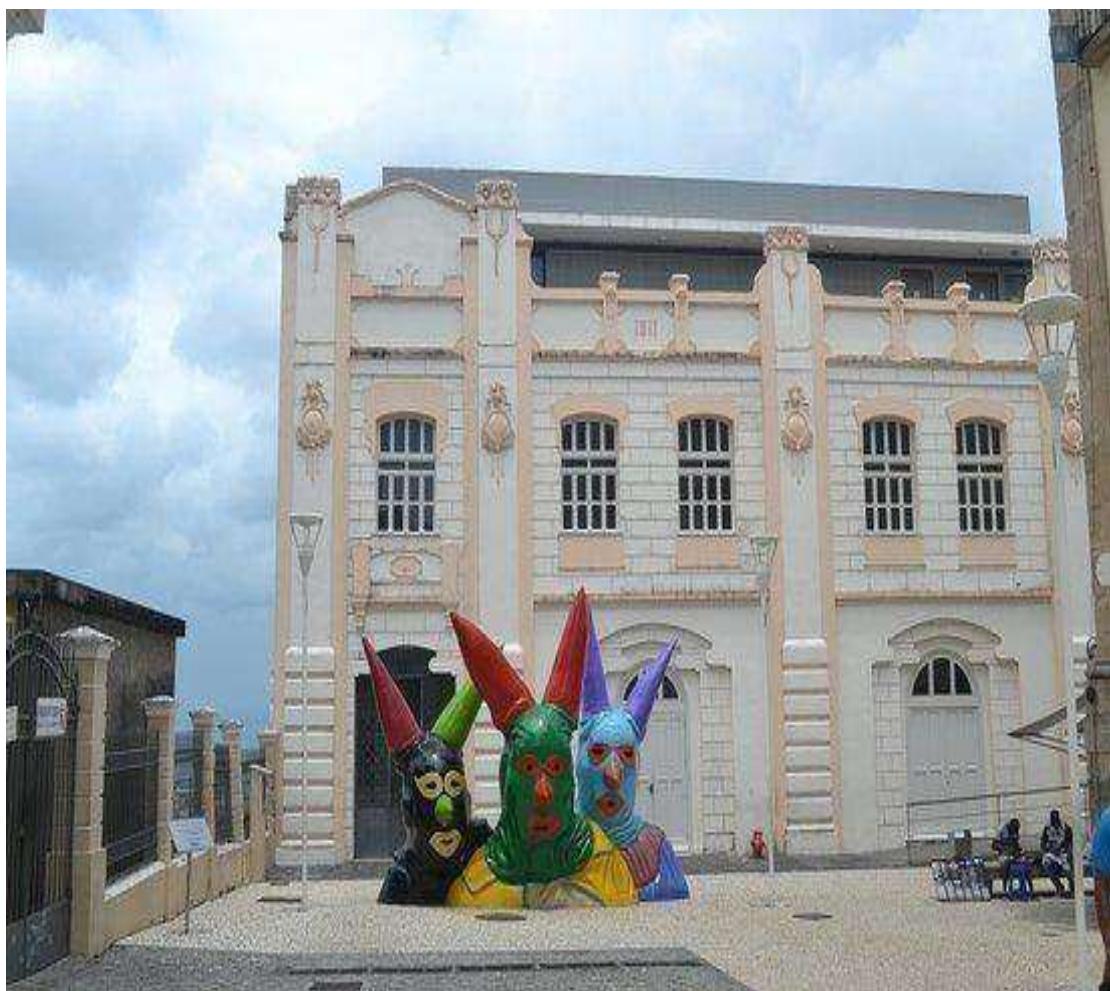
Segui os caminhos dos Caretas pelo Nordeste, acompanhado pelos amigos no segundo maior Carnaval de Rua do Brasil, no ano de 2018, ano em que fui brincar Carnaval na cidade de todos os santos, em Salvador, capital da Bahia. Seguia os Filhos de Gandhi, quando me deparei com um bando de Mascarados multicoloridos. Eu fiquei extasiado com tanta beleza, cor e mistério. Os Caretas de Maragogipe me lembraram dos Papangus de Pernambuco pelas cores e roupas bufantes, e claro, também pelo mistério que está presente na Brincadeira.

Esse contato foi tão breve quanto os três dias de Carnaval, porém o desejo de conhecer essa Brincadeira foi bem maior e, pelas redes sociais, encontrei uma página no Instagram com algumas fotos e entrei em contato no dia 22 de fevereiro de 2019 com o fotógrafo que me direcionou a um Brincante conhecido e juntamente a alguns amigos e com as novas amizades que fizemos.

Alguns Brincantes dos Caretas com os quais fiz amizade me levaram para conhecer o dia a dia dos Brincantes nos cinco dias de Carnaval em que fiquei em Maragogipe. Junto com Pelé¹⁶ o amigo que fiz durante essa estadia, e sua esposa, foram à sede da agremiação dos Caretas. Ele tinha avisado aos integrantes que iríamos visitar e lá estavam todos no quintal, à nossa espera.

Conversamos bastante, contei-lhes sobre meu interesse em fazer uma pesquisa sobre os Caretas e a Pedagogia das Máscaras e, eles ficaram bem satisfeitos com a ideia. Qualquer interesse sobre a Manifestação tem sido encarado pelos Brincantes como um reconhecimento do empenho que eles têm em manter a Brincadeira atuante, como um estímulo para que eles continuem a vivenciá-la. Essa vivência me trouxe muitas reflexões. Foi com os Caretas que percebi a grandeza que as Máscaras Populares possuem como é grande a responsabilidade que a pesquisa tem, não só pra mim, e como é importante a manutenção da memória. E encontramos muitos acervos salva-guardados no Museu do Carnaval da Bahia¹⁷ na cidade de Salvador.

Figura 13- Fachada do Museu do Carnaval da Bahia.



Acervo Pessoal

¹⁶ leitura do Capítulo II

¹⁷ [Casa do Carnaval da Bahia – SECULT \(salvador.ba.gov.br\)](http://casa.carnaval.ba.gov.br)

Figura 14 – Caretas de Maragogipe (BA) no Carnaval



Fonte: Acervo pessoal (2018)

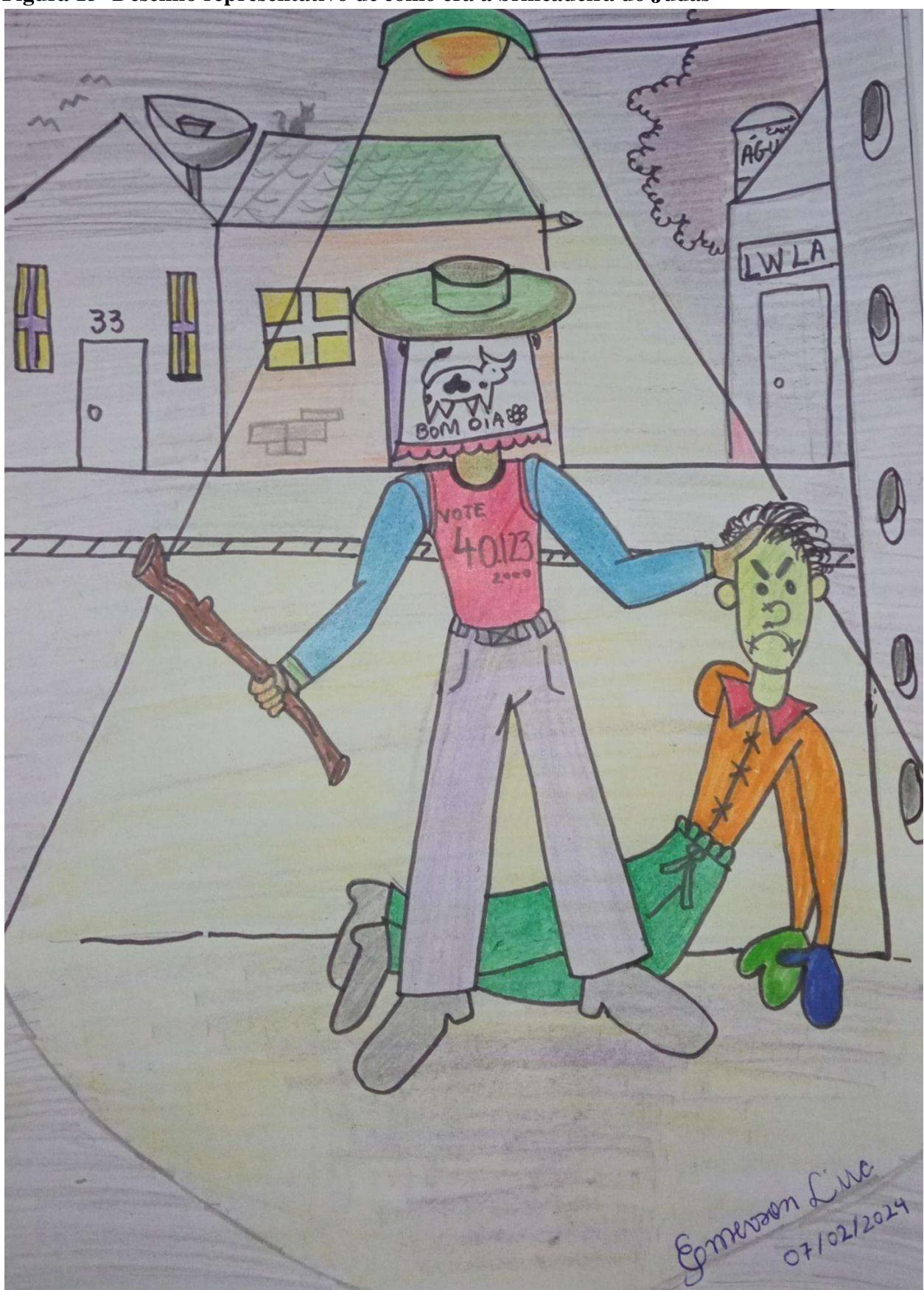
Quando o Carnaval se encerra, os clarins ficam em silêncio, as Máscaras caem, os Brincantes voltam à sua vida cotidiana até a próxima Festa, esperando um novo ciclo se iniciar. Uma nova Festa se inicia imersa em uma época de muita comoção, onde se lembram do sacrifício e morte de Jesus Cristo e, junto a ele, a malhação de Judas. Mesmo sendo uma festividade de reflexão, a Brincadeira surge para renovar mais uma vez a vida dos Brincantes.

Desde minha infância brinquei de malhação do Judas. Meus amigos e eu construímos um boneco com roupas velhas, cheias de palha de milho ou feno, e durante a noite esse boneco ficava pendurado na porta de alguém para assustar quem o visse. Durante toda a Semana Santa, essa Brincadeira permanece. No Sábado de Aleluia, é feita a malhação¹⁸ depois o mesmo é levado para frente da igreja ou em algum ponto chave, para ser pendurado e queimado.

Na minha comunidade de origem, Perpétuo Socorro – Alagoinha (PE), os Brincantes não usam mais a Máscara, os Brincantes estão de cara limpa, mas dos anos 1950 a 1980, as Máscaras eram feitas com um véu, ou pano que cobrisse o rosto de quem brincava no intuito de não ser descoberto caso fosse pego colocando o Judas nas portas das casas.

¹⁸ Ato de bater no boneco com cabos de enxada, ou com murros e pontapés.

Figura 15- Desenho representativo de como era a brincadeira do Judas



Acervo Pessoal

Em algumas cidades brasileiras, como nas cidades de Cajazeiras (PB), Major Sales (RN) e Ribeirópolis (SE), Judas representa o próprio personagem bíblico, Judas Iscariotes, que traiu Jesus Cristo. Nestes lugares, a Brincadeira da malhação seria uma maneira dos católicos se vingarem da traição cometida a Jesus; por isso, antes do boneco morrer enforcado, os Brincantes agride-o e xingam bastante (GASPAR, 2009).

Na maioria dos lugares, são confeccionados bonecos de palha ou de pano que representam Judas Iscariotes que são queimados e rasgados no Sábado de Aleluia após a leitura de seu testamento, cujo texto frequentemente é humorístico e satírico e, por vezes, faz alusão aos moradores locais, como forma de Brincadeira. Em algumas localidades, este boneco é feito com a fisionomia de alguma personalidade do mundo político, social, econômico, artístico ou esportivo que não é apreciado pelo povo, o que justifica sua ridicularização, xingamento e condenação (PIMENTEL, 2017).

Voltando às festividades do ciclo do Carnaval, que em alguns casos, se liga ao ciclo das Brincadeiras da Semana Santa, unidas pelo tempo da Quaresma, fui apresentado aos Caretas de Judas de Cajazeiras no sertão da Paraíba, e em 17 de abril do mesmo ano, tive meu primeiro contato direto com a Brincadeira, acontecendo em seu tempo e espaço originais. Mesmo sendo um período de reflexão para os católicos, os Caretas de Judas trazem um símbolo de fraternidade. Pude observar que há uma energia de esperança renovadora, perceptível a partir das falas e atitudes dos Brincantes.

Em Cajazeiras, é muito comum que os Caretas de Judas façam uma peregrinação dos Brincantes e a mutilação do boneco de palha que representa Judas, com vestimentas geralmente de palha de bananeira e Máscaras monstruosas industrializadas, feitas de látex: bruxas, caveiras, piratas, zumbis, gorilas etc., tem um grande significado para os Brincantes, a simbologia que as Máscaras possuem, é que representam a monstruosidade do ato de Judas perante Jesus, outros relatam que é pra representar demônios/seres encantados, que perseguiram e mataram Judas, vingando-se.

Os Caretas de Judas fazem a arrecadação de esmolas que é o ato de pedir aos transeuntes, ou ir de porta em porta pedirem o desjejum. É tradicional a oferta de alimentos não perecíveis para serem montadas cestas básicas para serem distribuídas às pessoas carentes da cidade ou mesmo entre os Brincantes. O ato de pedir esmola é uma forma de julgamento entre os Caretas para aqueles que são caridosos ou não. Aqueles que não fazem as doações ou pagam prenda na Brincadeira com os Caretas ou são colocados em músicas satíricas, virando mote para zombaria.

Essa Brincadeira está presente entre os Caretas de Judas de Cajazeiras (PB), os Caretas de Ribeirópolis (SE) e os Caboclos de Major Sales (RN). No ano de 2017 fui para o *Festival de Teatro Infantil* em Natal (RN)¹⁹ e nesse festival reencontrei alguns amigos que fiz durante a minha jornada artística, e, ainda reencontrei alguns amigos de Mossoró, que me apresentaram os Caboclos de Major Sales, cidade do sudeste do Estado do Rio Grande do Norte.

Figura 16- Cartaz do Festival de Teatro Infantil de Natal 2017



Fonte: [Idearte Produções \(idearteproducoes.com.br\)](http://idearteproducoes.com.br)

¹⁹ O Festival de Teatro Infantil é realizado pela Idearte Produções, e conta com o patrocínio da Prefeitura do Natal, por meio da Lei de Incentivo Djalma Maranhão, Unimed Federação RN, Villa Park e co-patrocínio do Praia Shopping e Treloso.

Foi de forma inusitada que conheci os Caretas e os “Caboclos da Malhação de Judas Molekes de Mestre Bebé”, por meio de uma *live* no *Instagram* de uma amiga que filmava o concurso de Caboclos no mesmo ano que estava em Cajazeiras.

Em 2018, viajei para o interior do Rio Grande do Norte, rumo a Major Sales, onde fiz a mesma rota que fiz quando fui a Cajazeiras em 2017, a uma hora de carro da cidade paraibana. A Dança dos Caboclos, Malhação de Judas ou Queima de Judas como é Popularmente conhecida no Brasil, é uma Cultura de cunho religioso, estruturada na figura de Judas Iscariotes, a sua traição com Jesus.

Ocorre originalmente durante a Semana Santa, dentro do calendário da Igreja Católica e simboliza o período de morte e ressurreição de Jesus Cristo. A Brincadeira seria uma maneira dos católicos vingarem a traição de Judas para com Cristo. Antes de “matar” o boneco, ele deve ser “machucado” ou destruído, depreciado e por fim, assassinado. O período de comemoração inicia no Domingo de Ramos e ocorre por sete dias até o Domingo de Páscoa.

Cheguei à cidade na quarta-feira, no dia 28 de março de 2018, fui ao encontro da sede dos Molekes do *Mestre Bebé*²⁰, fiquei hospedado na casa de uma amiga, Simone Silva²¹ filha do Mestre Bebé, por três dias em que acompanhei a Festa, e nos primeiros momentos já acompanhei os ensaios das Turmas dos Caboclos, como são chamados até os dias atuais, por meio da sua dança tradicional e das vivências a ela vinculadas, que dão vida ao lugar, alimentando processos de construção de identidade de toda a coletividade. É interessante pensar também em como é construído o festival como mantenedor da Cultura e do seu fazer, não só como um evento turístico, mas como um instrumento de ação para os fazedores da Cultura na cidade.

²⁰ Idem-Ler o capítulo II

²¹ Filha de Mestre Bebé, faz parte da comissão que organiza os ‘Molekes de Bebé’, também cumpre várias funções dentro do Folguedo, sendo a coreógrafa e cantora no grupo.

Figura 17 – Caretas de Major Sales (RN) no circuito dos Brincantes pelas ruas



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Brincar e estar presente desde minha infância, adolescência e até a vida adulta com a Cultura de malhar o Judas me fez perceber o quanto essa prática alterou o pensamento do brincar e de Manifestar-se com o Folguedo na cidade. Não mais sendo uma obrigação como cristão que não sou, mas as práticas se revelam para mim como uma espécie de herança perpassada entre as famílias por gerações. Hoje, vejo os mais jovens me mobilizando para brincar o Judas aqui na minha cidade. E como venho há anos acompanhando as Manifestações Mascaradas, chego à minha última e a mais recente Careta.

Figura 18 – Caretas de Judas de Cajazeiras (PB)



Fonte: Acervo Pessoal

Indo a Laranjeiras, interior de Sergipe para o Simpósio do *XLV Encontro Cultural de Laranjeiras*²² em 2019, fui apresentado para os Caretas de Judas de Ribeirópolis onde há mais de 60 anos que a Brincadeira acontece. Essa apresentação foi indireta, sem nenhum tipo de direcionamento, foi apenas um relato de sua existência caso algum dia aparecesse algum interesse de conhecer a fundo a Brincadeira, já que ela é vivenciada em uma cidade bem pequena e por estar em ação até os dias de hoje.

²² O evento, consolidado pelo forte apelo à Cultura Popular, é o principal festival cultural do estado, atraiendo grupos de diversos municípios sergipanos. Outro ponto de destaque no evento é a realização do Simpósio, que ocorre todos os anos dentro da programação do Encontro, reunindo Mestres, Brincantes e pesquisadores acadêmicos que buscam trocar informações sobre aspectos Culturais de Sergipe

Figura 19- Cartaz do XLIV Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras-2019



Programação do simpósio de Laranjeiras 2019

Como fiz para conhecer os Caretas de Maragogipe, fiz a mesma investigação pelas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, para conhecer alguém que me pudesse auxiliar em uma possível visita. Depois de algum tempo nessas pesquisas, acabei entrando em contato com a secretaria de Educação e Cultura da cidade. Esse contato se deu por mensagem via *Facebook* e depois, por *e-mail*, em que marcamos conversa por telefone e, em seguida, fui conhecer a cidade.

Cheguei à cidade no dia 17 de abril, às 14 horas na rodoviária da cidade e, já me encaminhei para a secretaria para conversar com a secretária que me direcionou para falar com o senhor *José Robustiano de Menezes*²³ (*in memoria*), conhecido Brincante e organizador dos Caretas de Judas. Foram dois dias e meio de aprendizagem com os Brincantes que Zé Rubostino organizava. Essa cidade possui mais de quatro mil habitantes, com sua população de formação cristã, a prática da Brincadeira segue fundamentos cristãos sem muitas alterações profanas.

²³ Idem, Ler o Capítulo II

A Festa é uma tradição na cidade, que acontece desde a década de 60, sendo tal Manifestação a de maior destaque na cidade. Um grupo de homens se veste com trajes femininos e Máscaras de monstros, e em suas mãos ficam algum tipo de recipientes com tinta para sujar os transeuntes que por perto do grupo passar.

O início da Festa acontece de madrugada no Sábado de Aleluia no qual acontecem algumas ações ilegais, em que os Brincantes mais velhos furtam galos ou galinhas para comer no domingo. Esse ato é uma tradição que recorda a passagem em que o galo canta três vezes para anunciar a negação de Pedro e também deixa o almoço mais farto na Páscoa.

Figura 20 – Caretas de Ribeirópolis (SE)



Fonte: Acervo pessoal

Mas afinal, quais são as diferenças e semelhanças das Pedagogias nos processos de confecção e na utilização das Máscaras das Brincadeiras dos Caretas. Embora no decorrer desta introdução eu tenha mencionado diversas Brincadeiras, para responder essa pergunta, faço uma seleção em nove Brincadeiras dessa região brasileira, cada uma de um estado. São elas: No Ciclo Natalino: Caretas de Potengi (CE), Caretas de Reis de Caxias (MA) e os Caretas da Boa Hora (PI), no Ciclo Carnavalesco: Os Caretas de Triunfo (PE), os Bobos Gaiatos (AL) e os Caretas de Maragogipe (BA) do ciclo Carnavalesco e no Ciclo da Semana Santa: Os Caretas de Cajazeiras (PB), os Caretas de Ribeirópolis (SE) e os Caboclos de Major Sales (RN).

Não que haja uma única resposta, mas intuo que haja um caminho que nos direciona para ela. A fé e a tradição, a maneira em que seus símbolos surgem dentro da Festa e a relação dessa fé com o medo, o mistério e a comicidade, é o que pretendo desenvolver no capítulo dois, mas antes disso quero discorrer sobre a relação dos Brincantes e que materiais que são utilizados para a confecção na Máscara e da indumentária no capítulo um.

Talvez, em tal ordem de divisão, haja uma luta dos Caretas espalhados por todo o Nordeste brasileiro para resguardar elementos importantes da tradição e para manutenção da Festa dos Caretas. Transparece, ao conversar com um Careta, o orgulho em ser Careta, em existir Careta em cada cidade nos interiores dos Estados do Nordeste. A Cidade muda, os ciclos festivos também mudam e transformam a cidade no período da Festa.

Assim, a presente pesquisa parte das questões: Como são os períodos festivos e de como os Caretas brincam? O que a Festa traz de elementos recorrentes nas Manifestações de rua, de praça das comunidades tradicionais? Quais elementos renovam a Brincadeira a partir dos processos pedagógicos? Quais as formas gestuais e figuras que aparecem nos trajes dos Brincantes? Que tipo de corpo é "risível" (humor) ou "terrível" (medo)? Qual o mistério das Máscaras para aquela Brincadeira? Que relação ocorre entre o "público" e o "Brincante" durante a apresentação na Festa?

Talvez, todas essas perguntas sejam respondidas na pesquisa e me possibilite verificar sistemas de valores dentro da tradição na Brincadeira e interpretar símbolos de cada grupo que fazem suas Festas dos Caretas; perceber as inovações realizadas dentro da Brincadeira em cada comunidade, e como se dão as rupturas com a tradição.

A problemática se encaminha na esteira de estudos em que as "Festas" expressam conflitos, tensões e dimensões temporais daqueles grupos sociais que nela estão envolvidos. Dentro da relação da Brincadeira/Festa no processo local e perceber de corno os Caretas dão encaminhamentos às suas ações, apesar das dificuldades.

Na escrita deste trabalho apresento em três capítulos. No primeiro, As Festas dos Caretas do Nordeste, houve preocupação, em primeiro lugar, em trazer não a Festa em si, mas iniciar explanando como Mestres, Mestras e os Brincantes vêm a organização das Festas e suas particularidades daqueles que festejam tanto na zona rural como da zona urbana, fazendo um paralelo entre os dois espaços festivos. A tentativa de demonstrar o envolvimento dos Brincantes e da comunidade local com o Festejo dentro de suas rotinas, ou de uma rotina transformada na dinâmica do evento.

Formulo sempre discussões em torno de temas propostos pelas entrevistas com os Mestres, Mestras e Brincantes de todos os Caretas, bem como envolvendo reflexões, percebendo os produtores diretos da Festa, dentro do contexto da cidade. Todos trazem na força da voz, nas palavras ditas, nos gestos e no olhar muita esperança de dias melhores.

No segundo capítulo, na rota dos Caretas, parte da fala dos entrevistados, observações na rememoração das ações realizadas durante o trabalho de campo, a divisão pedagógica entre a confecção e a sua relação espacial entre rural e urbano, presente nas falas dos Mestres e Brincantes, e sua relação com a Festa e a comunidade, foi assimilada pela pesquisa e escrita do trabalho.

O terceiro capítulo, as Pedagogias das Máscaras dos Caretas, aborda os processos pedagógicos de cada Mestre em suas Brincadeiras, tanto encontrando semelhanças e consequentemente suas particularidades, e de como a Brincadeira se assemelha a encenação próxima ao rito de encontro do ser com algo sagrado, de como o corpo do Brincante é em particular, com dadas características, um corpo de Careta e é este corpo que faz da pessoa um Careta.

Os códigos são formalizados nas Máscaras e nos trajes dos Brincantes, e em como os elementos modificam o fazer das Máscaras para cada material usado (palha, couro, papelão etc.) São também os gestos, as expressões ditas, tocadas e os instrumentos musicais. Foram elaborados roteiros de perguntas para cada etapa do trabalho de campo. Não se ficou preso a esses roteiros, mas foram importantes porque foram criados a partir da problematização do trabalho, bem como de questões nascidas das leituras e da observação participante.

Nesses roteiros que construí ao longo do processo de pesquisa, tive como preocupação básica a obtenção de descrições dos processos pedagógicos das Máscaras, de sua participação em cada Festa. Meu intuito é formar um arquivo onde se reúne um acervo dos Mestres e Brincantes que fazem a Brincadeira Mascarada dos Caretas, com as transcrições das entrevistas junto aos Caretas. Pois se tem a certeza de que, mesmo depois de transcritas as entrevistas feitas via *WhatsApp*, os áudios das entrevistas são algo essencial à análise do texto. A escrita nas transcrições procurou nessa fase obedecer à fala das pessoas. Os textos foram organizados com perguntas e respostas. Os Caretas lutam, recriando suas ações, dando fôlego à sua prática, enfim, a briga encontra-se em pleno andamento. Assim como a de todos nós que, a exemplo dos Mestres e Brincantes dos Caretas do Nordeste, temos que reinventar nossas práticas cotidianas.

2. AS FESTAS DOS CARETAS

Penso nas "Festas dos Caretas" pelo Nordeste, para além de uma atração e uma forma de diversão, em espaços abertos e públicos. E, mais que uma Brincadeira com seus saberes ligados à tradição e modos particulares de Manifestar a Cultura, as compreendem dentro de uma Pedagogia e com os modos com que os Brincantes fazem a Brincadeira acontecer. Os Caretas pelo Nordeste são Manifestações Culturais únicas que trazem revelações comparadas ao que Burke define como Cultura: "um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas em que eles são expressos ou encarnados." (Burke, 1999, p. 25).

Ao refletir sobre as "Festas dos Caretas" como aliança entre homens e mulheres, espaço físico de aprendizagem e sobre como a Festa opera, articulada simbolicamente pelos Mestres e Mestras, os Brincantes e toda a comunidade, percebo o sentimento de pertencimento que faz dos Caretas um grupo Cultural-social particular e importante. E ainda, os Caretas, ligando-se a essa diversidade cultural mais ampla, que o Nordeste tem.

Em comum com as grandes tradições de outros continentes, nossa cena Popular tradicional apresenta não apenas uma cosmologia alicerçada no chamado pensamento mágico. Em sua linguagem podemos observar Manifestações características do universo mítico, como a concepção sagrada do espaço, o animismo. (Barroso, 2007, p. 33)

Oswald Barroso nos revela no trecho acima que a Cultura nos traz algo de "universal" na forma como as Manifestações podem se organizar, quando alicerçadas na construção do pensamento tradicional. Pensamento tradicional que tem sua metodologia pedagógica como via de aprendizagem, perfeitamente executadas por essas Manifestações, seja nas comunidades rurais ou ruas das cidades, ou em apresentações mais elaboradas como no teatro (de rua) nas praças públicas. E por meio da observação e da imitação, as aprendizagens acontecem e são referências para aquele que aprende.

E, com certeza, nos fazeres dos Caretas dentro da Brincadeira e nos processos pedagógicos resiste o mítico, medo, humor, a ligação estreita entre suas produções e seus fazeres de confecção e o meio natural em que vivem; os meios de confecção e os seus caminhos na busca de assemelharem-se a animais, pessoas, plantas, ou a figuras existentes apenas na imaginação.

Os Caretas não fogem às características apontadas por Barroso, por terem uma mesma origem, pois se modificam ao tempo e cada zona dentro da região Nordeste constrói suas singularidades. Em outras formulações Culturais de outros grupos e pessoas, os Caretas dão a sua Manifestação características ímpares. Os Caretas fazem parte deste cenário analisado por Barroso pela tradição oral. Somam-se outras formas de Brincadeiras dos Caretas em todo o Nordeste e as linguagens Culturais tradicionais dos Caretas têm uma infinidade de formas de se Manifestar, sendo cada uma delas ricas, recentes, permanentemente construídas e reconstruídas ao longo dos tempos.

Cada Brincadeira traz um acervo grandioso e os Brincantes fazem com que o jogo, e as experiências contadas, vividas por cada membro do grupo possua suas reelaborações de significados. Assim, ocorre a relação do Careta com a Festa e o espaço em que ela, a Festa, transcorre. Os Caretas estão sempre em processo dialético da própria Cultura dos grupos que a realizam. Mesmo em meio às dificuldades que surgem ao longo do tempo no processo de produção da Brincadeira, as condições particulares em que vivem os Mestres e os Brincantes e como processam o repertório (onde acontece), Festa imposta pela luta da sobrevivência, afastando-as do seu meio e como tais grupos dão encaminhamento a suas ações apesar das dificuldades.

Logo nas primeiras paradas rumo à Festa, ao me perguntar sobre os Caretas, percebo a importância das manutenções constantes e a renovação da Brincadeira com a presença das crianças na festividade, que fazem questão de colocar suas Máscaras, incentivadas pelos mais velhos.

Nessas buscas pelos Caretas, já me direciono às associações, sedes, agremiações, todas vinculadas a Manifestação, principalmente onde acontece as relações pedagógicas, confecções e ensaios dos Caretas, onde posso conhecer e apreender um pouco das emoções e sentimentos em relação a "Festa dos Caretas" ou na "Brincadeira de Careta." Dentro dos processos internos de cada Careta, os sentimentos são variados de acordo com seus ensinamentos, e momentos que a Brincadeira vai acontecer e como é demonstrado no cotidiano, nas ações de cada Brincadeira, em dados espaços tanto rurais como urbanos.

O território em que os Caretas atuam em suas Brincadeiras em cada município espalhados pelo Nordeste, não pode ser apenas uma porção do espaço geográfico, uma base administrativa, são suas relações sociais e políticas em conjunto com os Mestres e com a própria Brincadeira. São as correlações de força, as apropriações de espaços realizadas pelos grupos de Caretas que determina seus espaços pelos grupos sociais. As comunidades, povoados e as cidades parecem querer o tempo todo contar-nos algo, nos segredar coisas. É necessário ir além de suas estruturas físicas. Além das impressões sobre o espaço e seu uso com cada Máscara, pelos seus Brincantes.

Todos os Caretas espalhados pelo Nordeste são peculiares, estão presentes do litoral ao sertão, do extremo sul ao norte. E há também Caretas (figuras) chamadas de “Papangus”. E no Nordeste inteiro percebo uma vontade, tanto particular como coletiva, de manutenção das Brincadeiras.

Imagino a Cultura dos Caretas como um campo de estudo onde percebo definições, relações, invenções que cabem melhor para aqueles que a utilizam dentro de uma Pedagogia. E ainda imagino essa Cultura como um campo de resistência e luta onde posso ver como as Manifestações Máscaradas dos Caretas e como a própria Manifestação resiste ao tempo e suas tradições. Minha Fala sobre os Caretas é, desde o início do texto, pincelada pelas palavras "Festa" e "Brincadeira", como uma tentativa de não enclausurar os Caretas e as suas artesnias.

Agora, devo dizer que tive a preocupação, desde que iniciei a pesquisa, de buscar não só uma ideia geral e definidora dos Caretas, mas de perceber diferenças, nos seus conceitos de Festas e festividades, devido a seus ciclos festivos que são Natal, Carnaval, Semana Santa e Festas Juninas, o uso das Máscaras e os seus diferenciais realizados por eles a partir das diversas visões sobre a Festa. E é, seguindo esse caminho, que necessitei visitar localidades pelo Nordeste afora, em busca de perspectivas diferentes sobre o tema. Falar das cidades e dos Caretas é falar de diferenças, de diversidade. É bem mais, quando ampliamos a reflexão para os percursos das Máscaras.

Quando falo sobre os Caretas e a Cultura das Manifestações Máscaradas, falo não em Cultura única, mas em Culturas, desde suas visões sobre a tradição do ensinar (sua Pedagogia) ou até mesmo sua estética a serem reatualizadas a cada ano na Festa/Brincadeira, pela renovação de cada Brincante e, ao mesmo tempo, pelo conjunto deles. Sendo os espaços públicos das comunidades, ruas, praças, palcos sejam elas nas zonas urbanas ou rurais nos espaços da sede, nas associações e suas agremiações há reflexão de seus Brincantes e moradores, são através da festividade, seja o adotando o brincar como "palco" das suas performances.

Os Brincantes se personificam em monstros, pessoas e em seres fantásticos. Os Caretas estão em todo o Nordeste em suas Festas cílicas, nos períodos Natalinos, Carnavalescos, Festas da Semana Santa e os Festejos juninos. A cidade é o primeiro lugar a se transformar, tornando-se o cenário para a Brincadeira, cujo primeiro sinal da sua transformação é dado pelos enfeites nas praças e nas fachadas das casas, acompanhados pelo barulho das bandas de pífanos, bandas marciais e pelas risadas e músicas cantada pelas crianças. É preciso ficar atento (a) quando caminhamos pelas ruas e vielas da comunidade, para ver todas as cores, as músicas e as danças.

As festividades dos Caretas em todo o Nordeste brasileiro são quando os Brincantes se contrapõem ao cotidiano, a Festa e a Brincadeira rompem com o seu dia-a-dia, mas elas são cílicas. O Festejo se insere no cotidiano do lugar, modificando-se a cada ano, em um período, para acabar obedecendo à mesma ordem local. A Festa atrai, prende, expurga intimamente todos que se liga a ela de alguma forma. As Brincadeiras dos Caretas não oprimem ou restringem aqueles que dela participam, pelo contrário, há sentido de liberdade, tanto para os participantes como para quem vê. Liberta porque a Máscara e o traje permitem que o "Brincante" seja o outro, suas Máscaras e suas vestimentas trazem o mistério, que age diferente do seu "eu" costumeiro.

Em conversas com os Brincantes dos Caretas de várias cidades espalhadas pelo Nordeste, em seus discursos encontra-se algo sobre como o Festejo modifica o cotidiano da cidade e de cada um que nele se insere. Nas entrevistas conversamos sobre como as Brincadeiras acontecem e suas divisões na organização da Brincadeira, do lugar que vai recebê-la, e de como se dá o uso das Máscaras pelos Brincantes, Mestres da Brincadeira e a participação da comunidade, nos processos da Festa/Brincadeira enriquecendo o próprio discurso.

Nas minhas primeiras viagens desbravando o Nordeste, saí sempre de dois lugares, seja ele da minha cidade Natal, ou de Maceió, no período em que estudava por lá, rumo às cidades, como pesquisador das Máscaras dos Caretas. Busquei seguir um caminho de viajante, obedecendo ao trajeto de viagem que havia tomado até ali, com uma rota que me possibilitava ir e vir sem perder outros compromissos, sempre acompanhado com Brincantes que foram meus guias. Foi uma escolha que fiz para que os contatos fossem mais práticos e prazerosos. Poderia ter feito outra, mas em meio a uma variedade de Máscaras, optei por conversar com os Mestres e Mestradas, só com os Caretas mais velhos, visitando suas casas e sedes.

Construí um roteiro de entrevistas e conversei de início, com as pessoas indicadas como referências da Brincadeira, das Máscaras, sua Pedagogia e a Festa. A primeira dessas pessoas, que acabou me levando a outras Brincadeiras, outros Mestres, assim como a outras localidades, foi o Mestre Teco Agamenon, homem alto, de pele clara e voz macia, Brincante e artista plástico que usa de seu talento para valorizar ainda mais o Brinquedo e a Festa que por várias ocasiões me recebeu para conversar em sua casa ou na Casa dos Caretas. Em uma dessas ocasiões, ao ser perguntado qual a sua participação na Festa, respondeu:

Eu participo ativamente há mais de 50 anos, como Brincante, e foi com meu pai que aprendi a confeccionar as Caretas e ser incentivador do evento. Hoje, a responsabilidade tomou-se maior porque transmitir e ver cada vez mais jovens brincando é muito gratificante. É um desafio, é claro. A luta é infinita, na busca de melhorias para o evento e para que a Brincadeira se mantenha viva, haja vista a dificuldade do meio. Um município pobre, onde a escassez de recursos destinados à Cultura se torna cada vez mais difícil, mas eu acredito que enquanto houver força de vontade da comunidade, das autoridades em si, esse evento vai se estender por longas datas. (Teco de Agamenon)

Teco Agamenon, na sua fala, me diz muito, como Mestre da Cultura Popular de Triunfo-PE, fala na perspectiva do apoio do poder público à Festa dos Caretas e da Brincadeira. Que, mesmo não tendo recursos suficientes para todos os setores da administração, guardando um pouco para a festividade todos os anos. Quando pergunto a ele sua opinião sobre relação da Cidade com a Festa e respondeu-me, assim:

Demonstraçao clara e objetiva que a Cultura não parou em Triunfo, ela tá continuando, corre nas veias a Cultura do povo triunfense. O que se espera com isso...Eu digo como representante vivo da Cultura e também como Brincante ativo da festividade dos Caretas há mais de 50 anos, vejo a Brincadeira evoluir e trazer mais adeptos para a Festa: - que se busque o máximo conservar esse evento. (Teco de Agamenon)

A Festa para o Mestre e Brincante, é a vida da cidade, como um todo, e quando diz "não parou", apresenta a Festa como um elemento antigo da Cidade que comemorou seu centenário, e merece ser mantida. Mestre Teco não se esquece de citar certa necessidade de guardar a Festa e salvaguardá-la. A Festa aparece ainda na fala do Mestre Teco como item Cultural do município tornando-se elemento vital ao funcionamento da cidade, como um organismo vivo.

Triunfo não parece simples cenário ou palco para os Caretas na visão do Mestre Teco de Agamenon, mas, com os Caretas, o lugar acaba também se modificando e se transformando. E os Caretas apresentam-se, a si mesmos, e aos de fora por sua forma de brincar e festejar. E é assim que Triunfo gosta de ser vista.

Pensando ainda nas palavras do Mestre Teco, a Festa dos Caretas de Triunfo é vital e deve ser cuidada pelos "responsáveis", a comunidade e principalmente, os setores oficiais. Entre os últimos encontram-se a Prefeitura e a Associação dos Caretas. Quanto aos Caretas, propriamente ditos, Mestre Teco disse:

Há pessoas que passam o ano inteiro, pra se ter ideia, se preparando para que no período da Festa dos Caretas possam expressar, de forma mais dinâmica, o seu pensamento, através da sua criatividade, através digamos assim, de suas Máscaras.
 (Teco de Agamenon)

Pude constatar que nas conversas com os Brincantes e nas Festas dos Caretas, independente do lugar no qual acontece, a Festa é algo esperado por eles, mas o cuidado de deixar tudo pronto e organizado, não é só com o lugar onde vai acontecer a Brincadeira, mas com todo o seu processo, desde o tipo de traje com que vão se apresentar no período até a confecção das Máscaras.

Esses cuidados com os preparativos demonstram intenções subjacentes, como a do controle do evento, com a estética das Máscaras, suas roupas, música e a Brincadeira. Há também outras preocupações como a criação de produtos vendáveis, a criação de pontos Culturais e a criação de empregos, pelo poder público. E, neste sentido, o apoio da imprensa é fundamental como uma forma dos Brincantes obterem apoio do setor público à Festa com a promessa desta como um bom produto de consumo.

Continuo rumo em direção às conversas com os agentes diretos da Festa seguindo para a cidade de Major Sales interior do Rio Grande do Norte, mas refletindo sobre a realização das Festas, neste momento em que priorizo as entrevistas com os Brincantes dos Caretas que organizam a Festa. Cheguei a Simone Silva, Brincante e Filha do Mestre Bebé, diretora da Associação dos Moleques do Mestre Bebé. Simone, além de manter a ideia da importância da Associação na organização da Festa, apresentou-me, trazendo uma nova problemática: a da presença das mulheres nas Brincadeiras dos Caretas, na Festa, muito mais evidente nos dias de hoje (assunto reforçado mais tarde por outra Brincante). Perguntei a Simone qual era a sua participação na Festa:

Hoje sou diretora da Associação dos Moleques de Bebé. Eu faço parte dessa diretoria. Então desde pequena que eu sempre tive vontade de participar da Festa dos Caretas, mas papai nunca deixava, depois quando papai ficou velhinho, que eu fiquei à frente da Brincadeira junto com meus irmãos, juntei amiga que também sempre quis brincar e começamos a participar assim. (Simone Silva)

Simone mostra, na sua fala, o caminho já apontado por Mestre Teco: o da aproximação entre os poderes políticos e, os Mestres e Mestras que fazem as suas Brincadeiras na Festa. Também a própria Simone é marca, assim como Mestre Teco, de ter uma presença do setor Cultural, ativo na organização da Festa. Mas não fecho tal observação acima ainda, pois com o andamento da pesquisa percebo que os mesmos discursos sobre essas questões são ditas em quase todas as cidades em que passei. Mas os Brincantes dos Caretas em todo o Nordeste, em sua maioria, são ainda os trabalhadores pobres e com pouca escolaridade.

Entretanto, apesar de quaisquer diferenças de renda, educação ou comportamento, Simone considera que essas diferenças se tornam irrelevantes quando os Caretas estão trajados e, para ela, desaparecem todas as diferenças do cotidiano, nos momentos das Brincadeiras.

Tal igualdade está nas palavras da própria Simone. Transcrevo abaixo sua fala sobre a presença das mulheres na Brincadeira, apresentando de maneira simples, uma universalidade e liberdade, sem preconceitos dos Brincantes de aceitar todos aqueles que queiram participar da Brincadeira. Ela descreve a Brincadeira como sendo um espaço em ação sem barreiras e preconceitos:

As Festas dos Caretas seja, ricos, pobres, mulheres, homens, todo mundo brinca. E quando você está com aquela Máscara todo mundo se torna igual. Você pode ser pobre, você pode ser rico, todo mundo tá lá junto e misturado. Quem quiser brincar, brinca. Da criança ao adulto. Não é uma Festa que só quem está Máscarado brinca não. Por exemplo, você tá aqui. Chegou de Pernambuco. Você tá na minha casa. Vamos brincar? Vamos. Aí juntou, vamos pra rua brincar de Careta. Pronto. É assim a Festa. (Simone Silva)

Suas palavras marcam também a participação das crianças, fato igualmente observado por Thiago Souza, articulador Cultural dos Caretas dos Bobos Gaiatos da cidade de Porto de Pedras (AL). Ele nos apresenta como as possibilidades de renovação da Brincadeira com a presença das crianças. Pude constatar mais tarde, que essa presença infantil se constitui como parte primordial na personificação da Brincadeira nas comunidades, sejam elas rurais ou urbanas, dentro da construção de uma ritualização celebrada por Caretas e não-Caretas.

Indaguei a Thiago Souza se as diferenças sociais entre os Brincantes e a presença das crianças na Brincadeira são tão relevantes no cotidiano do município, ou se tais diferenças não acabavam sendo formalidades. Isso me faz lembrar de Bakhtin que fala das Festas de Rua na Idade Média e da possibilidade das pessoas se verem igualadas nestes momentos, seja do ponto de vista econômico, social e educacional. E traz:

Esperança Popular num mundo melhor, num regime social e econômico mais justo, numa nova verdade o lado cômico Popular da Festa tendia a representar futuro melhor: abundância material, igualdade, liberdade. Ela opunha-se à imobilidade conservadora, à sua atemporalidade, à imutabilidade do regime e das concepções estabelecidas, punha ênfase na alternância e na renovação, inclusive no plano social e histórico... (Bakhtin, 1976, p.70).

Ao olhar para a Festa dos Caretas no Nordeste, em pleno século XXI, vejo as faces que as Máscaras dos Caretas possuem, que é humor, mistério, o medo e a vontade de apresentar-se e unificar participações tão divididas no cotidiano da Cidade. Para participar da Festa dos Caretas é apenas querer brincar e se divertir. Qualquer um pode participar bastando querer. E todas as crianças, sejam elas pobres ou ricas, vão brincar, se encantar com a Máscara e com o modo que aquele Careta vai brincar na rua imitando e querendo estar junto. E, em resposta à minha pergunta, Thiago Souza fez a seguinte análise:

Apesar de planejar a Brincadeira e as ações socioeducativas com as Máscaras, a gente trabalha muito. Ainda hoje há preconceito em relação à Festa dos Caretas. Você vê como eu vejo que é uma Festa Cultural. Que é uma Festa folclórica. É uma Festa? Hoje em dia a gente tá em pleno século XXI e uma coisa de 30 anos atrás, 40 anos atrás, 50 anos atrás pode ainda existir. Mas só existe porque a presença das crianças faz com que ela seja renovada a cada ano que passa. Mas as pessoas que moram aqui, muitas delas, não são todas, têm aquele preconceito com a Festa dos Caretas. Para algumas a Festa não presta, que é coisa de desocupado, coisa do Diabo, acredita?! É uma Festa, as pessoas não têm aquela visão Cultural, social e principalmente educacional que a gente tem. Entendeu? (Tiago Souza)

Há pessoas que não apoiam a Cultura e não querem sonhar, fato lamentado por uma porção de gente e isso é bem óbvio. Já outros não lamentam tanto, pois aqueles desgostosos da Brincadeira acabam sendo alvo das estripulias destes. Continuo minha caminhada rumo àqueles que querem falar sobre a Festa dos Caretas no Nordeste, sempre acumulando experiências e refletindo.

No caminho encontro Mestre Sebastião Chinês, da cidade de Caxias, interior do Maranhão. Agradou-me conversar com ele, tanto pelo fato dele ser diretor dos Caretas do Reisado Encantos da Terra e Brincante, como também pelo fato de poder apresentar mais um ponto de vista de como as crianças renovam a Brincadeira e como ela, a Brincadeira, está presente na comunidade.

Tive uma conversa com Sebastião Chinês em um sábado à noite. Pensei poder falar com algum Brincante no mesmo dia, mas foi-me impossível encontrar com alguém antes da segunda-feira. Perguntei a ele sobre sua participação na Festa e ele respondeu: “*eu só participei agora que sou diretor do grupo e já adulto. Quando já não morava mais com os pais e, mesmo agora, brinco tentando o máximo não ser identificado, perguntei se não dava mesmo para ser reconhecido.*” (Sebastião Chinês). Ele contou que as pessoas desconfiam e até arriscam perguntando, mas não podem afirmar.

O motivo do não reconhecimento faz parte da própria razão de ser da Brincadeira, tanto para Mestre Sebastião Chinês, como para qualquer outro Careta. Mas no caso de Sebastião e outras crianças "Brincantes" soma-se o motivo de serem crianças. Carregando o sentimento de não alegria, por parte de seus pais, em não quererem seus filhos tornando-se Caretas. O homem adulto também não deve ser reconhecido, quando está trajado. Perguntei ao Mestre Sebastião, pensando no que foi colocado sobre a participação das crianças, se ele vê a Festa como algo que unia o município, e ele me respondeu assim:

É uma comunidade que se Mascara. E aí onde é uma comunidade todo mundo é igual, não diferencia tanto. Diferencia na rua quando vem um Careta a gente tem medo ou acha graça em suas estripulias. De repente, se vem um grupo a gente já não tem (medo) como de um só. Você encontrar um Careta numa esquina já tenta descobrir quem é, de ver as crianças Máscaradas correndo. E aí tem muito essa questão da noite e do dia. À noite a figura do Careta dá medo por se tratar de adultos brincando, já durante o dia não, por ter a família toda brincando. (Mestre Sebastião Chinês)

As palavras de Sebastião confirmam o que disseram alguns dos Mestres com os quais conversei durante a pesquisa sobre a ausência de diferenças no transcorrer da Festa/Brincadeira, mas trazem uma expectativa diferenciada, quanto à participação dos Brincantes, sejam eles adultos ou crianças. Para Sebastião, a Festa que ocorre nos grandes centros urbanos apresenta diferenças marcantes em relação à Brincadeira realizada nas comunidades rurais. A Festa organiza, para o Brincante, uma certa originalidade, traduzida como um distanciamento maior em relação às origens, estas mais respeitadas nas Festas realizadas nas localidades.

Eu acho mais original. E tanto que tem comunidade que a gente não consegue trazer pra zona urbana. Eles preferem fazer a Festa deles, e aí eu acho que fica bem mais próximo das origens. Porquanto do próprio meio, né, rural. Eles, as pessoas que moram nos sítios, eles têm mais essa questão mais de Máscara, mais parecida. De traje, mais parecido com essa coisa mais original. (Mestre Sebastião Chinês).

A zona rural tem o mérito, para Sebastião e para outros "Brincantes" dos Caretas do Reisado Encantos da Terra, de ser a localização inicial da Festa dos Caretas em Caxias que atrai muitos outros Brincantes de outras zonas rurais que a circundam. Continuo minha rota chegando a Cajazeiras, sertão paraibano, para conversar com o Brincante e amigo Felipe Lins, neto do Mestre Antonio da Silva Lins. Seu Antonio é de poucas palavras por ser bastante tímido, deixando sempre que o neto fale bastante orgulhoso que Felipe hoje tome a frente da Brincadeira.

Saio de minha cidade Natal sabendo que tudo merece ser olhado, discutido, investigado e que os Caretas de Judas de Cajazeiras se diferenciam de outras Festas tanto pela presença massiva de crianças quanto pela utilização de Máscaras industrializadas. É possível perceber na fala de Felipe Lins o cuidado que se tem em levar essa tradição para a zona rural assim como para a cidade:

Hoje, um dos interesses também da gente é que a tradição também se estenda por toda a zona rural também. E o objetivo, é exatamente esse, que a Festa não passe a ser somente uma comemoração da cidade em si. Da sede. Mas de toda, de todo o município. Principalmente da zona rural. Para o ano, a gente tá pretendendo é resgatar o máximo essa Cultura de origem. (Felipe Lins)

Felipe tem uma fala de grande riqueza, que envolve diferentes categorias como tradição e Cultura de origem. Agora, quero refletir sobre o momento em que Felipe fala a respeito da intenção de estender a Festa à zona rural. Cajazeiras já é uma cidade ruralista, que envolve os Brincantes que moram em sítios. Ao mesmo tempo em que a cidade traz a ideia da Brincadeira com aspectos primitivos, animalescos e simplistas.

Acrescento ainda o modo como o entrevistado apresenta o caminho da Brincadeira na zona rural da Festa: começa-se a elucidação da questão por meio de outras falas. “Tem comunidade que a gente não consegue trazer pra zona urbana. Eles preferem fazer a Festa deles, é diferenciada daquela que acontece na cidade”, pontua. Logo entende-se que este modelo de Festa redimensiona a concentração dos “Brincantes”, em vários espaços de apresentação, em dados momentos, e, com o intuito de melhor organizá-la, o que pode também facilitar certa exploração econômica do evento. Quando perguntei sobre a Festa na zona rural, Felipe Lins disse:

Eram aquelas Festas isoladas. Mas hoje trouxemos mais Brinquedos pra cá. Concentrar mais. Não que a gente não queira que eles brinquem lá, a gente quer. Pra não ser aquela coisa, “Ah, da zona urbana: A gente quer que seja o município onde a Brincadeira seja viva”. Mas é bom da Brincadeira é na passeata do “pau do Judas” eles estarem presentes têm filmagens, televisão pra divulgar a Festa. Divulgar a comunidade deles, os sítios deles”. Eles vieram só tomar parte. Mas, voltaram pra fazer a Festa deles. Quando eu digo eles não vêm, quero dizer que, eles não deixam de fazer a Festa deles pra fazer parte de uma Festa só. “Por exemplo, a gente foi convidá-los, e eles vieram tomar parte um dia na Festa, e aí voltaram pra fazer a Festa deles. (Felipe Lins)

A participação na Festa não tira do Brincante seu direito de brincar onde é de sua tradição, juntamente com seus familiares, e incentivando, de certo modo, uma única maneira de ser Careta. Certas características vindas com a origem da Festa, ligada à zona rural. Já outros modos são tidos como impossíveis ou não convenientes de serem mantidos. Nas falas de Felipe sobre o modo como a Festa seja na zona rural ou na zona urbana se diferencia de acordo com as localidades, nos faz refletir:

Eu diria que essa Festa nossa, por mais que a gente diga Popular, é uma Festa com mais organização, nos preparamos bem antes da Festa acontecer, é mais elitizada. Porque é tudo organizado. Tem uma comissão feita pelos Brincantes. As Máscaras dos Judas é uma obra de arte desde o cortejo à malhação do boneco de Judas, quer dizer, faz pena você colocar, num mastro pra derrubar. Porque é perfeito. E aí, eu acho, que a gente fugiu um pouquinho. Ou talvez não tenha fugido, talvez seja um grande sincretismo, essa Festa é nossa. E fica assim uma coisa bem particular. (Felipe Lins)

Com o discurso dos "Brincantes" e organizadores da Festa na zona rural e urbana, segui a viagem rumo a outras localidades onde os Caretas brincam. Lembro-me de outra Festa: os Caretas de Potengi, interior do Estado do Ceará na região do Cariri. Essa Festa rural é símbolo do município. Fui com o Mestre Antônio Luiz que me ensinou sobre a Brincadeira. Segundo Océlio Teixeira de Souza na sua dissertação de Mestrado que discute o processo de estilização e construção de tradição:

Os grupos, nos seus sítios, preservam algo natural, esquecido, que não existiam mais na cidade. Era necessário trazer esses grupos e mostrá-los às pessoas que moravam na cidade. Com isso se recuperava uma parte da Cultura do município. (Souza, 2015, p. 58)

A tradição como prática recorrente tem o objetivo de agregar valores e normas aos comportamentos, através da repetição de rituais de ligação deste com um passado longínquo da comunidade. Não podemos deixar de comparar o pensamento do que Océlio diz com o que ocorre com Brincantes e seus Caretas. As falas de Felipe Lins nos trazem a ideia de um modelo de Festa, que se firma a cada ano, mas não sem interferência. Porém a anos que a Brincadeira vem se transmutando, mas não perde sua essência.

Felipe Lins, claro, sabe da existência da Brincadeira nas localidades, e até é bom que assim aconteça, o que lembra a análise de Océlio sobre a Festa a respeito das comunidades rurais que fazem suas Festas de forma mais tradicional, onde são mais longe dos centros urbanos, das expectativas e condições estruturais que oportunizam a visibilidade dos centros urbanos terem o poder de fazer a Festa, olhá-las, relembrar e, ao mesmo tempo, formular algo condizente com as suas expectativas atuais, mas não totalmente fora de uma ligação com o passado longínquo da comunidade.

Câmara Cascudo define "tradicionalismo" como: "Conjunto de valores considerados essenciais à vida em sociedade e que abrange, entre outros, os aspectos éticos, filosóficos, cívicos, associativos, recreativos." (Cascudo, 1999, p. 693) Portanto, tais valores em sociedade mudam, em dado tempo, nestas sociedades, ou seja, são construídos ou reconstruídos.

Fui conduzido por algumas pessoas a uma casa simples de três ou quatro cômodos, em forma de uma linha reta, tipo um corredor, tendo os espaços separados por cortinas. Mais tarde, fiquei sabendo que era a casa do senhor Antônio Luiz, Mestre e responsável pela Brincadeira em Potengi. Sua casa é também o Museu Orgânico dos Caretas de Potengi. Enquanto conversávamos, a turma dos Caretas chegava e se reunia junto às mulheres, crianças e alguns jovens ficaram no compartimento do meio da casa e, outros no terreiro do lado de fora a nos escutar e, em alguns momentos, apareciam para dar algum palpite na conversa ou só para olhar mais de perto para mim.

Ao longo do tempo o processo de fazer a Festa e brincar de Careta vem sofrendo alterações, tanto nos seus modos operantes, na confecção das Máscaras e vestimentas, quanto na sua forma de transmitir a Brincadeira (Pedagogias) e no seu brincar, mas as mudanças podem ocorrer de maneira espontânea ou reguladas, o que é importante pensar sobre costume e tradição. Hobsbawm na Invenção das Tradições marca tal diferenciação: "Tradição tem a marca da invariabilidade, estabelece com o passado uma continuidade artificial." (Hobsbawm & Ranger, 1997, p. 10) Ou seja, estabelece práticas fixas e pouco adeptas de mudanças nos seus rituais de estabelecimento. Enquanto os costumes para Hobsbawm são volantes e motores das sociedades tradicionais adeptas de mudanças que enriqueçam suas práticas.

As localidades possuem semelhanças. As cidades dos interiores do Nordeste, as cidades rurais se mantêm intactas tanto na forma de manter suas vidas pacatas, como de rezar e de "Festar". As cidades da zona rural assemelham-se a espaços do mesmo tipo de outras cidades do interior do Brasil. Os Caretas de Ribeirópolis no interior de Sergipe se igualam por sua primazia e pela Brincadeira que mantém sua tradição. Apresentado no XLV Encontro Cultural de Laranjeiras em 2019 foi através do José Robustiano de Menezes (in memoriam) que os Caretas de Ribeirópolis em suas condições me fizeram lembrar outros Caretas que são dos interiores.

Fui a Ribeirópolis por duas vezes. Uma, em 2019, e outra no ano seguinte. Quando retornoi, em março de 2020, não consegui encontrar os primeiros entrevistados e foi difícil entrevistar mais de uma vez um Careta nas localidades de Ribeirópolis. Continuo a lembrar de nossas discussões sobre diversidade Cultural e como é difícil para as comunidades produzirem suas vidas, seja na área Cultural, social, quando não podem garantir sua sustentação econômica nos locais onde moram.

Em um sábado, em um dia de feira no município, pude conversar melhor com seu José Robustiano. Ele falou da esperança de ir brincar com os Caretas, e de como a cidade se renova a cada ano quando acontece a Festa. Falou também que essa esperança se renova pela volta de seus filhos e daqueles que foram embora buscar uma melhor vida. É nesse momento que a Festa se abrilhanta. Mas no resto do ano, Ribeirópolis é um lugar silencioso durante as noites da semana, com suas casinhas.

Nesses dias em que estive em Ribeirópolis, em uma das ocasiões pude conversar com três homens com mais dois Brincantes, além de seu José Robustiano: João Caetano e Geraldo Pereira. A conversa com os três foi um tanto engraçada. Cheguei à uma hora em que estavam limpando sua casa para ali realizarem uma "Festa" e a saída da Brincadeira, na verdade, dali se inicia uma bebedeira, ao som de uma pequena banda e um conjunto.

João Caetano, homem de pele e olhos claros, tinha chegado recentemente de Minas Gerais para onde tinha ido trabalhar, mas segundo ele, não tinha dado muito certo. E agora, resolvera voltar, com 36 anos de idade, terminar os estudos e trabalhar na roça com o pai, até um dia voltar, mais preparado, para Minas Gerais, tentar novamente. Geraldo Pereira, com 49 anos e uma aparência física cansada, pele preta e olhos amarelados, bastante ansiosos, ficou o tempo todo em pé, no decorrer da conversa. Mas bem alegre e cheio de humor, com intromissões e piadinhas entre as falas dos outros dois homens.

Já seu José Robustiano, com quem havia conversado anteriormente, não me disse a idade, mas presumi, pela conversa principalmente, que tinha entre 60 e 65 anos. Perguntei a eles em que período acontecia a Festa dos Caretas, e João Caetano apressou-se em responder, como aconteceria na maior parte do nosso diálogo. Apenas quando seu José Robustiano tomou confiança, falou mais, foi que João Caetano retraiu-se um pouco, mas confirmava com a cabeça ou completava as explicações dadas pelo mais velho.

Geralmente os Caretas começa na “quarta-feira Santa”, aqui, né. Quarta-feira, terça-feira. Começa na segunda. Começa a criançada e tal, começa animar. Na quarta-feira começa a ficar mais forte porque já vem o pessoal mais adulto, começa animar mais um pouquinho. (José Robustiano)

Quando perguntei se eles brincavam de Caretas, tanto João como Geraldo respondeu que sim, e completaram dizendo que brincavam com toda a "rapaziada" do local. Imediatamente, José Robustiano me disse que aprendeu com os mais velhos, mas foi com o seu pai que pegou gosto pela Brincadeira. Foi completando essa fala que José Robustiano afirmou que tinha sido a geração dele que tinha brincado de Careta ali, a mesma geração que teria fundado a localidade de Ribeirópolis. Os três abaixo dão uma descrição da Brincadeira na localidade:

Geraldo Pereira: *Eu só fazia pedir, uns trocados, aí. E andar nas roças por aí pedindo ao dono que tinha roça: milho, cana para botar no círculo, não sabe?*

João Caetano: *Roubando!*

José Robustiano: *Balançar o "chocalho", cantar música... Aqui a gente não rouba porque aqui não tem o que roubar... (risos). A gente pede. Perde milho, cana. A gente pede, e os donos dão. A gente coloca no círculo, lá... e fica lá no círculo. Equando é no dia de domingo, quando vai derrubar o "Juda"... A gente, a gente vai... As pessoas que vão roubar o "circo" ... Nós que brinca Careta, nós que "vamo"... Porque têm as pessoas que vai roubar do "circo" e as coisas do "circo" são dos Caretas, né? Os Caretas vão, fica lá na portaria lá pra ninguém roubar. E se roubar, mas tem a distância num sabe? De roubar. E a gente dá na pessoa que tá roubando se alcança até na lista lá, a gente dá, se não alcançar a gente volta...*

João Caetano: *Fica com o que tirou lá. Se ele apanhar e conseguir sair apanhando ele também fica...*

Em Ribeirópolis, a Festa dos Caretas acontece no período da Semana Santa. Lá os Caretas têm a tradição de recolher donativos para serem distribuídos para os mais carentes, e algumas das doações ficam para a festividade. Curioso sobre como ela acontece continuei perguntando sobre a origem da Festa. Seguiu o diálogo abaixo:

Tudo o que eu sei vi meu pai fazendo, naquela época não tinha televisão, hoje existe esse tipo de coisa. Mas naquele tempo de nós pra trás, tudo é coisa de natureza. Não tinha quem ensinasse a gente, a gente aprendeu aquilo de natureza mesmo! Por causa da Semana Santa, existia aquelas palhaçadas. Via aquelas coisas, foi aprendendo aquelas coisas, a gente mesmo, de natureza mesmo. Aquilo é coisa normal. "Tamos" falando de uma tradição. (José Robustiano)

Em nossa conversa senti que atrapalhava, mas conversei com os três ao mesmo tempo, ali mesmo, enquanto um grupo de mais ou menos oito outros homens esperava do lado de fora da casa. A noite chegou e a Festa iria se iniciar. Às vezes vinha algum barulho de fora.

Seguindo pela estrada em direção agora à cidade de Boa Hora cidade do interior do Piauí, cerca de duas horas e meia da capital, me deleitei com a vista do centro da cidade em meio aos preparativos da Festa. Fui ao encontro de um dos pagadores de promessas: assim são chamados os Brincantes da Festa dos Caretas nesta região. Lá conversei com o Mestre Raimundo Nonato, ou Seu Nonato, como é mais conhecido, e seus cinco filhos, sendo que gravei entrevistas com três deles: os dois rapazes que estão mais envolvidos na organização da Brincadeira na localidade e uma das duas filhas, que fica no preparativo das roupas e manutenção das Máscaras dos Caretas.

Claudio Nonato tem 43 anos, filho mais velho de seu Nonato, sempre trabalhou na roça e seu sustento vem da venda do leite. Como seu pai, nasceu em casa, na cidade de Boa Hora. A respeito de sua participação na Festa dos Caretas, informou-me:

A minha participação, minha aqui, é mais organizando e também brincando, junto com toda turma aqui. É uma tradição de todos os anos nossa família pagar promessa. Todo ano eu realizo uma Festa assim com a participação de todos e todos colaboram. É uma tradição de muitos anos! E que não se acaba não. (Cláudio Nonato)

Marcio Nonato tem 18 anos, é o seu filho mais novo, pensa em fazer faculdade. Mas caminha na direção de ser técnico de enfermagem. Márcio é um líder: a forma como se expressa, a força ao apresentar a ideia de a Brincadeira de Careta ser uma necessidade deles, de Boa Hora e a ideia de dar continuidade à Brincadeira logo chamam a minha atenção. Reparo, que quando em 2020 conversei com seu Raimundo Nonato ele respondeu às perguntas que formulei, de forma espontânea, e com um jeito sério de estar a fazer um serviço de grande importância. Sobre a Brincadeira e o Festival dos Caretas de Boa Hora, o Mestre Márcio afirma:

Sou estudante de enfermagem, em Teresina. Mas trabalho alguns dias no PSF (Posto de Saúde Familiar) aqui de Boa Hora e a outra parte na agricultura com meu Pai. Dou um suporte pra meu pai. Ajudo na questão que nós temos um sítio ali. Nós plantamos aquela questão da agriCultura mesmo. Familiar. Nós temos plantação de mandioca, milho. Criamos alguns animais: gado, porco, aves em gerais. Agora eu sempre gosto da área de cuidar, na área da saúde, quando chegar a hora quero cuidar do meu “veio” e de minha “veia”. Já prestei vestibular na UFPI lá pra Medicina. Não fui aprovado, mas...foi em ano passado (2019), voltei. Tô fazendo esse curso de enfermagem. Voltei só um pouco no caminho, mas eu gosto dessa área Enquanto não vou fico aqui brincando e pagando nossas promessas. (Márcio Nonato)

A ideia de Márcio ser um líder em formação confirmou-se em conversas sobre a tradição de pagar promessas com os Caretas. Seu Nonato já segue na terceira geração, seus netos já brincam, sua relação com a cidade é uma relação de amores e desamores, seu Nonato me confidenciou que quando era novo foi muito perseguido, pois era tachado de vagabundo e desordeiro, mas está feliz com a evolução da Brincadeira e com o envolvimento dos políticos locais. Desde os anos 2000 que a cidade de Boa Hora vem abraçando a Cultura dos Caretas.

Sempre sorridente, seu Raimundo Nonato fala que ainda existem pessoas que se acham os donos dos Caretas e da Festa, em uma nítida referência à política do município dominada, desde tempos da rapadura, ou da oligarquia que mandava na região, através das famílias tradicionais que proibiam a Festa quando seu Nonato era jovem.

A Festa dos Caretas de Boa Hora começa no início de janeiro e vai até dia seis, "Dia de Reis". Em Boa Hora, os Caretas dos Pagadores de Promessas passam todas as noites da semana a andar pelas ruas da cidade, caracterizados, pedindo "esmolas" nos sítios, onde se realizam Festas ao som de forró. E recebem com alegria os Caretas "Caretados" da região.

Os filhos de seu Nonato falam que a Festa da cidade é organizada pela prefeitura de Boa Hora. *"Uma Festa muito grande também"*, diz Márcio que se orgulha da Festa feita por eles na localidade, pois em Boa Hora tem tudo: as passeatas, jogos durante o dia, e os pagadores de promessas à noite na arena Forró dos Caretas. E a cada ano os pagadores de promessas contam com uma quantidade de Caretas razoável, mas sempre a Brincadeira tem um número variável de Máscarados. Então com uma boa quantidade de Brincantes, dificilmente a Brincadeira se acabará: uma das realizações de seu Nonato e de todos nós que admiramos a Cultura Popular.

A caminhada prossegue e vou conhecer mais outro grupo de Caretas, os Caretas de Maragogipe, cidade do Recôncavo baiano. Fica a mais ou menos 160 km de Salvador. A pequena cidade é composta de casas simples com construções de arquitetura colonial no centro. A Festa dos Caretas de Maragogipe acontece no período do Carnaval e, diferente de outros Caretas desse período, é pensado de forma lúdica, ao mesmo tempo traz o medo e o mistério. A organização da Festa tem a característica de dispor de um pouco mais de infraestrutura, um pouco mais de estabilidade financeira, pois é um marco para o turismo da cidade.

Severino Ferreira, conhecido como Pelé, amigo que fiz em minha estadia na cidade nas noites de Carnaval, é um senhor de 65 anos, é um dos organizadores dos Caretas e da saída na Festa junto com seu irmão, Adeilton Ferreira. Participam, ainda, outros jovens do local. Os Brincantes dos Caretas de Maragojipe são em sua maioria rapazes. Em Maragogipe acontece o que se repete nas outras partes da zona rural: a organização da Festa fica por conta daquelas famílias com um pouco mais de estrutura financeira. Não são ricos, mas têm um pouco de condições. Naquele ano que estive em Maragogipe, a Festa era organizada por Pelé e seu irmão. Os dois têm sempre certa inserção na vida da comunidade.

Adeilton tem 47 anos, nasceu em Maragogipe, assim como os seus pais e irmãos. É um moreno alto, de sorriso fácil e sem inibição ao falar. Bastante seguro em suas respostas, ajudou-me quanto à descrição das etapas da Brincadeira e também para entender no que consistiria a diferença entre Brincadeira e Festa no município. Perguntei sobre o começo da Festa da cidade e ele respondeu:

Olha, é, os Caretas da nossa região, da nossa cidade já existem há algum tempo. E a gente começou a participar saindo daqui pra Brincar em Salvador, em Acupe tudo pela Secretaria de Cultura. E, é, nesse período, antes desse período da gente ir participar lá, a gente ficava aqui mesmo, tinha um dia, em onde todos os anos faria um ritual. (Adeilton)

Adeilton e Pelé, além de Caretas, são membros também da organização da Festa, também se envolvem com outras Manifestações Culturais da cidade, e há seis anos os mesmos organizam o grupo sendo lideranças da Brincadeira dos Caretas. O fato é que os Caretas de Maragogipe saem sempre e, sobre a Brincadeira acontecerem como um ritual, fiquei logo curioso com o termo e pedi mais esclarecimentos de Pelé, que me respondeu com a descrição dos processos da Brincadeira:

Colocaria ali (apontando para frente de sua casa) uma mesa para iniciar o ritual. Naquele ritual colocaria algumas coisas, tipo: banana, cacho de banana, cana, é, algum outro objeto comprado no comércio e colocava. E, aí, algumas pessoas de fora, que entravam observando para pegar e os Caretas eram que ia marcar aquele território, então, não ia deixar ninguém passar para não tirar o tesouro da Brincadeira. Então, quando as pessoas passavam, Os Caretas tinha o hábito de zombar. Então as pessoas, geralmente saiam rindo ou com medo dos Caretas, (risos). (Severino Ferreira-Pelé)

Para ser Festa completa tem que ter não só a caracterização dos Brincantes de Caretas, mas um conjunto de outros elementos como as casas e a música. É o que Pelé chama de ritual. Para os Brincantes, a Brincadeira acontece em todo o período de Carnaval. O que me chama atenção nos Caretas de Maragogipe é a presença de figuras denominadas "Papangu", tão semelhantes aos Caretas dos Papangu de Bezerros-PE. É uma figura Máscarada chamada Papangu, vestidos com camisolões ou dominós (espécie de batina com capuz, ornada de guizos e de variadas cores), isolados ou em grupos, andavam pelas ruas, a dizer graças e perguntar em voz de falsete: Você me conhece?

As vestes dos Papangu assemelham-se à dos Caretas de Maragogipe, é de se notar ainda a pergunta formulada pelos Máscarados tanto em Pernambuco como em Maragogipe Bahia, como Clementina e Caterina nos informam: "Você me Conhece?" Incógnito deve ser o Máscarado e as reações de ele podem, antes e agora, serem demonstradas, tanto pela gozação como pelo medo das crianças. Ou mesmo às críticas à ordem local, às autoridades políticas e às religiosas ou aos "bons costumes".

Mistura de divertimento e medo que os Papangu despertavam nas crianças, muitas vezes munidos de chicotes, fosse para defesa (cachorros) ou para fustigar aqueles que tentassem levantar-lhes o capuz. E tais práticas, com variações regionais e temporais, incluíam aspersão de água, outros líquidos e de farinha de trigo e pós, os grupos de Máscarados; canções e danças. Outros elementos constantes eram os bonecos representando o Carnaval, um comilão e beberrão gordo, alegre e sensual e agressões verbais (insultos e músicas grosserias). (Oliveira, 2004, p. 29)

Diferentemente de qualquer outro Careta, os Brincantes fazem sua Festa para que os "Brincantes" festejam coletivamente, os Caretas aproveitam a Festa em Maragogipe como espaço para suas reivindicações de melhoria para sua comunidade. Reclamar e ironizar a falta de água e o transporte coletivo, que inexiste em Maragogipe. E, como mostram as palavras de Pelé, pode-se apontar a possibilidade de organização diferenciada, mostrando que a coletividade do grupo de Caretas, deixa claro, a força da localidade junto aos representantes públicos que, com certeza, se encontram todos os anos no evento assim como a imprensa.

Às vezes que parei para prestigiar, ou mesmo para acompanhar os Brincantes na Festa era, sem dúvida, os Caretas de Maragogipe que se destacavam em meio aos outros Brincantes. Lembrei, mais uma vez, das palavras de Pelé e de Adelton sobre a não diferenciação entre os Caretas, desejada mais que concretizada, como mostram os Caretas de Maragogipe, o local de onde vêm nunca se dispersando, sempre em bloco, com trajes idênticos, participam dos arrastões em meio a Festa.

O Careta revela muita coisa. Uma que ele também mostra o lado crítico das coisas. Inclusive, quando você participa, quando a turma aqui participa fora a gente sempre costuma levar quando vão pra Salvador, uns cartazes falando algumas coisas, solicitando outras para tentar mostrar a sociedade. (Severino Ferreira-Pelé).

Pelé apresenta sua concepção de Caretas e o papel que a Festa\Brincadeira exerce no município, "É Cultura, é política envolve tudo isso." E ao participar da Festa nos arrastões onde colocarem os Caretas, eles de alguma forma se Manifestam para serem ouvidas suas palavras e reivindicações. É, portanto, um espaço político. E sendo a Festa, como ele colocou, uma Brincadeira que ele aprendeu com os mais velhos, faz parte da Cultura e deve, com certeza, ser confirmada pelas novas gerações. Tanto Pelé como Adeilton se orgulham de mostrar o quanto é importante brincar com os Caretas na cidade.

Pelé fala que ao se reunirem, os rapazes, eles e outros "Brincantes" caminham trajados em grupo e a pé de seus bairros até o centro ou lugar combinado no Município para se juntar aos outros Caretas nos blocos organizados por lá. A principal motivação são as Brincadeiras realizadas no meio do caminho, ou mesmo nos blocos propriamente ditos. A Brincadeira de trajar-se e andar por outras ruas, bairros, como fazem, entra como parte do cotidiano deles, como a fala de Adeilton confirma: "*Nós 'fizemo' aqui pra levar pra lá pro Salvador. Pra participar. Que lá é o foco do Carnaval da Bahia e lá vamos ser mais notados*".

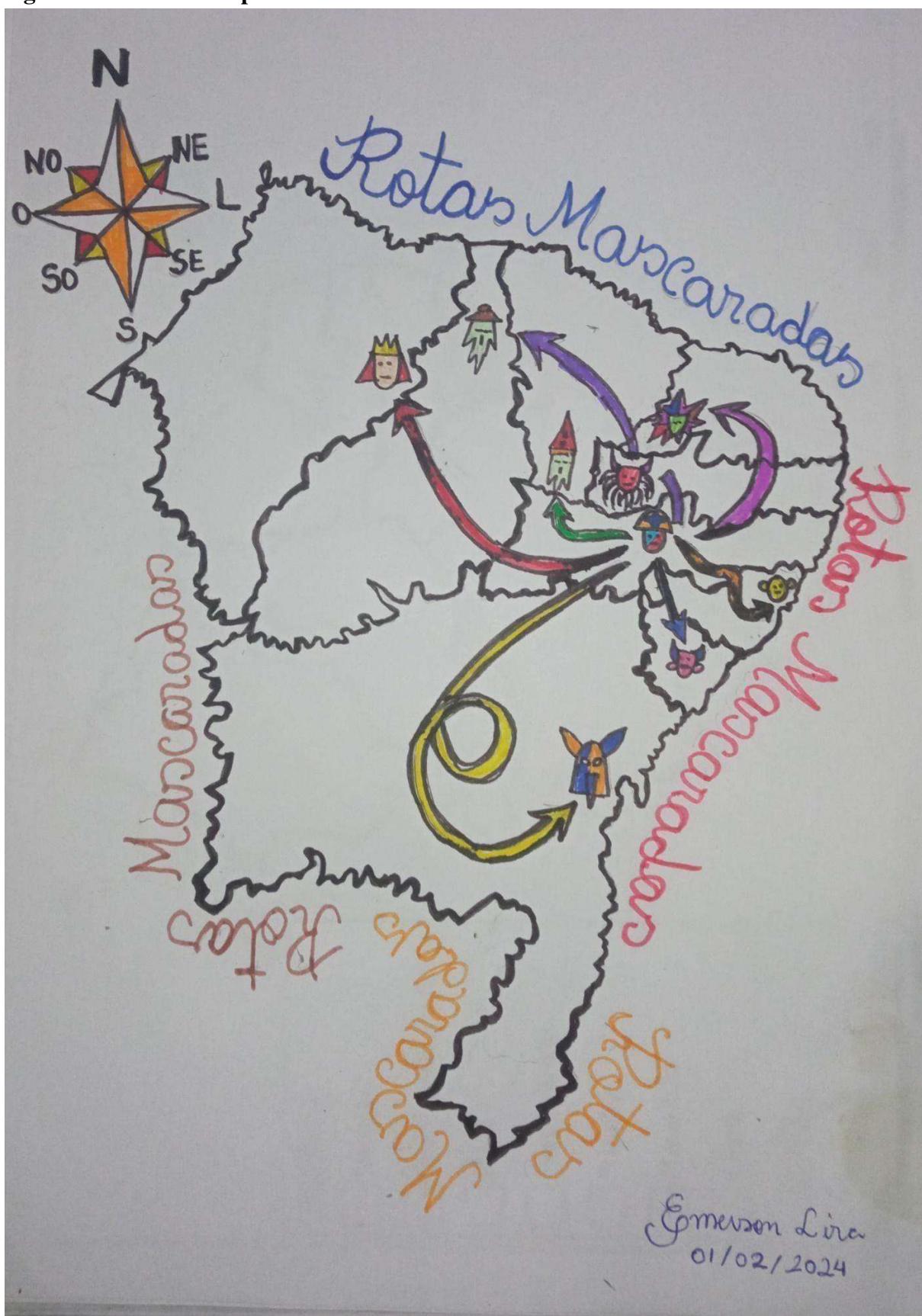
Saio da casa de Pelé pensativo e admirado com a consciência cidadã daquele Careta. Fiquei pensando em certas análises que colocam o homem do campo como ingênuo, o que Pelé de cara desmente. Ele diz que precisa de luta, que a Festa e ele, junto com os outros Caretas de sua localidade, elaboram seus próprios usos e interesses, para que suas reivindicações estejam presentes nela. Não posso deixar de refletir sobre a atitude dos Caretas de Maragogipe que parece, à primeira vista, bem diferente da atitude de outros Caretas do Nordeste e estes que parecem não enxergar o espaço da Festa como espaço de importância para estarem presentes nele realizando sua própria Brincadeira.

Interrompo minhas reflexões, pois as Brincadeiras dos Caretas no Nordeste são brincadas em vários ciclos festivos como Natal, Carnaval e Semana Santa, se brinca de dia e de noite, caminhando por toda a região em passeatas, blocos ou cortejos, vestidos com roupas multicoloridas ou recobertos de folhas de bananeira com suas Máscaras seja elas de couro, pano, de papelão sobre os rostos, são os Caretas em movimento, em processo. Movimento que é realizado, ativamente, em suas andanças pelas localidades e, em processo, porque a significação muda de acordo com o tempo e de acordo com o espaço que o "Brincante" ocupa. As falas dos entrevistados apresentadas são portadoras de versões em torno das Festas dos Caretas em todo o território Nordestino e, sua significação para os grupos que dela participam como ocupam o espaço físico da Cidade e da vida das pessoas durante um período de seus ciclos festivos, ocupando seus espaços que é territorial, mas é igualmente social e político. Com o contato com os "Brincantes" através das entrevistas, fui verificando como, na história local, o discurso sobre a Festa divide-se para depois unificar-se em uma prática construída, inventada por seus produtores coletivamente.

E acabam aguardando os dias da Festa/Brincadeira com anseio por aqueles que são "Brincantes", organizadores, "ex-Brincantes", mas também por outros agentes que fazem a Festa acontecer ou são inseridos, como: moradores, instituições como a Prefeitura, Igreja e polícia, além de turistas e pesquisadores. As falas das pessoas que entrevistei são um marcador de diferença e, ao mesmo tempo, de união dos moradores, cujo foco é a Festa dos Caretas. E aquilo que em princípio é passado, é reatualizado.

3. NA ROTA DAS MÁSCARAS

Figura 21 – Desenho representativo da Rota das Máscaras.



Aprofundo o próprio percurso de como conheci cada um dos Mestres/Brincantes apresentando-os, do tempo histórico de cada uma das Brincadeiras e de como é que eles construíram a suas Pedagogias ou a sua maneira de brincar. Tomo a estrada em direção àqueles que fazem na prática o tema que escolhi para centrar minha pesquisa: As Festas dos Caretas.

Definir o que é Caretas seria tarefa longa e complexa, visto a enorme variedade de grupos expressivos desse tipo de Manifestação que envolve um contexto histórico, social e Cultural que foi se modificando ao longo dos tempos até os dias atuais. Não é meu propósito retomar esse contexto, já descrito e analisado por muitos autores, no entanto, não podemos deixar de referenciá-lo dada a importância que representa para o objeto que me interessa as Máscaras dos Caretas.

Como disse na introdução deste trabalho, dentre as viagens que fiz nos anos de 2017 a 2020, tive acesso às festividades dos Caretas de Reis dos Estados do Ceará, especificamente com as Caretas de Potengi com o Mestre: Antônio Luiz, do Maranhão, Careta Encanto da Terra, do Mestre Sebastião Chinês e, no Piauí, com os Caretas da Bora Hora do Mestre: Raimundo Nonato, que alcançam notoriedade principalmente por suas Manifestações Culturais, Festas, rituais e Folguedos folclóricos. No Carnaval pude acompanhar os Caretas de Triunfo do Mestre (Teco) Agamenon de Pernambuco; Bobos Gaiatos Caretas do Mestre Gilberto Tatuamunha de Alagoas e os Caretas de Maragogipe, organização de Pelé na Bahia e, seguindo a rota dos Caretas nas festividades de Semana Santa, os Caretas de Judas de Cajazeiras na Paraíba, Caboclo de Major Sales do Mestre Bebê do Rio Grande do Norte e os Caretas de Judas de Ribeirópolis (SE).

Igualmente com outras festividades Natalinas, As Caretas desse período iniciam em dezembro e vão até janeiro e acontecem principalmente para o pagamento de promessas ou herança familiar. Como é recorrente nas Culturas Populares, estão repletas de fé, amor, mistério e de comicidade. Construindo semelhanças entre si, as Máscaras dos Caretas de Reis trazem um cenário que mostra sua carga estética e simbólica que se concentram nas Máscaras ou em sua indumentária (adereços, vestimentas).

Nesse viés, a Máscara e a vestimenta funcionam como uma segunda pele escondendo quem a veste trazendo signos e linguagens plásticas. A partir dessas questões, analiso o sentido da Máscara e suas Pedagogias, confecção e uso no Festejo Popular, em que os Caretas de Reis vivenciam dentro e fora da Brincadeira. Os Caretas de Reis se passam em um ambiente familiar, pois os componentes compartilham uma história de vida, já que os encontros (festivos, Brincantes e religiosos) são o ápice de todo um ano de convivência e dedicação.

São rituais em que o profano e o sagrado andam juntos. Marcam a passagem de um ano para o outro, portanto, vêm renovando a esperança de dias melhores, na fé do catolicismo Popular também veiculado aos cultos de origem afro-brasileiros e ameríndios. A diferença do comportamento dos grupos em seu lugar de origem para o lugar de apresentação, seja ele indo de porta em porta, visitando as famílias devotas do Divino e aos pagadores de promessas, como também aos arredores da cidade, seja ela nas periferias ou na zona rural, e o próprio palco para shows, onde claramente a separação entre plateia e atração é visível.

Tendo em vista que grande parte dos grupos é formada por famílias que residem em povoados bastante carentes de infraestrutura como energia elétrica, saneamento básico, transportes públicos diários, entre outras, fica evidente que eu jamais conseguiria chegar até lá em tão pouco tempo, sem a generosidade das amizades e dos Mestres e Mestras em compartilhar sua forma de brincar. Inclusive porque nas sedes dos municípios é raro encontrar alguém que saiba dar informação sobre a Brincadeira, a grande maioria da população, ou nunca ouviu falar nos Caretas, ou pensa que não existem mais.

Por ser bem próximo à minha realidade, pois sou nordestino, já esperava que fosse acolhido, recebido com a generosidade dos (as) Mestres (as), que sem saberem, contribuíam para o meu processo de pesquisa e aprendizado. A escolha para a escrita deste trabalho ressalta a grande paixão que tenho pelas Manifestações e fascínio pelas Máscaras, tanto pela sua estrutura dramática em relação ao lúdico, da Brincadeira e estética, quanto pelo seu papel de manutenção/transmissão da memória e da Cultura local. As experiências vivenciadas durante esse percurso modificaram meu modo de ver e pensar a Cultura, o cotidiano, as relações sociais e a própria educação e, de como ela se transforma a cada passo que nós damos. Nesse tempo conhecia a Brincadeira e trocava experiências com as Máscaras confeccionadas em oficinas.

Considero importante esclarecer que apesar do desejo de acompanhar outros grupos de cada cidade por onde passei, podendo assim acompanhar mais de perto sua diversidade, isso não foi possível, durante o período de cada estadia. Portanto, as considerações expressas aqui estão baseadas nas observações de apenas um grupo de cada estado e, não pretendem de forma alguma serem generalizantes. Certamente, para uma análise mais densa, seriam necessários vários períodos de convivência com os Brincantes, a Brincadeira e seu universo. Entretanto, apresento algumas reflexões que espero contribuir de alguma forma para os estudos das Pedagogias das Máscaras e das Culturas Populares brasileiras.

Fui ao encontro de Pierre Bourdieu (1989 p. 9), para quem “todos os nossos conhecimentos devem ser baseados na observação”, quando optei por tentar a seleção do curso de Mestrado, pensei em trazer essas experiências e, meu lugar como fonte de aprendizagem e, de como o processo da Máscara em sua construção e confecção e a formação do indivíduo dentro do Festejo e no Festejo, com o olhar sobre esses processos de ensino e aprendizagem desde o fazer até o usar e brincar.

Na tentativa de melhor perceber suas condições formativas, Culturais, artísticas, educacionais e sociais, considerei importante essa inserção, na intenção de superar os estereótipos imagéticos acerca do Nordeste que estão inseridas no pensamento intelectual brasileiro, e que como observa Albuquerque Júnior (2006 p. 21), “passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram certas imagens e clichês desta região”. Lugar pobre, seco, sem Cultura e educação. Desde muito novo, até mesmo na escola, ouvia que Nordeste é um lugar sem privilégios, sejam eles profissionais (empregos), Culturais ou educacionais, mas não via dessa forma, percebia suas potencialidades e a Cultura é uma delas, como uma rica fonte de pesquisa.

Nesse contexto, essas Festas desempenham um importante papel na relação entre o homem e o meio, pois estas Manifestações sempre refletem o modo como os grupos sociais, pensam, percebem e constroem em seu ambiente, valorizando seus lugares. Todos os Festejos que pude passar trazem um tipo de cenário de fantasia em cada Festa, é acompanhada frequentemente pelas conversas dos pedestres que sucedem os risos e os gritos dos festejadores, a progressão ritmada dos desfiles pelas quais passam os Caretas.

As Brincadeiras Natalinas convidam à música, seja ela lenta ou as mais excitantes, elas trazem ritmos dados pelos pratos, pífanos e acordeons A quebra do cotidiano é encenada: enfeitam-se as ruas com decorações Natalinas e os enfeites Máscaram aqueles lugares, sejam eles suas casas, ruas e toda comunidade ou cidade. As pessoas desfilam, cantam, dançam, gritam e se mostram em espetáculo. Segundo Guarinello:

A Festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO 2001, p. 972).

Nesse trajeto, vem se revelando a identidade dos Caretas e de como os Brincantes experienciam em seus corpos, escondendo seus rostos e a possibilidades de brincar e de ser, podem ser uma “experiência formativa” dentro do Festejo, pois é ele o fundamento de sua existência, e o brincar são uma fonte inesgotável de criatividade. Não se trata, contudo, de estabelecer hierarquias entre elas, mas de como são valorativas entres as diferentes formas de brincar e uso das Máscaras e as Caretas chamam a atenção para si, destacando-se que seu universo festivo é encantado que se expressa no espaço público.

1.1 As Máscaras do Natal (Reis De Natal)

Neste capítulo, busco compreender o fenômeno desses três tipos de Caretas desde a perspectiva da circularidade do tempo, do qual vem trazer à tona e fazer vigorar suas Pedagogias e sua festividade por meio de suas danças no Festejo. Para analisar a Festa dos Caretas efetivados no período Natalino, os Caretas de Reis estão relacionados ao mito de origem cristã dos Três Reis Magos. Encontramos festividades de louvação aos Santos Reis, em quase todo território nacional. No Nordeste, encontramos festividades para louvar Santo *Reis* em diversos formatos e nomenclaturas, como por exemplo: Reisado Careta, Bois de Reis, Folia de Reis, Cavalo Marinho, entre outras.

A Folia, a Festa de Santos Reis, pode ser definida como um grupo ritual organizado que simboliza a viagem dos Reis Magos até o encontro do menino Deus permeada de fé, devoção, promessas e festividades.

Os Caretas das Folias de Reis são definidos como cortejos de caráter religioso Popular realizado no período Natalino que vai do dia 24 de dezembro até o dia de Reis - 06 de janeiro. Embora as atividades dos grupos estejam concentradas nos meses de dezembro e janeiro, há atividades desenvolvidas ao longo do ano que proporcionam relações de reciprocidade entre as Folias durante o ano, arquitetando desta forma, uma rede de relações entre os participantes. Frade (1997) destaca a importância das peregrinações como pagamentos de promessas feitas pelos foliões.

Em território nacional, as Folias estiveram tradicionalmente vinculadas às áreas rurais. Ao migrarem para contextos urbanos, na maioria das vezes periféricos, modificaram e incorporaram, ao longo do tempo, aspectos artísticos e ritualísticos de sua formação e apresentação. Com variações no ritual, composição dos foliões e estilos de cantoria e ritmo, os grupos mantêm a mesma crença no nascimento do menino Jesus e devoção aos três Reis Magos.

1.2 Conhecendo os Mestres

1.2.1 Antonio Luiz - Potengi (CE)

Figura 22 – Mestre Luiz apresenta o Reisado de Caretas no Sítio Sassaré



Foto: Jr. Panela

Antônio Luiz passa a participar de um grupo de Reisado de Couro na sede da cidade. O senhor Chagas era dono e feitor das Máscaras e entremeios. Em 1978, aos 21 anos de idade, o jovem herda do Mestre Chagas as Máscaras e os entremeios. O Reisado de Caretas volta ao sítio Sassaré, lugar de sua origem, onde seu avô Benedito de Souza Lima desde 1930 sempre festejava o dia de Reis no terreiro da sua antiga casa às margens da lagoa do Sassaré, no sítio Sassaré, na cidade de Potengi (CE). Agora sob os cuidados do Mestre Antônio Luiz, que passa a convidar agricultores e jovens da comunidade para participar da louvação aos dias de Santos Reis, mantendo viva a tradição do Reisado de Couro de Potengi. Hoje, o Mestre Antônio Luiz é reconhecido como Mestre da Cultura e tesouro vivo e sua casa torna-se um museu orgânico.

Conhecer Mestre Antônio traz vivências interessantes a Máscara e a Festa e de contrapartida ensina formas de superação das adversidades, de manutenção dos laços entre o Brinquedo e seus parentescos e vizinhança, de afirmação do convívio e hospitalidade. Lancei um olhar sobre a riqueza imagética desta Careta, a sua estética, o seu universo simbólico dentro do Cariri revelando a importância dos Máscarados para a construção da identidade local. A cidade de Potengi é tomada pelos Máscarados nos dias de Reis, representando a continuidade de uma tradição centenária.

1.2.2 Sebastião Rodrigues (Chines) - Caxias (MA)

Figura 23 – Mestre Sebastião Rodrigues apresentando o Reisado de Caretas Encantos da Terra



Fonte: Acervo Pessoal

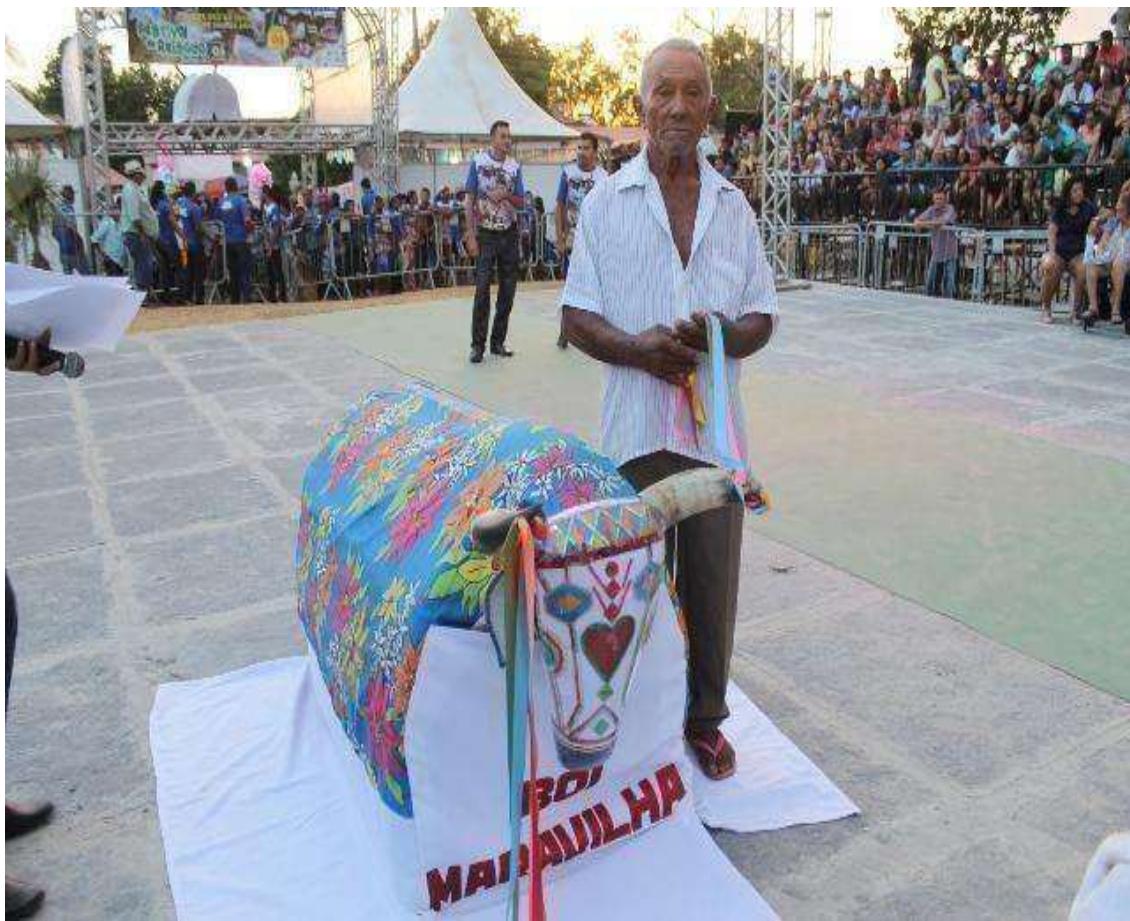
Sebastião Rodrigues dos Santos, o Mestre Sebastião Chinês, fundador e presidente do Reisado Encanto da Terra no povoado de Jussara, em Caxias (MA), é também agricultor, músico e artesão. A sede do grupo “Reisado Encanto da Terra”, fica na casa de Sebastião Chinês, dono, cantador e idealizador dos Brinquedos e músicas. Os grupos são compostos por Rei, Mestre, ContraMestre, Figuras e Moleques. Os instrumentos utilizados são geralmente: violão, sanfona, ganzá, zabumba, triângulo e pandeiro.

Pela tradição, do dia 24 de dezembro a 06 de janeiro os grupos formados por músicos, cantores e dançarinos saem de porta em porta anunciando a chegada do Messias (Menino Jesus), fazendo louvações aos donos das casas. A tradição que é praticada com maior efervescência na zona rural, em Caxias ganha as ruas da cidade, lembrando que a tradição está a cada dia que passa mais forte e sendo passada de geração em geração.

Todo ano estamos com essa Festa na rua. O nosso grupo esse ano está fazendo 24 anos de Festa. A gente só tem que agradecer a Deus e aos Santos Reis. A gente tá vendo uma Festa mais evoluída, a gente trouxe os Brincantes da zona rural, esse ano está mais bacana. (Sebastião Chinês)

1.2.3 Raimundo Nonato - Boa Hora (PI)

Figura 24 – Mestre Raimundo Nonato pagando sua promessa no Festival de Reisados de Boa Hora (PI)



Fonte: Acervo Pessoal (2017)

Filho de pais agricultores, o Mestre Raimundo Nonato aprendeu e tomou gosto pelo Brinquedo, ainda quando pequeno. Hoje com mais de 70 anos, cumprindo seu dever em continuar com a tradição. Todos os anos paga suas promessas no Festival de Reisados da Cidade de Boa Hora. Organizado pela prefeitura da cidade, o festival nasceu com o intuito de trazer união e valorização da Cultura local, os Reisados e seus pagadores de promessa. Desde os anos 2000, mantendo a tradição, a fé e a Cultura como seu principal trabalho. Como outras Manifestações, os Caretas de Reis de Boa Hora também são passados de geração por geração e seus registros são centenários.

O município de Boa Hora é um ponto de encontro da Brincadeira de seus devotos na qual recebe um conjunto de cidades que guardam um tesouro de Manifestações Culturais com suas Caretas, cada uma com características próprias.

1.3 Brincando de Caretas de Reis

Seguindo os caminhos das Máscaras retornando à minha cidade Natal, Perpétuo Socorro-Alagoinha-PE, no período do Carnaval, que foi por onde tudo começou brincando e festejando com minha família pelas ruas da cidade de Pesqueira, mas não é por Pesqueira que encontro minha próxima Careta. Então, sigo rumo ao sertão de Pernambuco.

O Nordeste é um celeiro de Mestres e Grupos de Caretas e Reisado, em especial no período dos Festejos, sejam Carnavalescos, Juninos ou Natalinos. Essas práticas artísticas coletivas têm grande importância para a Cultura, como fonte de pesquisa para o Teatro, a Dança, as Artes Plásticas e Antropologia. Há a diversidade de grupos de Reisados de Caretas que, no entanto, possuem diferentes nomes e concepções de acordo com seus Estados. Segundo Câmara Cascudo o termo Reisado “sem especificação maior refere-se sempre aos ranchos, ternos e grupos que festejam o Natal e Reis. O Reisado pode ser apenas cantoria como também possuir enredo [...]” (CASCUDO,1999, p. 811 apud SILVA, 2017, p. 14).

Existe espaço de troca entre os Brincantes e os Mestres das Caretas dos ciclos Natalinos, a Festa e a comunidade. Posso dizer que as Máscaras dos Caretas é um elemento fundamental da relação entre a Brincadeira e a Festa. E como a confecção e o uso da Máscara são compartilhados através de uma Pedagogia da tradição, comprehendo que esse processo de ensino e aprendizagem pode ser visto como fonte pedagógica no processo da Cultura Popular. Para avançar na reflexão das Manifestações Máscaradas dos Caretas de Reis dos Estados do Ceará, Maranhão e do Piauí, que colaboram profundamente para a visualidade do espetáculo, vejo a Máscara como objeto cênico emblemático capaz de compor e materializar personagens. E que a participação dos Brincantes em todas as Manifestações faz com que a tradição seja renovada desde as Máscaras, quanto a Brincadeira e sua relação com sua comunidade e a fé.

O reencontro com a Festa e seus ciclos festivos, as pessoas que o vivem não são mais as mesmas: elas disfarçam-se e Máscaram-se, vestindo sua Máscara para brincar com os Caretas, com seus Reis Magos e o nascimento do menino Jesus. No Nordeste, boa parte dos registros existentes sobre a Festa trazem consigo o cenário rural, onde os espaços públicos, a exemplo da rua e da praça, se colocam como os locais privilegiados das festividades.

Apesar da escassa literatura acerca dos Caretas de Reis e os Reisados de Caretas, estes sempre foram objetos de muita apreciação. Segundo Mário de Andrade declara em seu livro “Danças Dramáticas do Brasil”, que a palavra Reisado deriva evidentemente de “Reis”. Para Andrade, o desleixo natural da nomenclatura Popular pode ocasionalmente chamar de Rancho a um Reisado, ou de Terno a um Rancho como:

Os Reisados são folganças muito variadas. O característico deles é terem sempre, no fim de várias cantigas e danças, o Brinquedo do Bumba-meu-Boi. Originalmente, nos Reisados cantam-se xácaras antigas, velhos romances, novas canções satíricas, chulas, etc. (ROMERO apud ANDRADE, 1986 p. 35)

Em seu “Pequeno Dicionário do Natal”, Roberto Benjamin (1989), qualifica Reisado

Formas de dramatização do cotidiano ou de transposição para a forma dramática de romances e xácaras, formas literárias Populares tradicionais em verso. Cada assunto dá origem a um só entremoio conciso que é representado em meio a uma série de entremeiros que vem a constituir o Folguedo. (BENJAMIN, 1989 p. 88)

Mário de Andrade (1986) cita que Mello Moraes:

[...] designa os Pastoris como especiais das cidades do litoral, e substituídos no interior de ‘quase todo o Norte’ pelos Reisados. Que sempre existiram também à beira-mar. E ainda mais desatentamente afirma que ‘Bailes e Reisados’ (entre os quais enumera o Bumba-meu-Boi) eram dançados dentro das casas, ao passo que as Cheganças bem como os ‘ranchos de Reis’ com a competente Burrinha se dançavam ao ar livre. Nas ‘Festas e Tradições’ distingue sem hesitar Pastoris, Cheganças e Reisados, adiantando que os dois últimos gêneros são da exclusividade das classes Populares [...] nas ‘Serenatas e Saraus’, a ação de cada Reisado ‘gira inteira em torno duma figura ou dum personagem, que dá o nome ao Reisado’ [...] e no ‘Quadros e Crônicas’, que vários Reisados podem se seguir unidos dentro do mesmo Brinquedo. (MORAIS apud ANDRADE, 1986 p. 36)

Andrade descreve os Reisados como adaptação dramático-coreográfica de romances e cantigas Populares; uma representação dançada e cantada, consistindo num episódio só. Dentro dos Caretas de Reis de Potengi (CE), de Caxias (MA) e de Boa Hora-PI, a cada noite indo às casas, a cada apresentação seja pelas ruas, terreiros e palcos, usam a Máscaras como indumentária fixa, como também agrupam instrumentos que vão variando de acordo com cada realidade e o bailado que não possuem muitas exigências coreográficas. Sempre adotando um núcleo temático básico, com temas agregados. Já quanto a seu conteúdo temático, o processo de transposição de uma forma verbal e elaborada a cada ano em que a Brincadeira vai acontecer é poética a forma dramática dançada quando acontece no Festejo. Edison Carneiro em “Folguedos Tradicionais” coloca que:

O Reisado e, modernamente, o Guerreiro, ligam-se ao Natal. Um e outro são rapsódias Populares, reunião de cenas e episódios sem ligação entre si, alguns específicos da representação, outros tomados à vontade a outros autos, desfiles e diversões tradicionais. São, num e noutro caso, um bando de foliões que bate à porta dos amigos para brindá-los com um espetáculo que se constrói com “entremeios” cômicos, “peças” cantadas e “embaixadas” declamadas. (CARNEIRO, 1982 p. 169).

A questão que se levanta é que a Festa Máscarada dos Caretas de Reis vem levando o Brincante e sua comunidade à quebra do cotidiano, ampliando o tempo festivo onde tem retirado da Festa a sua tradição Máscarada. Assim, a Festa, embora esteja sendo usada para selar a unidade de sua comunidade, pode ser utilizada também para construir possibilidades pedagógicas, ou seja, trabalhar a oralidade por meio das músicas, rezas e falas e a confecção da Máscara e das roupas, portanto, o trabalho passa a ser, com esse processo de espetacularização, o trabalho cotidiano para uma diversidade crescente de novos Brincantes dentro e fora da comunidade.

Para Barroso (2007) em sua tese sobre o Reisado Careta no Ceará, criar uma conceituação para diferentes Reisados, não significa afirmar Reisados exemplares, construir modelos, como a construção da Máscara ou, mesmo sua vestimenta, ou mesmo dizer como eles deveriam ser. “Há sempre variações, por menores que sejam, na constituição do figural (quadro de figuras), na sua caracterização, nos entremeios que entram na sequência e na importância dada aos entremeios etc. [...]. Muitas vezes, a denominação dada pelas populações locais aos seus Reisados sofre influências de fatos e costumes locais.

[...] cheguei à conceituação do Reisado como um Folguedo tradicional do ciclo Natalino, que se estrutura na forma de um cortejo de Brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos à Belém, e se desenvolve, em autos, como uma rapsódia de cantos, danças e entremeses incluindo obrigatoriamente o episódio do Boi. (BARROSO, 2004 p. 25)

Pude observar a Brincadeira dos Caretas em que o episódio do Boi está presente como costuma ser nos Caretas de Potengi (CE) e nos Caretas de Reis de Boa Hora (PI). Em Caxias (MA). Apesar de estar sempre presente, a aparição do Boi não ocupa obrigatoriamente lugar central e não ganha qualquer destaque e a cena da morte fica mesmo por conta dos Caretas.

Atento às conceituações referentes aos Caretas de Reis a partir das minhas vivências e na observação empírica de algumas dessas Manifestações, consigo defini-las: Os Caretas de Reis é uma Brincadeira do período Natalino, com música, canto, coreografia e poesia. E cada uma traz suas particularidades e sua grande diversidade Cultural, decorrente da também imensa diversidade social encontrada em cada Estado e na Região do Nordeste. Opto por esta conceituação que, embora simples, se pretende ampla.

Os familiares também colaboram com a confecção das vestimentas e as Máscaras dos Caretas podem ser feitas com qualquer tipo de material, como couro de bicho, latão, papelão, cabaça, carcaça de animal, ou o que tiver disponível para sua confecção. Suas Máscaras sobressaem tanto que acabaram dando nome não só à personagem como à Brincadeira. As personagens e o material com que são confeccionadas podem variar conforme o grupo, mas as Caretas estão presentes em todos eles.

Figura 25 - Festa dos Caretas de Potengi em frente ao Múseu Orgânico



Acervo Pessoal

Figura 26 - Festa dos Caretas de Boa Hora-PI- Visitando um pagador de Promessa



Acervo Pessoal

Figura 27 – Festa de Reis- Apresentação final do Reisado Encantos da Terra.



Acervo pessoal

As Máscaras dos três grupos que acompanhei dos Caretas de Potengi (CE) do Mestre Antonio Luiz, do Encanto da Terra (MA) do Mestre Sebastião Chinês e do Festival de Caretas da cidade da Boa Hora-Pi são feitas de couro de boi ou de bode, cada uma com sua particularidade, detalhes que as deixam mais encantadoras. Algumas possuem uma coroa embutida feitas com tecido brilhoso e são semelhantes entre si, outras possuem chapéus pontudos adornados com espelhos e tecidos brilhosos, ou chapéus de palha. O nariz tem geralmente um formato comprido e cilíndrico, a boca pode ter dentes e língua e, a barba é feita com pelos de crina de cavalo ou boi. São costuradas em um pano que é vestido na cabeça do Brincante ou pode ser fixado por um fio. Cada grupo possui uma técnica de confecção, tudo conforme o grupo achar mais viável. Servem para esconder a cara do Brincante, que fica à vontade para dizer todo tipo de pilharia para a assistência, aos músicos e entre si.

Os Caretas sempre levam algum objeto na mão. Pode ser um “chicote de couro comprido tendo na ponta pedaço de cordão esfiapado, que provoca fortes estalos” (Corrêa, 1977 p. 10) ou uma taca, um pedaço de pau. Tem por função assustar a assistência junto ao barulho que os Caretas fazem com a voz que me remete a seu valor enquanto símbolo estético da Cultura em que o Brinquedo está inserido. Nesse sentido, configura relações com a corporeidade, além de expressar linguagem simbólica que transcende seu valor funcional, uma vez que propõe a reinvenção do Brincante, tais como o medo, o mistério e a comicidade.

Suas fardas, isto é, indumentária genérica para diferenciar do vestir cotidiano, assim como a Máscara, dificulta o reconhecimento da pessoa que ali está atuando. São feitas de tecido colorido no caso dos Caretas de Potengi do Ceará e de palha de buriti nas Caretas de Caxias-Maranhão e da Boa Hora no Piauí. Já os formatos variam de Careta para Careta. Em outros lugares, eles vestem também um colete feito de palha. Segundo Corrêa, o Careta:

Apresenta-se de maneira peculiar, usando uma longa saia entrançada feita de imbira (palha de tucum esfiapada); seu tronco fica coberto por uma espécie de peitoral, mais ou menos do mesmo feitio da saia, que lhe fica preso ao pescoço. O seu modo de vestir lembra guerreiros africanos e índio da tribo das Canelas do Maranhão. (CORRÊA, 1977 p. 9)

A transformação do Brincante, o mistério, o medo e a comicidade que opera a Máscara, são descritos geralmente como um poder extraordinário, que permite fazer tudo o que não se pode fazer quando não Máscarado. A sequência de aparição e as próprias personagens mudam de um Reisado para outro e, até mesmo dentro de um mesmo grupo, ao decorrer do tempo. Cada uma tem sua música específica que é entoada na hora que elas devem entrar em cena.

As festividades dos Caretas de Reis conhecidos como Baião ou Arraiás é uma Festa bem Popular nas cidades do interior do Ceará, Maranhão e Piauí. A concentração para o início da Festa dos Caretas começa com a reza, que acontece ainda na sede do grupo. Quando a população local fala em baião ou arraiás, está se referindo à música, à dança e à Festa em si. Toda a comunidade se envolve com a Brincadeira participando como *noitante*. São pessoas responsáveis em organizar e receber o Brinquedo em suas casas antes da jornada sair às ruas durante os onze dias e noites que se estende o Festejo.

Os instrumentos dos Caretas de Reis em que acompanhei eram pandeiro, bumbo, banjo e triângulo, mas geralmente o grupo dos músicos também é composto por violão, cavaquinho, rabeca ou sanfona. Os músicos vão preparar seus instrumentos, os Brincantes vão vestir suas fardas, para dar início à jornada (caminhada até as casas que recebem a Brincadeira).

Mesmo com suas diferenças geográficas e os materiais usados para confeccionar as Máscaras, suas Pedagogias se assemelham pelo seu Festejo e pelo mistério que carregam. O Máscaramento pode conferir além do sentido do vestir (proteger, ornamentar, cobrir), passa pelo lugar do mistério, medo e o humor libertando-se do que é real e do decorativo na intenção de um referencial estético-simbólico que se Populariza acrescentados de valores lúdicos aqui atravessados por simbolismo e visualidade próprias da Manifestação.

Estar Máscarado certamente em sua conotação cênica vai da mudança do aspecto natural e cotidiano. A função das Máscaras pode ser inclusive de reversão do status de quem as usa. As Máscaras asseguram o anonimato de quem às utiliza. E o ato de se Máscarar é um ato representativo. Pode ter uma dimensão religiosa, teatral, ambas e outras. Segundo Bitter (2008) estes personagens dos Caretas de Reis se assemelham por um conjunto de traços como a esperteza, a comicidade e, sobretudo, a astúcia.

1.4 Máscaras Carnavalescas

Toda Festa corresponde a um tempo-espaco especial mobilizando grupos sociais e meios políticos para que a Festa aconteça. Mais precisamente, forma a demarcação de um fazer coletivo, reunindo muito esforço e prazer num mesmo acontecimento, é a Festa mais “democrática” do mundo.

Há várias interpretações acerca de sua presença no Carnaval, compartilhadas por estudiosos das Culturas Populares e pelos próprios integrantes dos grupos. Os Caretas no período do Carnaval são vista como figuras engraçadas, figuras importantes e valorizadas entre foliões. No decorrer da Festa, eles são fiéis a seus grupos e participam deles durante todo o ciclo festivo. No entanto, eles possuem autonomia para integrar outros grupos quando lhes é conveniente, ou apenas “sair” na Folia de um lugar ou de outro, não assumindo, desta forma, um compromisso fixo.

O Careta é um ser único e múltiplo no sentido de não ter uma forma fixa ou algo que o define, permeando entre dimensões sagradas e profanas, segundo Bitter (2008, p. 180) “a ambivalência do palhaço torna inadequada sua classificação em termos de uma simples oposição entre sagrado e profano, indicando ser mais rentável pensar uma oposição entre o sagrado puro e sagrado impuro”. Os Caretas do Carnaval são palhaços e sempre estão expostos, para que o mistério seja revelado, mesmo com sua identidade ocultada, seja pela Máscara ou pelo próprio personagem que o trasveste.

Para quem vê o Careta na rua desperta o interesse e a curiosidade alheia de forma alta e sublime. Cabe ao Careta animar a Folia, dar ritmo ao grupo e capturar os olhares e a atenção dos Espectadores. Os Caretas caminham entre o cômico e o trágico e sua noção de bem e mal, serenidade e deboche é circunstancial. São comuns os dizeres que abordam aspectos trágicos da origem dos Caretas, que em forma de ironia ou histórias tristes são contadas de maneira cômica pelos Caretas.

Geralmente o viver na Festa demonstra a força de uma coletividade e a força da Brincadeira Máscarada. Entretanto pensamos na Festa como um elemento interligado ao ritual, às Manifestações e às Brincadeiras. As Festas Carnavalescas espalhadas pelo Nordeste, tidas como tradicionais, são Manifestações Máscaradas Carnavalescas porque passaram a ter um percurso preferencial exclusivamente nos espaços públicos e ao ar livre da cidade, como ruas e praças. Também por ocasião das celebrações públicas do Carnaval em que a sociedade representa a si mesma ou mesmo se transgredindo, sendo outrem. No Carnaval vários grupos e classes sociais são postos lado a lado, Máscarados ou não, o que permite vislumbrar as relações de força estabelecidas entre si. A Festa expõe a cidade, no Carnaval tudo é um jogo, uma Brincadeira, uma forma de exibição e de participação de uma variedade de milhares de figuras Máscaradas.

A Festa Carnavalesca, como é entendida hoje, não se define desse modo, pelo formato dos eventos que a compõem, mas pela própria luta para se determinar o que é o Carnaval dentro do espaço. Assim, Carnaval será a Festa que ocupará o espaço urbano como Carnaval... A instauração do Carnaval está intrinsecamente ligada à instauração da tensão por sua hegemonia. Desse modo é a tensão pela supremacia Carnavalesca que define o próprio Carnaval ao instaurar a disputa pelo lugar Carnavalesco. (FERREIRA, 2005, p. 322).

Em todos os momentos em que o Brincante e os Brinquedos Máscarados do Carnaval, estão comumente imersos em um mundo imagético marcado pelo vigor estético. E as Máscaras de Carnaval envolve as Brincadeiras, permite a formação e manutenção de grupos e ampliando as relações entre a arte e a vida. A Festa Carnavalesca possibilita vivenciar a Máscara tornando-se elemento de suma importância para o estabelecimento de relações entre Brincantes, moradores e turistas que chegam para vivenciar o Festejo, trazendo a possibilidade do anonimato e de uma vida temporária regada de simbolismo.

Destaco que muitas dessas riquezas os Caretas de Carnaval e são elas as Caretas que nos faz emergir dentro da Brincadeira e seus contínuos processos de construção indenitária, têm no universo imagético existente em suas Brincadeiras um elemento de visibilidade, alvo do assédio da Cultura de massa e da propaganda midiática.

A diversidade de Máscaras e fantasias marca a Folia Carnavalesca e suas relações e de como me mostravam questões similares e diferenciadas, a partir do contexto de cada lugar, da dimensão de cada Folgado e da história de cada Manifestação, o envolvimento dos moradores e visitantes. A cada ano o Carnaval cresce como um grande espetáculo onde somos bombardeados com cores e imagens trazendo a seu universo imagético e a estética é uma marca contundente das referidas Manifestações.

1.5 Conhecendo Os Mestres

1.5.1 Teco De Agamenon - Triunfo (PE)

Figura 28 – Mestre Teco apresentando os Caretas de Triunfo (PE) em sua casa



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Teco de Agamenon, 63, é ator, artista, poeta e professor. Ele participa da tradição dos Caretas há 55 anos e é uma das figuras principais da cidade ao transmitir essa tradição às gerações mais jovens. Atuante no cenário Cultural triunfense desde 1966, reconhecido pelo seu empenho na defesa dos valores Culturais e na promoção da figura do Careta como patrimônio imaterial do estado de Pernambuco.

Os Máscarados triunfenses suscitam muitas questões sobre o dinamismo da Cultura da Tradição, que pode ser compreendida a partir da memória individual e coletiva do lugar. E Mestre Teco como um de seus habitantes e Brincante, passam por múltiplas mudanças, variações, conversões e até revoluções que vão criando a história de construções identitárias. Transformando-se em entidades seres antropomórficos, figuras caricaturais, as Máscaras são capazes de traduzir a própria condição humana, expressando sentimentos como medo, poder, satisfação, sensibilidade, alegria, vaidade, curiosidade, prazer tornam-se um precioso instrumento de significação do imaginário do homem, suscitando sentimentos e pulsões individuais e coletivas que permeiam as Brincadeiras.

1.5.2 Gilberto Tatuamunha (*in memoriam*) - Porto De Pedra (AL)

Figura 29 – Mestre Gilberto em sua casa em Porto de Pedras (AL)

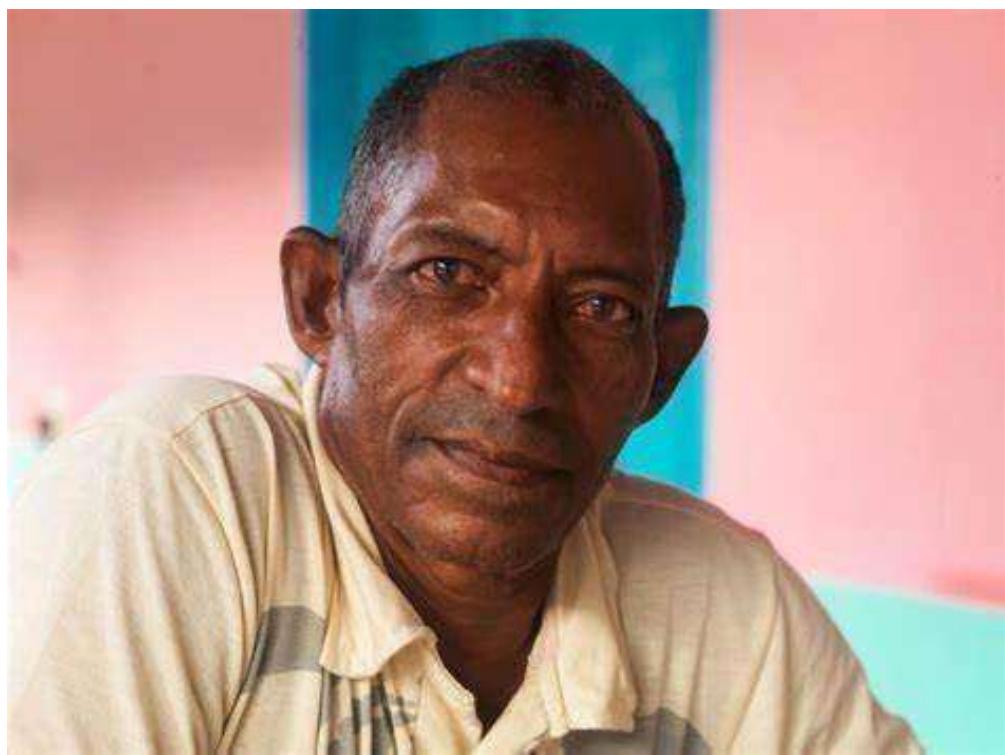


Foto: Celso Brandão

Foi ainda na adolescência que Gilberto Tatuamunha aprendeu a arte de confeccionar as Máscaras de Bobos, com barro, goma de mandioca, papel e tintas. Autodidata, a vontade de brincar o Carnaval com os amigos o levou a criar as primeiras Máscaras, numa época em que os Bobos dominavam as ruas de Tatuamunha. O artista, que também era pedreiro, foi o responsável por manter viva a tradição desse saber Popular. O mestre se foi em 2020, aos 71 anos, deixando um legado de talento e alegria. Os Bobos Gaiatos por sua vez trazem elementos que representam os indivíduos e os lugares em que a brincadeira passa numa construção de suas identidades, fortalecendo os grupos, a própria brincadeira, num imenso movimento de trocas. Os Bobos e seus personagens tornam-se emblemas, pela sua força e resistência em Porto de Pedras. O legado de Mestre Gilberto e as Manifestações dos mascarados, com sua memória e características simples, tornam-se elementos específicos e próprios da cidade trazem consigo toda essa força grupal. Assim, por sua força imagética, os Bobos Gaiatos firmam-se como um símbolo e marca local e do Estado de Alagoas.

1.5.3 Severino Ferreira - Maragogipe (BA)

Figura 30 – Mestre Severino na Praça Sebastião Pinho em Maragogipe (BA) apresentando os Caretas de Maragogipe



Fonte: Acervo pessoal

Severino Ferreira, Brincante dos Caretas desde criança, sempre acompanhou seu pai e seus irmãos na Brincadeira Máscarada. Juntamente com seus irmãos, organiza o bloco dos Caretas da sua rua, recebendo outros Brincantes de outros bairros de Maragogipe e turistas também. Os Caretas de Maragogipe existem há mais de um século. Durante os dias da Folia, os moradores desse canto do Nordeste se transformam nos “Caretas”, figuras festeiras multicoloridas e sem identidade. Maragojipe ainda conserva a tradição dos Máscarados, pelas formas artesanais de produzir fantasias, de patrocinar o riso e promover a representação da vida cotidiana. A Brincadeira Máscarada se mantém “pura”, sem trios elétricos e abadás como acontece em outros carnavais da Bahia. Sozinhos ou em grupos, os foliões se divertem interagindo com desconhecidos. Brincadeira saudável tem espaço para gente de toda a idade. As ferramentas de diversão são as surpreendentes fantasias, muitas delas feitas à mão, em uma espécie de resistência à era do plástico. Os Caretas de Maragogipe em 2009 receberam o título de patrimônio imaterial da Bahia pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC).

1.6 Brincando de Caretas De Carnaval

Gostaria de compartilhar aqui um pouco da minha experiência de descoberta do território e da Cultura nesse percurso no qual venho fazendo entrevistas com os Mestres e com os Brincantes, um esforço de estudo interdisciplinar, ressaltando a necessidade de estar atento ao respeito e à ética pelas Manifestações de um povo, principalmente, no que confere aos ritos festivos envolvendo as Caretas, figuras tão tradicionais no Nordeste.

Nas conversas que tive na jornada, conheci através de Mestre Teco duas pessoas maravilhosas: Maria do Carmo, conhecida como Carmosinha, senhora branca com aproximadamente 50 anos, filha de Brincante de Careta, fala sobre a origem dos Caretas de Triunfo, e seu neto que brinca desde pequeno com os Caretas, Lucas Miranda. Eles me falaram sobre como a Brincadeira surgiu.

O personagem enigmático surgiu no ano de 1917 no período do Reisado, no Festejo Natalino, um tal Mateus resolveu exagerar na bebida e foi impedido de participar da Festa tradicional da cidade. Ele estava em péssimas condições e com um cheiro terrível. Ninguém suportava ficar perto dele. Descontente com a proibição, o homem decidiu chamar a atenção de todos de uma forma bem inusitada. O Brincante vestiu uma roupa extravagante, colocou uma Máscara, escreveu uma frase em um tablado e saiu pelas ruas com um chocalho na mão. Chamando atenção, daí foi se estendendo até ele vir para o Carnaval. (Maria Do Carmo)

Olha! Eu não sei ao certo quando surgiu, mas vem dos antigos isso aí, eu sei que proibiram o Mateus de brincar no Reisado, aí ele se vestiu diferente e começou a chamar atenção, como ninguém viu seu rosto debaixo da Máscara e por causa da roupa que ele usava, porque era bem colorida. As pessoas ficaram bem curiosas com ele. A única certeza é que aquele homem estava magoado com o que fizeram com ele. A moda do Mateus pegou e várias pessoas passaram a se vestir da mesma forma. Saem geralmente em grupos conhecidos como "trecas". Hoje são mais de mil Brincantes na rua durante o Carnaval. Além do chocalho, outros elementos foram acrescentados para fazer mais zoada. Entre eles o "reilo", uma espécie de chicote que emite uma sonoridade parecida com um tiro. Quando ele estala no ar, é impossível não colocar o olho no buraco da porta ou até mesmo sair para saber o que aconteceu. (Lucas Miranda)

O Carnaval é escolhido pelo Mateus, que foi expulso do Reisado, para dar continuidade à Brincadeira. Lembranças de alguns antigos moradores cuja idade e lucidez lhes conferem a legitimidade de seus testemunhos me trouxeram mais dados sobre o Reisado existente em Triunfo e sobre os primórdios do Careta naquele Folguedo. “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia a memória.” (HALBWACHS, 1990, p. 60).

Ele transforma-se, deixa de ser o anunciador do Festejo Natalino, surgindo no período Carnavalesco. O antigo Mateus, palhaço, comediante, continua sendo Brincante, mas numa atitude de resistência, desenvolve outros elementos que possibilitaram o surgimento da Brincadeira Carnavalesca do Careta. As histórias contadas de pai para filhos confirmam os Caretas presentes no Reisado triunfense. Os Folguedos passaram a contar, com o correr do tempo, com dois elementos que cresceram em importância, afastando-os da religiosidade original: “o cômico, desagradando e caçoando das estruturas vigentes e os elementos ligados à luta pela vida, que enaltecem o heroísmo, a coragem e os trabalhos cotidianos” (ANDRADE, 1986 p. 122).

O Careta se aprontava, pegava um chocalho, uma enxada, uma lata, pra sair batendo nas casas, chamando o povo: acorda meu patrão, acorda meu patrão! Ele fazia aquela Máscara. Quando acabava colocava o cabelo da crina do animal para enfeitar. A roupa era uma roupa velha. Eles não tinham esse negócio de roupa nova não. Se eles tivessem uma roupa bem rasgada era o que eles queriam. O Reisado era uns homens todo trajados, bem bonitos, com capacete todo cheio de espelhos. O Reisado chegava e começava a cantar: Ô de casa, ô de fora! Boas entradas de ano! Boas entradas de ano! Aí eles abriam a porta e os Caretas eram os primeiros a entrar, caindo na casa. Mas mulher, os meninos morriam de medo e agente rindo. Os Caretas eram dois. No Carnaval era mais gente, do mesmo jeito, com Máscara, com barba. (Maria Do Carmo)

Então o Careta que foi criado em 1917 pra 1918, foi criado, veio... ele surgiu do Mateus do Reisado. Porque o Mateus é um Careta de um chocalho só. Dentro do Reisado ele faz a alegria da criançada que tá ao lado, assistindo o Reisado. Então esse Careta surgiu do Cultura Popular, 1917 prá 1918. Eles vieram para a Festa de Reis, que é em janeiro. Coincidiu, como neste ano agora, que o Carnaval foi muito próximo. Dia de Reis, dia 06 de janeiro e o Carnaval próximo, no começo de fevereiro. Então o que aconteceu? Esses Mateus se desvencilharam do grupo de Reisado e ficaram brincando, tomando pinga. (Mestre Teco)

Teco, que rememora as histórias contadas pelo seu pai, conta que seu pai tinha 23 anos quando, na comemoração do Reisado, os dois Mateus que acompanhavam o cortejo Natalino deixaram de exercer seus papéis de animadores do Folguedo e, após o incômodo gerado pela bebedeira tomada durante a festividade Natalina, como foi expulso do Reisado, decidiram fazer sua própria Brincadeira participar das Festas Carnavalescas.

Eram dois. Eles vieram da Lage, aqui. Então o Careta surgiu de dois irresponsáveis [riu]. É uma Brincadeira, mas é séria. O Careta surgiu de duas figuras que saíram brincando e no que eles se desvencilharam do grupo o dono do Reisado não aceitou que eles participassem do Reisado naquele dia. Então o que eles fizeram? Não participaram do Reisado, mas ficaram na rua brincando. Eles ficaram brincando, com o chocalho e tudo, naquele tempo com o pauzinho na mão, o reio vem depois. (Mestre Teco).

A tradição dos Caretas de Triunfo passou por algumas mudanças. Hoje utilizam as Máscaras que possuem desenhos multiformes e seus corpos apresentam-se completamente encobertos: botas, calças e camisas coloridas, as luvas substituíram as meias, que eram utilizadas anteriormente para encobrir as mãos. Os sapatos ou botas complementam a indumentária e ajudam a preservar o anonimato do Brincante. É com esses detalhes que a Brincadeira dos Máscarados tomou corpo. Na Brincadeira nas ruas, Máscarados e moradores vivem o jogo do anonimato presente no Folguedo dos Caretas. O jogo, misto de sedução e adivinhação, diverte e contagia, marcando as lembranças dos triunfenses.

O jogo que é criado entre os Caretas e a comunidade atiça a curiosidade de quem passam, os Caretas utilizam indumentarias coloridas e chapéus enfeitados por longas fitas, os Caretas carregam tabuletas que contêm mensagens criativas e cujos chocinhos pendurados anunciam a chegada dos Máscarados. Os chapéus, a cada ano são maiores, ganharam fitas acetinadas, flores artificiais em tamanhos diversos, espelhos e pompons multicores. Não adianta a pessoa sair e ser reconhecida. Através das gerações que se sucederam, houve a construção da Brincadeira Popular que já tem hoje cerca de nove décadas de vida e a reunião dos Brincantes em torno do Folguedo Popular possibilitou o fortalecimento daquela Manifestação.

Dos elementos presentes no ritual dos Folguedos, o relho²⁴ da Brincadeira do Careta pode sempre foi um elemento marcante na Brincadeira com toda a carga de simbolismo que representa: instrumento que atiça, afasta, tange, julga, corta, fere e sangra. Marca a pele e a lembranças, suscitando o medo. Os relhos complementam a indumentária sendo de suma importância para o desenvolvimento da Brincadeira e são elementos fundamentais para a execução do duelo. Segundo os Brincantes, o relho ou “reio”, é “estalado” ou “estrulado”, cortado no ar entre os Brincantes, nas ruas da cidade. E ressaltam a importância de viver de forma conjunta a Brincadeira, imersa em suas imagens, na sua estética nas Manifestações Populares também como expressão de resistência.

²⁴ Orelho, chicote utilizado pelos Brincantes, é originário dos chicotes usados pelos tangedores de burro (LOPES, 2003).

Os Caretas são um misto de resistência e a irreverência do jogo, da Brincadeira quando percorrem pelas ruas da cidade. Há aproximadamente um século, os Caretas de Triunfo percorrem as ruas da cidade sertaneja durante o Carnaval. Os Caretas de Triunfo nasceram no Alto da Boa Vista. Como anteriormente citado, a principal versão da história da origem dos Caretas de Triunfo é que antigamente a Brincadeira se chamava Correio, tendo sua origem no Reisado, quando Mateus, após ter bebido muito, foi expulso do grupo, decidindo brincar pelas ladeiras da cidade durante o Carnaval, usando Máscara. Essa é a versão de muitos daqueles que guardam na lembrança a história deste Máscarado.

Figura 31 – Festa dos Caretas- Chegada a frente da Matriz-decida da Ladeira.



Acervo Pessoal

Nessa viagem de recordações senti também a necessidade de buscar vestígios de instrumentos pedagógicos que fomente a construção da Máscara para o uso na Brincadeira como: Máscaras, moldes de gesso, fantasias e relhos usados. Fica-se diante menos de uma história linear, do que de uma sucessão de pequenas histórias que juntas criam um percurso formado pelo rico universo dessa Manifestação da Cultura da Tradição. Não pretendo aqui imprimir uma linearidade à história da Brincadeira. Idas e vindas se fazem necessárias para que se perceba a dinâmica do universo simbólico que envolve o Folguedo.

Nesse processo de busca das informações distantes, a importância de ouvir as narrativas detalhadamente contadas pelo Mestre Teco, de resgatar suas lembranças e juntamente agregar a pesquisa bibliográfica para a escrita do capítulo, faço uma busca documental em livros, revistas, jornais, *sites* na *internet* e vídeos que possibilitam uma inesquecível caminhada até os dias atuais. “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.” (BENJAMIN, 1984, p. 37). Esses registros certamente ajudaram a perceber a dinâmica do Folguedo triunfense, de sua riqueza imagética, da força de sua existência.

Eles também são protagonistas das festividades relacionadas ao Carnaval. O Reisado é uma Manifestação folclórica típica do Nordeste brasileiro e sua tradição sintetiza a mistura da fé de origem cristã com o imaginário Popular. Mário de Andrade (1986) observa a importância das Danças Dramáticas Brasileiras e destaca dentre elas os Reisados, que são Folguedos dos mais variados, caracterizados por apresentarem, no final das cantigas e danças, o Brinquedo do Bumba-meu-boi. Trata-se, portanto, de um momento de Festa, realizado em dias específicos do ano ou não, em que grupos de Brincantes se reúnem para cantar, dançar, versejar, dialogar e interagir: brincar.

Nesses anos que se passaram desde que encontrei as Caretas pela primeira vez em Triunfo, em diversos momentos durante a pesquisa andei pelas ruas triunfenses. Eu estive ali na Festa, compartilhando com eles a grandeza do Folguedo. Nos Carnavais de 2016 tive oportunidade de acompanhar os Caretas pelas ruas da cidade, observava que a figura do Careta era mais e mais usada. Foram dias de extrema importância para que eu pudesse perceber as especificidades da Manifestação no tempo da Festa. A imagem do Máscarado tomava formas e força. Posso refletir sobre o caráter ritualístico das Máscaras dos Caretas Carnavalescas.

Figura 32 – Bobos Gaiatos de Porto de Pedras (AL)



Fonte: Acervo pessoal

As festividades dos Bobos Gaiatos vêm sendo objeto de estudo desde a graduação. Os Bobos seguem as datas do período Carnavalesco: seu surgimento é de janeiro a fevereiro, mas surgindo também em outros momentos. Em Alagoas, temos como exemplos as prévias Carnavalescas que aconteciam na cidade de Maceió, que geralmente acontecem a partir do mês de janeiro, no Carnaval na cidade de Porto de Pedras quando o Carnaval acontece em fevereiro ou março, além das festividades Culturais da cidade e do estado de Alagoas.

Nas Festas dos Bobos destaca-se seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso mesmo um acontecimento que escapa da rotina da vida diária. As Festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos. Conforme Matta (1979), a rotina da vida diária é vista como negativa. Daí o quotidiano ser designado pela expressão dia a dia ou, mais significativamente, vida ou dura realidade da vida. Festas são eventos dominados pela Brincadeira, diversão e/ou licença, ou seja, situações em que o comportamento é dominado pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras de uma hierarquia repressora.

O sentimento de grupo se dá pela realização dos ritos do Festejo, quando os Bobos saem pelas ruas de Porto de Pedra, que são como a cola das relações sociais entre o Brinquedo e a Comunidade. A história dos Bobos só acontece quando essas relações com o tempo são em grande parte elaboradas como eventos festivos, que permeiam toda a nossa existência. Para Cavalcanti (2004), Festas acontecem em um tempo cíclico e ao voltarem, trazem consigo alguma novidade. Sua natureza simbólica e seu apelo aos sentidos humanos estão na base de sua notável dimensão estética e capacidade de resistência à usura do tempo.

Festas que antecedem o Carnaval não são simplesmente eventos, mas a abertura da Brincadeira cuja culminância Cultural se estende ao longo do ano. De raízes profundas na vida dos grupos que as promovem. São tão necessárias à existência do grupo quanto à reprodução das bases econômicas. É importante atentar para o fato de que o processo da ritualística da Brincadeira passa pela concentração dos Brincantes na sede do Mestre Gilberto Tatuaninha. Em seguida tem sua saída pelas ruas, onde a dinâmica acontece, a comunidade se Manifesta, canta, toca, dança, interpreta, se expressa de múltiplas maneiras; quanto maior o número de análises empíricas de rituais, maior será a oportunidade de esclarecermos nossos hábitos e costumes, para assim podermos reivindicar nossas necessidades, de maneira plena e consciente.

Existe uma dualidade entre o brincar, o jogar e o viver, entre ser e representar. Na Brincadeira, nas ruas e nas residências, os Máscarados e moradores vivem o jogo do anonimato presente no Folguedo dos Caretas, que proporciona interação íntima entre os participantes, a ponto de atingir um grau ritualístico intenso.

Os Bobos Gaiatos cobrem totalmente seus corpos, e suas Brincadeiras com a comunidade, atiçam a curiosidade daqueles que desejam descobrir quem está por trás das Máscaras coloridas. Esse jogo que é estabelecido entre os Bobos com quem passa, tornando um momento único, onde a Máscara transforma-se em um instrumento do lúdico. “Assim como o mito, e aí reside para nós a sua importância, o lúdico é uma maneira de a sociedade expressar-se.” (MAFFESOLI, 2005, p. 47).

O jogo, que existe dentro das Brincadeiras dos Caretas é um misto de sedução e adivinhação, que diverte e contagia. Nele percebo a importância de manter o segredo que envolve o anonimato: o mais importante em ser Careta não é ser reconhecido. Não adianta a pessoa sair e ser reconhecida. Aí perde a graça do negócio. De um ano para outro muda a Máscara, a roupa e o jeito de andar.
(Thiago Souza)

O Brincante ressalta a importância de viver o Careta dentro do seu simbolismo, o anonimato, a forma de andar e se expressar pelos gestos silenciosos, as roupas e adereços, vão construindo e constituindo o Máscarado e possibilitando o jogo da descoberta. A curiosidade é um tema. É recorrente e despertá-la, é apontado por muitos dos Brincantes, como o prazer da Brincadeira que cresce envolvido na Brincadeira. “Assim, o jogo lembra essa regra antropológica fundamental que situa o sério e o lúdico como momentos equivalentes”. (MAFFESOLI, 2005 p. 51) Por isso a carga de identidade é bastante vigorosa em cada participante do Folguedo – dançar faz parte da história de cada um e da vida da comunidade.

Segundo Cavalcanti (2004), Festas Populares integram ricos e pobres: brancos, mulatos, caboclos, pretos, sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face da coletividade que se sobrepõe a essas diferenças.

Nos Carnavais, quando estive presente, imerso e sempre em observação e de forma mais intensa no Brinquedo Máscarado e nos Brincantes e de como tudo faz sentido na Folia e de como tudo está vivo e misturado, acompanhei os Folguedos nas ruas e viajando de uma cidade à outra para que presenciasse, de perto, o desenrolar das Brincadeiras. Essas visitas a esses municípios possibilitaram o aprofundamento da própria dinâmica da Festa, marcada pela música, irreverência e tumulto. E mesmo inserido no jogo com as Máscaras procurei respeitar, contudo, o silêncio e o anonimato dos Máscarados durante o ritual Carnavalesco e ocasiões de apresentação. E de como a história dessas pessoas estão envolvidas no processo de mudanças e permanências das Brincadeiras.

Figura 33 – Caretas de Maragogipe (BA)



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Já nesse primeiro momento, os integrantes dos Caretas de Maragogipe foram se preparar para encenar uma parte da Brincadeira para que eu pudesse ver. Com essa atitude, eles estavam demonstrando que a pesquisa fora muito bem aceita e, até mesmo desejada pelo grupo. Fiquei extremamente grato e a vizinhança também, pois ninguém esperava, nem mesmo eu, uma representação assim, de uma hora para outra. Certamente fui pego de surpresa. Em nenhum momento imaginei que eles fossem me apresentar sua Manifestação já naquele primeiro encontro.

De forma alguma sugeri que o fizessem, isto é, conscientemente, já que minha presença ali foi o que os motivou a tal ato. Entretanto, mesmo concordando com o relato que Victor Turner deu em seu livro *O Processo Ritual* referindo-se à experiência que ele e sua esposa tiveram em suas pesquisas pelo continente africano no qual ele afirma que “durante todo esse tempo, nunca pedimos que um ritual fosse realizado exclusivamente para nosso proveito antropológico; não somos favoráveis a semelhante representação teatral artificial.” (TURNER, 1974 p. 23), fiquei satisfeito em poder ver, mesmo que fora de seu momento ritualístico, uma pequena representação da Brincadeira que eu vinha tentando me aproximar.

Mesmo porque fora uma Manifestação espontânea, em seu lugar de origem e não uma apresentação para turista ou políticos verem. Apesar de alguns Brincantes parecerem meio inibidos na hora da conversa, caracterizados, eles ficaram bem sem vergonha. Como demonstra Matta:

[...] esses rituais festivos ajudam a separar papéis sociais, pois neles todos se descobrem como duas pessoas: uma que atua no quotidiano, sendo séria e pouco dada a “Brincadeira”, outra safada e malandra, capaz de operar como um ator perfeito, simulando as emoções mais proibidas e mais vergonhosas, ou, como falamos, as “mais baixas”. (MATTÀ, 1979 p. 112)

Eu fui até lá esperando receber algum voto de confiança, ou pelo menos algum interesse por parte dos próprios sujeitos rituais, para me dedicar como estudioso interessado no que eles vivenciam por Brincadeira e devoção. Eu apenas conhecia as vestimentas e os instrumentos usados no Reisado Careta, distanciados por um vidro, expostas em um museu da capital. Então, por mais artificial que fosse essa encenação, já era como se aqueles bonecos tivessem ganhado movimento, vozes, cheiro, ritmo; isto é, alma.

Meu segundo contato com a Brincadeira aconteceu quase um ano depois, dia 10 de fevereiro de 2017, em Maragogipe. Voltando para a agremiação dos Caretas de Maragogipe. Depois de cerca de 2 horas e meia de viagem, chegando à sede dos Brincantes, fui direto para o cortejo organizado pela prefeitura da cidade, na Rua Fernando Suerdieck. Quem olhava se admirava com aquelas Caretas passado com suas roupas grandes e coloridas desfilando no meio da rua junto aos pedestres que passavam, fazendo uma grande arruaça e dizendo coisas engraçadas e ao inverso. Causavam certo estranhamento para os desavisados transeuntes, mas também certo encantamento.

Essas imagens reforçam e justificam o estar-junto comunitário, conduzem as pessoas ao prazer de aproximar-se, de formar grupos, de sentir o encanto de brincar. As Caretas de Maragogipe no Estado da Bahia, uma tradicional Brincadeira fruto dessa diversidade que caracteriza essa encantada dimensão do Nordeste brasileiro tal qual um valioso tesouro escondido e na mais absoluta simplicidade como era o brincar. O ato de brincar permite ao Brincante usar a imaginação. Nesse ato lúdico, vestem suas fantasias e se permitem ser quem bem entenderem.

É comum ouvir que se pudessem passavam a vida toda na Brincadeira. É a fase em que as responsabilidades ordinárias são deixadas em segundo plano e o ser humano se permite gozar apenas do “bom viver”. Festas são marcadas por acontecimentos que escapam da rotina, como o uso de roupas e acessórios extravagantes, o fato de todos falarem ao mesmo tempo, a alteração do volume e até do conteúdo dessas falas. São momentos de relaxamento das amarras sociais, onde o indivíduo se sente à vontade para expressar suas indignações e indagações, mesmo que não passe de mero desabafo e tudo volte “ao normal” quando a Festa acabar.

Os Caretas se Máscaram e através desse adorno, pois ele mantém o Brincante de forma oculta, deixando o próprio brincar mais prazeroso e tornando produtiva a criação dos objetos e elementos Culturais. É nesta perspectiva que procuramos os diálogos entre as Máscaras, a Pedagogia e suas relações entre o medo o humor e o mistério que a vestimenta que nos traz o mistério de quem as veste, o corpo-vestimenta e seus códigos, encaminhando, buscando alternativas que levem os Mestres, os Brincantes a refletir os seus papéis na intervenção que a Pedagogia nos traz em formação com as Máscaras Populares.

Os Caretas de Maragogipe possuem um corpo de regras e convenções básicas bem definidas e conhecidas tanto por quem faz como por quem assiste. Improvisam enredos estruturados, atualizando-se sempre, reunindo um conjunto de técnicas próprias, transmitidas através de aprendizagens específicas. Evidenciando assim quão importante, vivenciar a Pedagogia das Máscaras para assim usá-las em seus Festejos, devido a sua contribuição para a formação social, histórica e crítica do Brincante e da comunidade; e ainda, pelo seu caráter de partilhar conhecimentos pela oralidade e tradição, enriquecendo Culturalmente.

As Máscaras dos Caretas apresentam em geral rica linguagem visual atravessada por aspectos da miscigenação estético-Cultural, própria de nossa Cultura, reinterpretada e recriada nas roupas e Máscaras, nos detalhes e ornamentos. Ainda nesta perspectiva posso elucidar que a indumentária “deve, portanto contribuir para a representação, ajudando ao mesmo tempo a caracterização do personagem e a expressividade do corpo” (ROUBINE, 1998 p. 148).

No âmbito da Cultura Popular do Nordeste, as Caretas do ciclo do Carnaval desencadeiam um processo festivo que inclui o lúdico, o cômico, a pantomina, acrobacias e o improviso, práticas nas quais há marca da rebeldia e da resistência, a força da estética e das imagens suscitadas pelo Folguedo, a presença do Brincante que sai dos limites da Brincadeira religiosa e vem vivenciar a dinâmica da liberdade Carnavalesca. Como consta no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Brincadeira é:

O ato ou efeito de brincar; divertimento, sobretudo entre crianças; Brinquedo, jogo; passatempo, entretenimento, entretenimento, divertimento; gracejo, pilhória; caçada, galhofa, zombaria; coisa que se faz irrefletidamente ou por ostentação e que custam mais do que se esperava; *Folguedo, Festa, Festança; diversão Carnavalesca, Folia;* coisa de pouco importância, Festa informal ou improvisada. (HOLLANDA, 1975, p. 81)

Brincadeira dos Caretas de Maragogipe é a denominação mais frequente entre os Brincantes. O ato de brincar está, geralmente, ligado ao universo do lúdico que atinge da criança ao adulto. Entretanto, é como denominamos a ação desencadeada pelos Brincantes em seus momentos de diversão. É uma atividade lúdica, em meio aos blocos Carnavalescos que nos permite viajar por diversas experiências, sensações e contextos. A Cultura Popular é produzida pela classe trabalhadora que entra no jogo entre o esconder-se e o revelar-se. O Brincante apropria-se do silêncio para viver o mistério e o segredo que permeiam a Brincadeira.

A apresentação foi tratada como um espetáculo para agradar ao público, os turistas que chegavam para o Carnaval. A passagem dos Caretas pelas ruas teve no máximo 2h30 e passado esse tempo, eles voltaram à sede, sempre acompanhados por palmas, instigadas pelo ator responsável em apresentar os grupos e as Brincadeiras. Na finalização, devido ao adiantado da hora, os Brincantes voltaram para suas residências. Na manhã seguinte, o grupo se preparava para ir a Salvador. Percebi certa inquietação dos Brincantes, afinal, iriam para Salvador para cumprirem com seu dever, ganharem o cachê e a tão esperada oportunidade de conhecer a capital do Estado; já que muitos iam a Salvador pela primeira vez. Estavam todos demonstrando satisfação.

A relação entre as Brincadeiras é bastante estreita na região. Grande parte da população local brinca o Carnaval. Observei que a maioria das casas têm adornos em suas fachadas multicoloridas. Ali, geralmente, encontramos os Caretas de Maragogipe e outros Brinquedos, sejam eles da cidade ou do Recôncavo Baiano. Um Folguedo reúne letra, música, coreografia e temática, segundo definição de Câmara Cascudo (1999), em seu Dicionário da Cultura Popular Brasileiro. Roberto Benjamin (1984), referindo-se a todo fato folclórico, como imbuído da ideia do folgar, acabou por generalizar os motivos e significados dos bailados, autos, danças dramáticas e espetáculos Populares em geral.

A Brincadeira também pode ser encarada como um tipo de teatro Popular, com elementos sagrados e profanos. Seu lado profano é associado ao teor pornográfico, irônico, grotesco e violento das piadas. Pertencendo a um período festivo, se caracteriza pela vasta ingestão de comidas e bebidas, pelo uso e abuso, pelo excesso e pela pândega.

1.7 Caretas De Judas

A Festa dos Caretas de Judas ou malhação do Judas é um ritual de origem católica que se inscreve nas celebrações da Semana Santa, período que marca simbolicamente a imolação, sacrifício e ressurreição de Jesus de Nazaré para a crença cristã. A própria Festa ao longo dos tempos foi se profanando com o sincretismo religioso e com a mistura com a Cultura local e seus costumes. A Festa se mistura intimamente e se relaciona ao Carnaval, de modo geral, a Páscoa é comemorada quarenta depois do Domingo de Carnaval. Segundo Manfred Lurker (2003), a Páscoa Cristã tem duas raízes: uma pagã e outra judaica. Entre os pagãos era uma comemoração da primavera e seus cultos e ritos estavam associados aos ciclos lunares e solares.

Quanto mais expressivo é o Brincante dos Caretas de Judas, mais ofertas e donativos ele consegue arrecadar devido ao encantamento que exerce sobre devotos, simpatizantes e principalmente crianças, que oscilam entre o medo e a curiosidade ao se aproximarem de um palhaço. Desconhecida a identidade, envolvente é o mistério por trás da farda e da Máscara do Brincante que atrai, segundo relatos, a admiração de muitos, inclusive de mulheres. A Brincadeira dos Caretas de Judas pode ser em dupla, ou em grupo de no máximo de cinco Brincantes, cada um imprime elementos pessoais em sua apresentação.

A relação dos Caretas de Judas com seus adereços é bastante efêmera, isto é, vestidos com grandes roupas feitas de palha ou multicoloridas que prendem rapidamente a atenção de quem vê, passando o mesmo a ser moeda de troca, principalmente entre os Brincantes. Para eles, o uso de uma mesma roupa\farda ou Máscara permanece com o Careta, ou seja, os objetos são usados durante o ciclo da festividade da Semana Santa, as Festas em Cajazeiras (PB), Major Sales (RN) e Ribeirópolis (SE), com seus encontros para a malhação e alguns Festivais de Cultura Popular.

Quando se inicia um novo ciclo anual os adereços são renovados. Os Caretas de Judas trocam um objeto por outro, vendem ou compram novas peças. A relevância dada à aparência combinada com a relação com seus adereços pode ser considerada juntamente com suas Brincadeiras e a própria malhação de Judas, o principal fator ou o combustível que dinamiza a rede de trocas entre Brincantes e comunidade.

Portanto, os Caretas de Judas são figuras ambíguas e cercadas de complexidades. Transitam entre o universo trágico e cômico, destoando da ordem e da formalidade do grupo ao mesmo tempo em que possuem diversas restrições e regras a serem seguidas. A imagem é importante, porém, nada seria, se os versos não fossem bem falados, fazendo com que o espectador veja a Brincadeira, e faça as doações de esmolas para os Brincantes. O Careta da malhação do Judas é para muitos uma criatura ligada ao mal, no entanto, possui o poder de proteger, já que é o Careta que expurga todo o “mal” e os espíritos malfazejos. São, sobretudo, pessoas que por escolha ou fardo submetem suas vidas a uma atmosfera repleta de mistério, espiritualidade, devoção e fé.

Como Festa da primavera, a Páscoa celebrava a entrada de um ano novo e assim foi mantida pela Cultura judaica e pelos primeiros cristãos. Outro dia importante neste ciclo é a Sexta-feira Santa, que acontece dois dias antes da comemoração da Páscoa. Em algumas cidades dos interiores do Nordeste como Cajazeiras (PB), Major Sales (RN) e Ribeirópolis (SE), os ritos da Semana Santa são vivenciados de forma coletiva e suas práticas usuais são respeitadas e partilhadas por jovens e adultos de diferentes faixas etárias, apesar da presença de depoimentos descontentes com o afastamento voluntário dos ritos católicos, principalmente entre os jovens.

Na maioria dos lugares, bonecos de palha ou de pano que representam Judas Iscariotes são queimados e rasgados no Sábado de Aleluia após a leitura de seu testamento cujo texto frequentemente é humorístico e satírico e, por vezes, faz alusão aos moradores locais, como forma de Brincadeira. Em algumas localidades, este boneco é feito com a fisionomia de alguma personalidade do mundo político, social, econômico, artístico ou esportivo que não é apreciado pelo povo, o que justifica sua ridicularização, xingamento e condenação (PIMENTEL, 2017 p. 68).

A malhação de Judas, que é o ato de bater no boneco feito de pano e palha, adquiriu novo significado para a coletividade tendo como base a relação dialética entre corpo e espaço, pretendem-se demonstrar, empiricamente, como se dão as relações dialéticas e as corporeidades dos Brincantes e de como os corpos dançantes modificaram e foram modificados num movimento natural de inter-relações e influências que permitiram a continuidade desta expressão tradicional por meio da criação de novas tradições dentro dos Caretas, mas também às suas especificidades Culturais.

1.8 Conhecendo Os Mestres

1.8.1 Antonio Da Silva - Cajazeiras (PB)

Figura 34 – Mestre Antonio, que apresenta os Caretas de Judas.

Fonte: Acervo pessoal (2018)



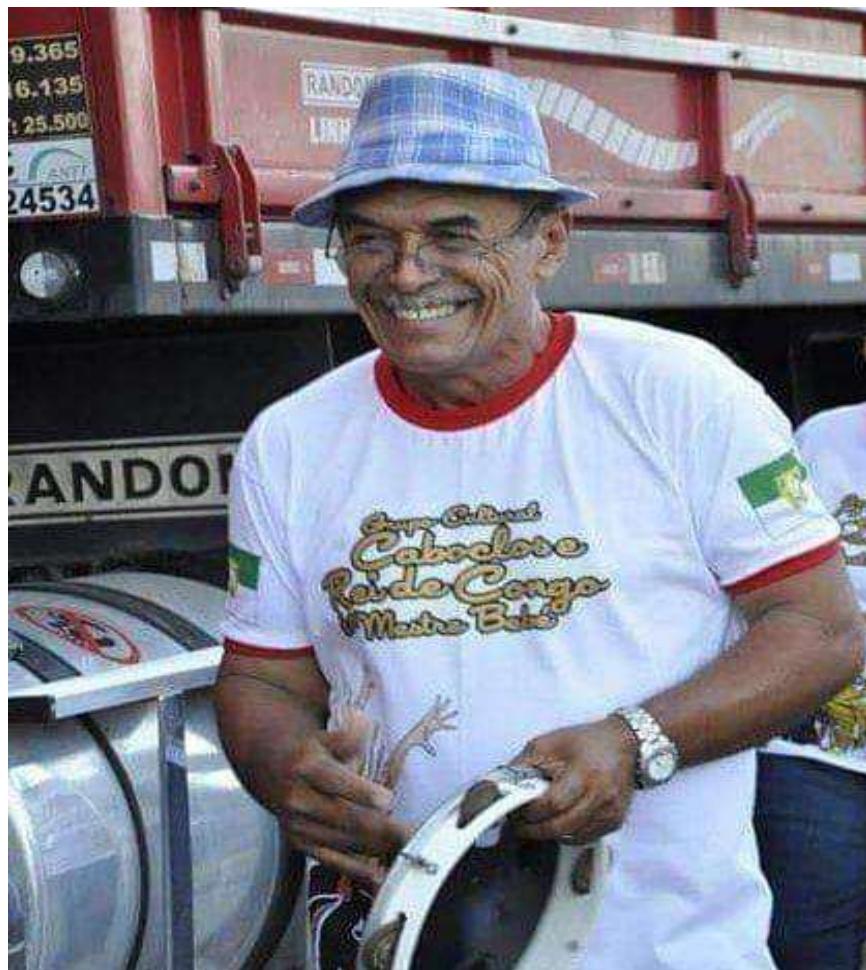
Mestre Antonio da Silva Lins, agricultor e Brincante de Caretas de Judas, vendo seus irmãos mais velhos brincarem, tomou gosto e foi assim que a Brincadeira entrou em sua vida. “*eu tinha uns 12 anos que saí pela primeira vez com a Careta*”. A tradicional Festa que os Caretas promovem, reúne Cultura, Cultura Popular e Brincadeira Popular.

Há séculos, essa forma espontânea de animar a Semana Santa no Nordeste, permanece acesa em quase todas as cidades do interior. Em Cajazeiras, ela ainda se mantém muito viva mesmo com as mudanças de hábitos e costumes de sua sociedade, fruto da contemporaneidade e do crescimento tecnológico. “*Não é uma coisa ruim, mas a Careta mudou ao longo do tempo, entrou essas Máscaras de plástico, mas antigamente não era assim não, antigamente o rosto era coberto apenas com um pano e um chapéu de palha, com o corpo de palha de bananeira*”, comenta Mestre Antônio.

Todos os anos, quando se aproxima os feriados da Semana Santa, várias crianças, adolescentes e até adultos saem às ruas de Cajazeiras fantasiadas com roupas velhas esfarrapadas e usando Máscaras assustadoras para pedirem comida de porta em porta. Esses personagens da Cultura Popular nordestina são os ‘Judas’ ou ‘Caretas’, e o alimento doado pelos moradores é chamado de ‘jejum’. Segundo a tradição, os Caretas perambulam pela cidade durante pelo menos três dias em busca de esmolas para e tentar confraternizar. Eles costumam usar chocinhos para anunciar sua chegada, emitem grunhidos que assustam alguns, mas divertem outros.

1.8.2 Francisco Da Silva (Bebé) - Major Sales (RN)

Figura 35 – Mestre Francisco no centro de Major Sales (RN) em dia de feira



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Francisco de Assis Silva, conhecido como Mestre Bebé, é da cidade de Major Sales. O Mestre Bebé vem desenvolvendo ações no meio Cultural há vários anos e, como ele mesmo diz, é uma Cultura de raiz que vem passando de geração a geração. A história do Mestre Bebé está muito ligada ao Grupo do Rei de Congo. A história de vida do grupo é composta das mesmas características da Vida do Mestre, são pessoas simples, Culturais, trabalhadoras e felizes, de acordo com o que nos conta o Sr. José Berto, pai de Seu João Berto, sendo respectivamente avô e pai do Mestre Bebé. A Festa do Reisado começou em 1930, no Sítio Cavas, hoje Major Sales. Quem fazia a Festa era o grupo do Rei de Couro, que começou com o seu João Berto. Já os Caboclos-Malhação de Judas são de origem indígena. O primeiro a criar um grupo de Caboclos na região de Major Sales, também foi José Berto da Silva, Nascido em 1888, natural do Seridó e chegou ao sítio diamantino em 1904, daí em diante se elegeu como um dos maiores Mestre na Cultura Popular e dos Caretas de Judas Major Sales.

1.8.3 José Robustiano (in memoriam) - Ribeirópolis (SE)

Figura 36 – Mestre José Robustiano



Fonte: Acervo de Leniza Menezes

José Robustiano de Menezes, além de ter sido um fazendeiro influente, foi prefeito de Ribeirópolis por duas legislaturas, em 1935 e depois, em 1946. Foi justamente nesse período que ele criou, na sua fazenda, em meados do século XX, a Festa dos Caretas que permanece até os dias atuais. Ele resolveu se divertir durante o período Carnavalesco com os seus trabalhadores e, a partir daí, a Festa não parou mais. Já se passaram até hoje, 65 anos de comemoração.

O Festejo acontece em grupo, todos os anos, desde 1950, percorrendo as principais ruas de Ribeirópolis. É formado por crianças, jovens, adultos e até idosos que não deixam de fazer parte dessa alegria. O resgate inicia-se logo às 5h da manhã, onde é marcado em um ponto na cidade e, a partir daí, os participantes se encontram e começam mais uma etapa da vida do município. Quase todos os foliões saem caracterizados com vestidos femininos e Máscaras no rosto para não serem reconhecidos, o que revela o lado curioso da tradição, visto que ninguém sabe quem está por trás das fantasias. A apresentação dos Caretas, como são conhecidos, entrou para o calendário festivo do povo ribeiropolense. A Folia atrai dezenas de visitantes que vêm participar dessa “pequena” Brincadeira e, ao longo dos anos, apresenta-se sem interrupções. Como supracitado, o Carnaval dos Caretas de Ribeirópolis já é uma tradição há 65 anos.

1.9 Brincando De Caretas De Judas

Nessa jornada de 2017, a Brincadeira aconteceu na rua em frente à sede do grupo e a Brincadeira foi apenas para esquentar para começarem os desfiles pela cidade. Além do desfile, iniciam-se as arrecadações das esmolas. Na Igreja matriz, a reza começou entre seis e sete horas da noite e durou cerca de duas horas. As pessoas que chegavam eram na sua maioria idosos acompanhados por crianças. Os jovens foram se aproximando apenas quando iniciada a quermesse. Depois uma da parte profana da Festa, a dança dos Caretas.

As vestes dos Caretas são bufantes, feitas de palha de bananeira e as Máscaras são variadas, seja ela de látex ou papel machê, são aterrorizantes também por suas feições de Careta. O gingado do corpo dá movimentos de vai e vem ao “monstro” que ainda carrega um cajado, bastão ou chicote. Ao se jogar para cima de quem passa se retraindo, a figura aumenta de tamanho e aumenta também a proporção do susto. Alguns saem correndo, outros se desviam dando gritos.

Figura 37 – Festa dos Caretas Cortejo em Cajazeiras (PB) arrecadando alimentos



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Os Caretas de Cajazeiras se vestem com roupas enormes feitas de palha, com Máscaras de muitas formas, ou melhor, Máscaras enormes (já que o Careta como um todo é a Máscara) e cheias de enfeites de várias cores que se sobressaem, chifres no alto, perucas e chapéus, talvez o próprio cabelo. Onde fica a boca, dentes e línguas, as Máscaras sempre representam um “rosto” assustador. Para muitos Espectadores, eles são os palhaços da Brincadeira que se ocultam, disfarçados desse jeito, para malhar Judas. Suas fantasias, em cada detalhe, têm muitos significados. Figuras “profanas”, suas intervenções na Festa da Semana Santa são de grande importância, pois cabe a eles “puxarem” ou animar a mesma. Além disso, há obrigações e proibições específicas.

Dentro dos grupos de Careta de Judas de Cajazeiras exite algumas regras na qual o brincante precisa ficar atento, as regras são:

1. Não pode falar palavrão,
2. Não pode desrespeitar idosos,
3. Não pode brincar com mulheres gravidas,
4. Não pode bater na população,
5. Não pode fazer gestos sexuais.

Quem não cumpre essas regras, será punido dentro do grupo, que vai de ser malhado (receber tapas), perder o segredo e revelar quem é, ou ser expulso do grupo, Os grupos tem regras que podem ser realiadas dentro da brincadeira que são:

1. Pode brincar desde que sejam educados
2. Pode pedir esmolas (brindes, comidas, brinquedos)
3. Pode correr atrás das pessoas,
4. Pode Cantar e parodiar quem visita
5. Pode bater no Judas (boneco feito de roupas velhas recheados de palha)

A execução dos Caretas de Judas é realizada no interior de um espaço circunscrito na forma de Festa, ou seja, dentro de um espírito da renovação e liberdade, o que não impede, segundo Huizinga (1993), que a representação conserve as características formais do jogo. Seu universo delimitado tem valor temporário, mas seus efeitos não terminam depois de acabado o jogo. “Seu esplendor continua sendo projetado sobre o mundo de todos os dias, influência benéfica que garante a segurança, a ordem e a prosperidade de todo o grupo até a próxima época dos rituais sagrados.” (Huizinga, 1993 p. 34).

Ao longo da Semana Santa, a Festa acontece durante todo o dia, mais a partir das cinco horas da tarde os Caretas de Judas trazem consigo, no lombo de um jumento, um boneco, confeccionado por eles e que representa Judas Iscariotes, o traidor de Jesus. Após percorrerem as ruas do município cantando, dançando e arrecadando esmolas que eram armazenadas nas roupas do boneco ou colocadas em cima da carroça de burro.

A primeira noite é tida pelos integrantes do grupo como um ensaio geral, afinal eles não fazem a “abrição de porta” e só brincam uma única vez, em frente à sede. Na Semana Santa, quando “brincamos”, estamos nos relacionando com o sagrado e o profano também simulando posições sociais, sentimentos a brincadeira possibilita que as relações e os desejos se misturem. No senso comum, o sagrado e o divertimento são opostos, muito pela seriedade atribuída ao plano espiritual, mas a Cultura Popular integra alegria e sacralidade nos cantos e danças para Deus. Essa união da sacralidade e o divertimento são observados por Huizinga ao afirmar que:

O homem primitivo procura, através do mito, dar conta dos fenômenos atribuindo a estes um fundamento divino. Em todas as caprichosas invenções da mitologia, há um espírito fantasista que joga no extremo limite entre a Brincadeira e a seriedade. Se finalmente observamos o fenômeno do culto, verificaremos que as sociedades primitivas celebram seus ritos sagrados, seus sacrifícios, consagrações e mistérios, destinados a assegurar a tranquilidade do mundo, dentro de um espírito de puro jogo, tomando-se aqui o verdadeiro sentido da palavra. (HUIZINGA, 1993 p. 7)

Huizinga estuda a Brincadeira e o jogo como função social e fator Cultural da vida que é o que encontro dentro do jogo, com as Máscaras dos Caretas de Judas essa relação entre o social e o cultural acontece dentro do Folguedo com a comunidade. Pensá-la como uma tradição religiosa cristã nos faz imaginar que ela seja essencialmente parecida em todas as regiões do país, coisa que definitivamente não acontece. A Malhação/Matança de Judas como é comumente conhecida, é uma das várias tradições trazidas pelos portugueses durante a colonização. Algumas das tradições que existem no Brasil se dão por tradições indígenas e pelo contato com outras nações.

É através do lúdico que as representações sociais se tornam patentes até mesmo perpetuando-se. A tradição varia brutalmente de região para região, no Nordeste as práticas são a dança, a depravação e esquartejamento do boneco Judas. Uma das funções sociais do jogo é a representação. Os Caretas de Judas é uma com representação tanto profana como sagrada. Retomando ao pensamento de Huizinga que contribui para a compreensão, “em suas fases mais primitivas a Cultura possui um caráter lúdico, que se processa segundo as formas e no ambiente do jogo. Na dupla unidade do jogo e da Cultura, é ao jogo que cabe a primazia.” (Huizinga, 1993 p. 53).

Existem algumas interposições entre o que é Cultura Popular e a Cultura de massa, como já vimos, pela maneira que se unem em alguns locais e práticas, como a incorporação de aspectos industrializados nessa Cultura, fazendo o boneco do Judas uma figura de algum personagem de novela e punindo-o, como se fazia originalmente com a figura primária. Porém, isso não ocorre apenas com personagens fictícios, também se “personifica” imagens de políticos ou figuras públicas.

Figura 38 – Festa dos Caretas-Concurso de Caboclos de Major Sales (RN)



Fonte: Acervo pessoal (2017)

A história dessa tradição se iniciou em 1924, com seu precursor, o Sr. José Berto. Conta-se que foi em uma das frequentes Festas promovidas pelo Sr. José Berto em sua residência que surgiu o primeiro grupo de Caboclos de Major Sales (RN), segundo Nascimento (2017). Influenciado por suas memórias e vivências durante a juventude, o Sr. José Berto ressignificou a dança indígena e a transmitiu aos seus amigos, vizinhos e parentes. Em Major Sales (RN), a malhação de Judas pelos Caboclos perdurou até 1944, e foi interrompido pelo Sr. José Berto, e retomada em 1955 por seu filho, o Sr. João Berto, nos conta Souza (2015).

As Máscaras cobriam os rostos dos Brincantes que se transformavam em figuras anônimas. Nele, percebo a importância de manter o segredo que envolve o anonimato: o mais importante em ser Careta é ser não reconhecido. Segundo Nascimento, (2017), as primeiras roupas dos Caboclos foram confeccionadas pelos próprios Brincantes com palhas de bananeiras e alguns pedaços de pano de roupas rasgadas.

A tradição foi passada entre as gerações e, com a morte de João Berto, seu filho, Francisco de Assis Silva, o Mestre Bebé, deu prosseguimento à Brincadeira, repassando seus conhecimentos aos demais Brincantes. A Cultura dos Caboclos se Manifesta durante a Semana Santa, isso a tornaria um ritual sagrado, porém, o profano está presente no fazer a Brincadeira, na mesma Manifestação tanto pela dança miscigenada, entre as Culturas dos povos originários, como dos povos africanos, já que a dança por si só foi adicionada à tradição original, que seria de matar o Judas. Mas a adição da dança no caso da cidade de Major Sales (RN) aconteceu pela observação da mistura de rituais do toré de origem dos povos indígenas do Rio Grande do Norte e posteriormente adicionado na malhação do Judas.

Os Caretas de Judas trazem a “malhação” de Judas para representar a punição do traidor, por isso é justificado as diversas formas utilizadas no ritual de dança para “matar” o boneco que o representa. O boneco incorpora o descontentamento da população para com aquele personagem incorporado ao boneco, cria-se um testamento onde se põe nele as acusações feitas ao “Judas”.

Os Caboclos de Major Sales trazem durante o concurso, dentro do festival dos Caboclos de Major Sales, ha um conurso onde os grupos passam por avaliação criteriosa, onde são julgados varios itens como sua dança, o enredo, as Máscaras, cenas que envolvem os personagens daquele grupo, usados apenas nos concursos, porém nos arrastões que acontecem nas ruas da cidade é feita apenas a apresentação de dança simples, sem muita coreografia, uma maneira nova e inusitada para punição do boneco. O uso de armas de caça e bombas simulando tiros ou até mesmo uma força já foi usado durante algumas apresentações.

Segundo Carneiro (1982), é através da Cultura Popular que o povo se torna presente na sociedade oficial e dá voz aos seus desejos, cria para si mesmo um teatro e uma escola, preserva um imenso cabedal de conhecimentos, mantém a sua alegria, a sua coesão e o seu espírito de iniciativa. Quando se trata de Cultura, Major Sales (RN) acabou se tornando referência, há mais de 100 anos, e suas Brincadeiras são passadas para o povo, passando por mudanças, gerações diferentes, momentos de imensa criatividade e elaboração conceitual, com novas leituras, mas nunca perdendo o sentido inicial da tradição. Na Brincadeira, podemos encontrar uma moralidade aberta, a união familiar, a Brincadeira entre amigos e, acima de tudo, o sentido religioso no qual ela se estrutura. E os Caboclos de Major Sales continuam firmemente no coração da população.

Os Caboclos de Major Sales passaram a ocupar muito além de um período festivo de Semana Santa, entendida como dança folclórica, durante todo o ano ocorrem apresentações seja na cidade ou em outros eventos municipais e estaduais.

O bailado dos Caboclos tem um papel lúdico claramente exposto pelos Caretas. Nos encontros, são os responsáveis pelas Brincadeiras que devem promover alegria. Brincam e cantam para a representação do evento mítico da peregrinação rumo à malhação de Judas. Quando nos referimos a Manifestações religiosas, logo pensamos em símbolos que retratam a Igreja, que não pode deixar de ter, mas basicamente, a maior referência dessa Cultura local a religiosidade seria a imagem de Judas Iscariotes e a sua “morte” simbólica.

É um processo ritual, “quando há a suspensão de tempo e do espaço da realidade, para a instalação momentânea de novas dimensões temporais e espaciais; o mesmo que ocorre no jogo, onde o mundo habitual também desaparece” (PEREIRA, 1995, p. 105). Porém, é um dos momentos em que mais se faz sentir a força da coesão do grupo e da fraternidade dos Caboclos, onde o próprio Careta se faz presente, que só um convívio desta natureza pode gerar. Fato que nos faz lembrar que a Brincadeira também é coisa divina, já que a grande maioria das Brincadeiras Populares brasileiras é feita em devoção às entidades religiosas.

Segundo os mais velhos da cidade, a dança de Caboclos iniciou como, já dita, a partir da observação de danças indígenas e assim agregou o ritual de matar o Judas. Qualquer que seja a nomenclatura usada, mesmo que disfarçado, o sentido religioso está sempre presente. A força regeneradora do brincar Popular está não somente no riso e no êxtase, mas também na crença no santo protetor da Brincadeira. Segundo Cascudo (1999), a dança teria sofrido modificações no seu caráter sagrado, imediato e utilitário em detrimento de um espírito lúdico, fruto de um longo processo de autonomização da arte, que diversificou a sua função social ao longo dos tempos. Mário de Andrade escreveu sobre o teatro folclórico:

Todos têm fundo religioso. Ou melhor, dizendo: o tema, o assunto de cada bailado são conjuntamente profano e religioso, nisso de representar ao mesmo tempo um fator prático, imediatamente condicionado a uma transfiguração religiosa... A vontade de caçoar, de se libertar de valores dominantes por meio do riso, produziu a inflação de episódios como esses, em que o povo atinge inocentemente o próprio sacrilégio, numa serena ausência de pecado. (ANDRADE, 1986 p. 24-26)

Os Brincantes geralmente seguem seus pais, que eram Brincantes antes deles. Desde que conheci os Caretas pude acompanhar os ensaios frequentes da turma dos Caboclos e, por ser mais distante das demais residências, permitia que os Brincantes não fossem vistos nem identificados pela comunidade. A justificativa seria deixar a dança mais atrativa aos olhos da população e assim arrecadar mais esmolas para financiar a Festa que acontecia no sábado, após as apresentações das equipes. A experiência e a sabedoria dos mais velhos tomam dimensão maior no saber/poder de quem traz o legado, ultrapassando tempos e memórias.

Apesar de ocorrer durante a Semana Santa onde os ritos são vividos de forma mais intensa, a celebração mistura o Sagrado e o Profano. Nasceu, aí, a tradição: os moradores da região, passaram a se reunir para brincar na segunda-feira seguinte ao Domingo de Ramos, vestidos como “bicho”, com suas roupas de folha de bananeira e com seus rostos cobertos por Máscaras, acompanhados por músicos que tocavam foles, reco-recos e pandeiros. Tal Manifestação é tida como profana:

É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso [...] até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo. (ELIADE, 1992, p. 18)

Como acontece em todo lugar, as Manifestações Culturais se transformam e se reinventam. O contexto da Dança de Caboclos, assim, como o brincar significa também relacionar-se procurando romper as fronteiras entre posições sociais, criar um clima não verdadeiro, superimposto à realidade como também houve transformações que continuarão a acontecer já que a vida é um constante processo de transformações como afirma Trindade (2006, p. 100), “a dimensão ancestral carrega o mistério da vida, da transcendência”.

Banda composta de pífanos, zabumba, Porca (espécie de cuíca) e muita alegria. Assim começa a alvorada na madrugada de Sexta-feira da Paixão. O prelúdio de uma Festa misteriosa e divertida: Os Caretas. Depois da atração principal, ainda tem mais tradição para quem gosta de Cultura Popular, a queima do Judas e o “pau de sebo” são ingredientes indispensáveis para fechar o ciclo de eventos da cidade.

A relação dos Caretas com a música existia principalmente nas festividades, e essas estavam sempre relacionadas com as tradições cristãs, os cantos, que eram improvisados e contavam com a participação do público, uso da oralidade e memória são pontos chaves com a música e com os músicos que estão sempre acompanhando a Brincadeira. Muitos músicos ainda mantêm o hábito de cantar suas serestas utilizando violão, sanfonas e triângulos e vão dando lugar às composições musicais.

A música sempre esteve presente nessa tradição, fosse apenas o Judas ou já com a introdução dos outros Caretas. A musicalidade variava muito entre os grupos, e de Estado para Estado os instrumentistas e Brincantes dos Caretas de Judas cantam por meio de histórias que vem de uma tradição oral, de sua Cultura local que passou a ser tratada pela população como uma espécie de mitologia palpável a qual eles conseguem interagir, materializando esse personagem na qual batem e adicionando novos elementos.

A simbologia de matar o boneco de Judas é uma das poucas permanências existentes dentro da Brincadeira dos Caretas, também é a parte mais significativa da tradição, visto que é o elemento de real sincronia com a religiosidade do evento. Durante a Brincadeira esse processo de aprimoramento é modificado a cada ano, a morte do boneco de Judas no Sábado de Aleluia e inovações na forma de matá-lo é um dos momentos mais atrativos das apresentações.

Figura 39 – Festa dos Caretas-Desfile dos Caretas de Judas pela cidade



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Pessoas se juntam a um grupo de músicos cantando músicas Populares brasileiras ou adaptadas da Cultura Popular. Durante o percurso, uma pequena multidão vai se formando, pessoas de todas as idades se juntam à alvorada. Os cantores e “tocadores” param nas casas de alguns moradores, ficam cantando as músicas da Cultura Popular e fazendo repentes com o nome dos habitantes. No Sábado de Aleluia, no período da tarde acontece a Manifestação mais conhecida, o cortejo dos Caretas.

O Sábado de Aleluia representa a ressurreição de Jesus Cristo, o Domingo de Páscoa a sua comemoração do sacrifício de Cristo para salvar os meros pecadores. Discutido esse contexto religioso, Gurgel traz uma reflexão sobre essas mudanças que acontecem no decorrer do tempo na sociedade.

As formas espirituais de Cultura, passam também por transformações profundas. A Semana Santa, por exemplo, terá sido o caso mais evidente, de tais mudanças. Aquele espírito de respeito e recolhimento, que os católicos assumiram outrora, pela morte de Jesus, transformou-se, para a juventude de hoje, numa alegre expectativa pelas animadas comemorações do Sábado de Aleluia. (GURGEL, 2008, p. 40).

Mas a irreverência e a improvisoção ainda é uma característica marcante no desempenho dos Caretas de Judas. Irreverentes, eles são peças estruturantes em todo o tempo da Brincadeira. E são valorizados a todo o tempo no cortejo, principalmente pelo papel lúdico que exercem. Assim, apesar do rito coletivo, a Folia atua também como *locus* de realização pessoal. Eles brincam com seus familiares, amigos e vizinhos, brincam com quem passa na rua, improvisam versos para os presentes, desafiam os companheiros, cantam histórias engraçadas.

Em meio à pequena multidão, duas figuras surgem para alegrar a caminhada. O Boi e outra figura conhecidas como Jaraguá, ambas as figuras já vistas em Manifestações da Cultura Popular no Brasil. No momento em que as figuras entram em cena, começam os cantores a ritmar uma das músicas da Cultura Popular, que também é das mais antigas. A figura dos Caretas expressa a variedade e a riqueza da produção artística local. A escolha das cores, dos materiais, de objetos, constitui-se em textos visuais, sonoros e plásticos que têm significados e sentidos diversos para cada grupo ou comunidade. Apesar da semelhança do ritual de outros estados, a diferença entre os grupos e seus paramentos é que dá importância à Festa. É justamente nessas diferenças que se reconhecem os grupos e sua história.

No início da noite de sábado, acontece o final dos Festejos. Uma das partes finais consiste na queima do Judas, e antes da queima é dita a “herança” que o Judas deixou. Essa herança consiste em fazer um inventário para ser apenas falado antes da queima. O nome de algum dos moradores é citado e a herança “dada” de acordo com a pessoa. A malhação de Judas, o ponto de culminância, se dá com os Brincantes pendurando-o por uma corda no pescoço em um grande galho e dançando ao seu redor.

A Queima do Judas, uma Manifestação Popular que expressa as reivindicações, pensamentos e críticas destes grupos que estão à margem das decisões que movem a sociedade e que sofrem as consequências desta posição passiva, restando apenas os meios da Folkcomunicação, neste artigo a Queima do Judas, como forma de expressar o seu descontentamento. (SILVA, 2017, p. 2)

Depois desses que os ciclos festivos vão se encerrando alguns dos folguedos também vão se encerrando outras Manifestações mesmo a passos lentos ainda se mantem ativos durante o ano. A cidade começa a se preparar para a rotina, não esquecendo as alegrias e diversão que a Cultura Popular proporciona. Os Folguedos Populares apresentam indubitável importância dos elementos da tradição por meio da oralidade e do desafio para a compreensão das aproximações, afetações e particularidades que cada Folguedo tem. Por abarcarem uma série de saberes coletivos compartilhados por um povo, que neles se identifica enquanto comunidade. Pensar os caminhos na qual as Máscaras constroem dentro de seus processos didático-pedagógico com os brincantes e a comunidade oferecem elementos para pensar nas Máscaras.

4. PROCESSOS PEDAGÓGICOS DAS MÁSCARAS

Desde a infância sempre tive contato com trabalhos manuais e, essas vivências com a artesania e os processos pedagógicos foram a minha maior influência na escolha do tema desta pesquisa. Na minha infância, lembro que participava das Manifestações dos Caiporas na cidade de Pesqueira-PE que aconteciam antes e durante o Carnaval, por estar sempre presente com o lugar que já tinham a tradição da arte Popular das Máscaras feitas, em sua maioria, com saco de estopas. Por mais que aquelas figuras estranhas me causassem medo, despertava em mim uma curiosidade e admiração em realizar um trabalho voltado para a pesquisa de Máscaras e durante esses anos desenvolvi vários estudos com a Pedagogia das Máscaras.

No processo pedagógico nas Brincadeiras, o encontro com os Mestres e as suas Pedagogias das Máscaras, compreendendo o funcionamento da Brincadeira, a partir da vivência nas comunidades, no movimento do fazer, no olhar do Brincante, é um processo encantador e enriquecedor. Nos experimentos em oficinas pudemos vivenciar, além da técnica, os conteúdos com uma dinâmica diferente, cada uma com sua peculiaridade.

Durante este processo, os que estavam nas oficinas puderam, a partir da prática de construção das Máscaras, experimentar momentos de liberdade de criação, potencializando os seus saberes. Deu-se a “descoberta” de uma prática pedagógica na qual a Cultura Popular e seus desdobramentos fossem levados de forma prática na execução de oficinas, formas poéticas, afetivas e lúdicas de como conduzir metodologicamente uma formação para a construção e confecção da Máscara.

Os Mestres que conheci dentro desse processo, buscam dar continuidade à tradição, o que para mim pode ser entendido como verdadeiro ato pedagógico à medida que, como nos diz Dias, esta prática se dá como “uma grande aliada da educação, especialmente quando utilizada para apoiar uma resistência Cultural como a elaboração, uso e a aprendizagem das Máscaras artesanais pelas novas gerações da comunidade mazaganense.” (DIAS, 2009, p. 38). Foram desenvolvidos alguns processos em que encontrei algumas respostas sobre o ensino das Pedagogias das Máscaras, do teatro através de uma proposta metodológica prática, do ensino-aprendizagem da Cultura Popular, e a tradicionalidade da feitura da Máscara.

A meu ver, todas as experiências vividas com os Caretas e os Mestres nos ensinaram muito, aprendemos tanto na prática como por meio da observação, buscamos compreender seus processos de ensino-aprendizagem. Um deles é que participar da Brincadeira dos Caretas requer uma lógica própria, comprometida com o fazer comunitário, com o prazer de estar junto com todos que fazem a Brincadeira, que parte de um princípio igualitário de valor e de organização. Essa relação entre as técnicas da Pedagogia e suas práticas dentro e fora do grupo e na comunidade proporciona um espaço livre, de criação e Brincadeira.

Por outro lado, vale a reflexão sobre as formas de sobrevivência das Brincadeiras Populares nesse contexto, a partir de auxílio financeiro de políticas Culturais, que exigem um trabalho de produção dos projetos a serem executados. A Brincadeira que tem suas regras é também um jogo. Aos poucos aprendo uma nova maneira de brincar, pois cada Careta é uma Brincadeira que também possui suas próprias regras.

Aprendia então as regras da confecção e dos passos da Brincadeira. Cada Careta tem um passo de dança, de movimento, um percurso pedagógico. Assim, coloca a Pedagogia das Máscaras e a Brincadeira como característica de jogo que pode nos revelar possibilidades de compreensão da existência da necessidade humana do brincar, do lúdico. A própria Pedagogia das Máscaras em linhas gerais aponta para a forma de apropriação e que estão sujeitas muitas das tradições Populares. Na Pedagogia das Máscaras se desloca o Brinquedo e a Brincadeira Máscarada deu seu lugar de compartilhamento de olhares em um ambiente familiar, comunitário e aberto a trocas.

E aqui podemos comparar cada trajeto que a Pedagogia propõe para os Brincantes que criam por meio de um contínuo brincar, com os grupos que se reúnem continuamente para brincar a mesma Brincadeira ou criar novas Brincadeiras com novas regras de jogo, rodeadas de mistérios, compartilhadas entre eles. A experiência sobre a qual procuro com os processos pedagógicos aponta para a complexidade de como são as formações da Cultura Popular.

Como quase todos os grupos Máscarados, boa parte dos participantes é constituída por relações de parentesco onde a Brincadeira passa a ser brincada. As Pedagogias das Máscaras atuam para reavivar as danças e cantigas Populares do Brinquedo, para que permaneçam vivas no cotidiano da comunidade junto com a Brincadeira, difundindo e compartilhando essas práticas Culturais e artísticas com indivíduos e coletivos de outros contextos, assim como também aprendendo outras práticas, vivenciando e trocando saberes.

Com as oficinas das Máscaras, as atividades continuam nas comunidades, as crianças ficam com muita vontade de continuar construindo cada etapa das Máscaras. Os Mestres que conheci como Mestre Teco em Triunfo ou Mestre Bebé em Major Sales entre outros que conheci buscam sempre desenvolver formas de atrair ajuventude local e novas maneiras de realizar seus processos. Havia claro, um jeito tradicional de fazer, mas cada Brincadeira Máscarada fazia à sua maneira. Aproveitei cada experiência com os Mestres.

Cheguei à casa de cada Mestre sendo convidado para ensinar, mas junto a todos estou lá para aprender com o grupo a fazer Máscaras. E iniciamos essa partilha, essa troca de saberes, e de imediato fomos levados ao processo para construir as Máscaras, os elementos naturais estão presentes, e a argila extraída manualmente da beira dos rios, açudes e estradas é levada para casa dos Mestres.

Essa argila é, então, transformada na base que será usada para construir a Máscara. Esse feitio das Máscaras é desenvolvido em conjunto com as crianças, jovens e com os Brincantes, para confecção de novas Máscaras. Assim, podemos observar essa prática da feitura das Máscaras e identificar que a sua construção pelo Mestre, mesmo feita de forma simples, tem uma potência imensurável, visto que nesse processo, a argila tem uma função de partilha de conhecimento entre os membros da família.

A argila não é uma inovação nas práticas educativas. A argila está presente na feitura das Máscaras como alicerce do qual será moldada. No processo de aprendizado, pensamos nesse primeiro processo de feitura da Máscara como um momento também de alicerçar os saberes esculpindo no barro formas com suas próprias mãos.

Em um primeiro momento houve o contato com a argila, provocada pelo tocar, fazer formas, descobrir possibilidades, quase como um Brinquedo que pode ser desmontado e montado ao mesmo tempo. Essa etapa, na qual pudemos tocar e manipular a argila de forma livre despertou diversas reações como alegria, curiosidade, também despertou nojo ao toque na argila e frustração por não ter dado certo no processo de modelagem. A feitura da sua Máscara, com suporte, mas sem nenhuma intervenção do Mestre ou de algum Bricante mais velho presente, percebo “a afetividade ganhar destaque, pois acreditamos que a interação afetiva ajuda mais a compreender e modificar as pessoas do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente.” (ALMEIDA, 2014, p. 22-23).

Para iniciar a confecção das Máscaras feitas de papel pela técnica de papietagem os Mestres Teco em Triunfo Pernambuco como Mestre Gilberto de Tatunhamunha (in memoria), em Porto de Pedras em Alagoas ambos passam pela modelagem na argila. Hoje quem dá continuidade aos ensinamentos de Mestre Gilberto, é Thiago Silva, que também ensina a construção das Máscaras tradicionais dos Bobos Gaiatos, personagens Máscarados para seres antropozoomórficos.

No primeiro desafio era como desenvolver a confecção das Máscaras nos moldes de argila, e nesse momento de extração da argila e modelagem leva um tempo de dois a três dias, sendo que tínhamos pouco tempo para esperar a secagem do molde, pois fiquei pouco tempo, e uma semana passa muito rápido. E o tempo torna-se um empecilho para o fluxo de aprendizagem, tanto as conversas e práticas que tive com Mestre Teco em Triunfo-PE e com Thiago Silva Porto de Pedra-AL, chegam à conclusão de que realmente mesmo sendo uma prática que leva um tempo a ser produzido o importante é a aprendizagem e a ludicidade da ação e a abordagem histórica do Brinquedo como forma de ensino da tradição.

Seguindo essas primeiras etapas do processo de confecção das Máscaras de tanto os Caretas de Triunfo quanto os Bobos Gaiatos em Porto de Pedra, o uso e modelagem da argila que leva um tempo de secagem a segunda etapa, é realizada a partir da técnica de papietagem.

Para iniciar a construção das Máscaras de papel, a proposta com a utilização da argila é um processo de investigação, acerca das práticas aplicadas, buscando uma noção de modelagem, secagem entre outros cuidados com a argila, para que depois, de forma mais detalhada de como ocorrerá à aplicação da papietagem, questão pedagógica na qual os Mestres vêm construindo. Nas oficinas com os Mestres pudemos vivenciar na prática essa experiência do fazer e construir nossos próprios conceitos acerca da obra esculpida por nós mesmos na argila.

Esse processo vem sendo realizado há décadas por ambos os Caretas, e os Brincantes que mantém viva a tradição dentro do seu ambiente familiar, e em especial Thiago Silva e amigos mantem viva a memória e os ensinamentos de Mestre Gilberto e Thiago vêm ensinando as crianças da comunidade a fazerem as Máscaras como forma de disseminação da arte de confecção das mesmas.

Toda Máscara feita de papel segue a técnica da papietagem. A papietagem é um processo lento: primeiro foi cortado o papel jornal e o papel metro em pequenas partes, sendo empregadas nas esculturas dez camadas em toda a superfície. Depois da cola secar, foi utilizado argamassa para que o material ficasse mais resistente. Logo depois, foi necessário lixar as Máscaras duas vezes. Ao fim dessas etapas pincelou-se tinta acrílica de cor branca como base para a pintura final. Algumas Explanações de Cada Oficina: Faço um breve relato das experiências que tive com os Mestres, com as pontuações mais pertinentes.

As oficinas que foram feitas para confecção das Máscaras de papel, com a técnica da papietagem, os Mestres seguem basicamente a mesma metodologia e a mesma finalidade. O objetivo geral das oficinas é realizar a produção e confecção da Brincadeira, com a finalidade de estabelecer alguns parâmetros estéticos para o desenvolvimento da criatividade através de uma produção e confecção das Máscaras. Cada Mestre possui sua forma de ensinar, porém com uma metodologia que segue uma mesma prática que é colocar a mão na massa, e observando a parte manual da oficina, ele passa por quatro momentos que são com a seguinte proposta:

1º Momento: Conceituação e elaboração do projeto de construção das Máscaras.

2º Momento: Confecção das Máscaras: parte estrutural.

(Inicia-se a base estrutural da Máscara e a preparação dos materiais da produção da mesma).

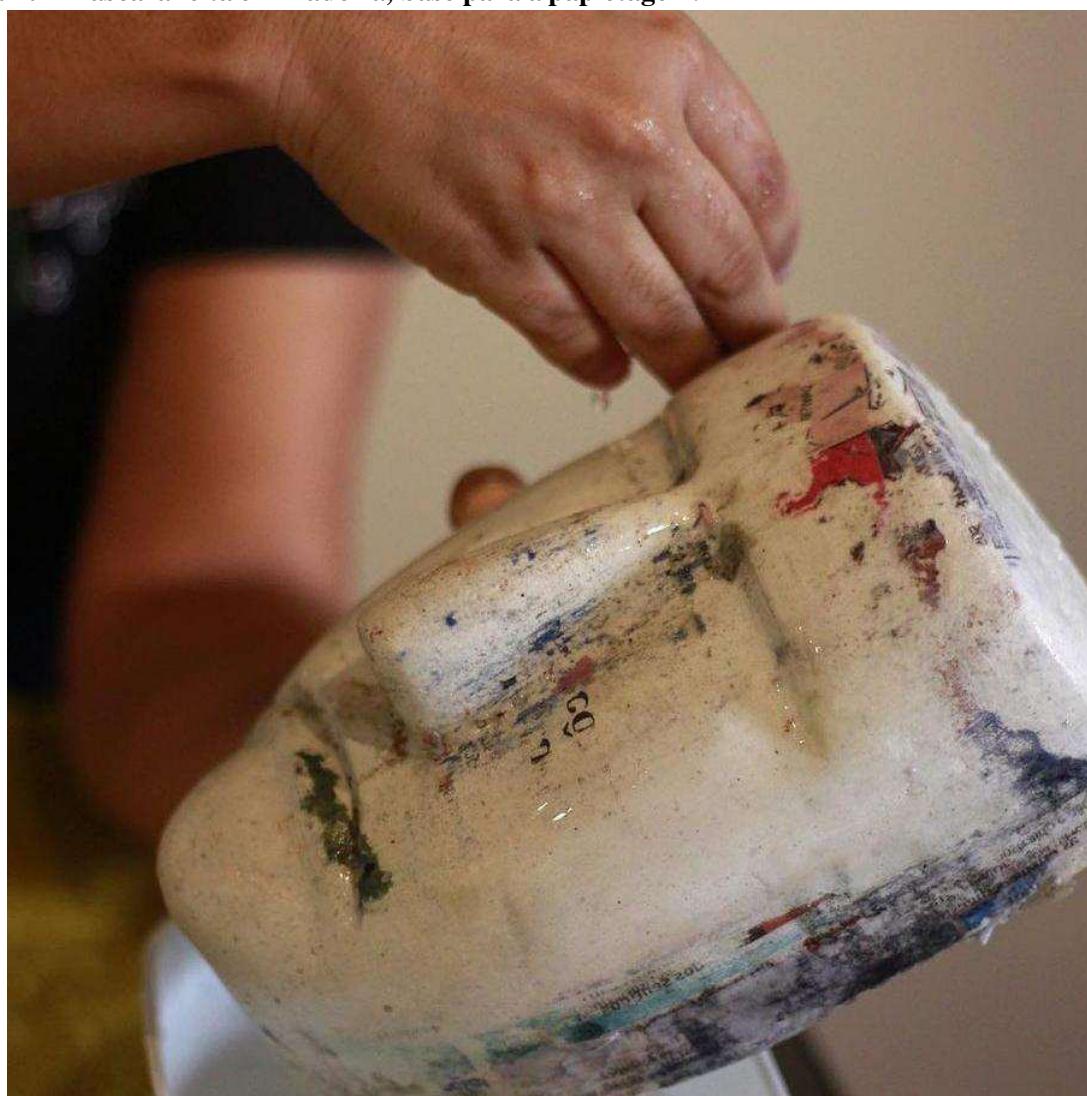
3º Momento: Confecção das Máscaras: modelagem.

(Dá-se continuidade na execução das Máscaras com a construção e modelagem de formas na Máscara)

4º Momento: Confecção das Máscaras: pintura e caracterização.

(Realiza-se a construção pictórica e plástica das Máscaras. Estabelece-se um diálogo com os alunos de forma a estimular a caracterização subjetiva das Máscaras).

Figura 40 - Máscara feita em madeira, base para a papietagem.



Acervo Pessoal

Figura 41- Máscara Caretas de Triunfo, desmoldada par acabamento final.



Acervo Pessoal

A Primeira Oficina – Mestre Teco de Triunfo-Pernambuco, oferece oficinas no seu ateliê ou na Casa dos Caretas. Inicialmente, por se tratar de crianças e jovens, em sua grande maioria as oficinas são oferecidas somente nos fins de semana, fora do horário e dias normais das aulas, para além das crianças, alguns adultos também se fazem presente. Na oficina oferecida éramos um grupo misto e poucos de nós possuíam um pré-conhecimento sobre o que faríamos o que contribuiu satisfatoriamente para o rendimento do trabalho. Em seu ateliê, Mestre Teco nos oferece muitos recursos e possibilidades de aprendizagem. Estávamos todos em círculo e distribuídos pelo espaço, embalados ao som dos pássaros e pelas histórias que Mestre Teco conta introduzindo sobre a história das Caretas, de como surgiu em Triunfo e com suas histórias nos mostrava possibilidades conceituais e de plasticidades variadas.

Todos nós demonstrávamos interesse pelas histórias contadas e pela confecção, as crianças presentes sempre questionando. Pude perceber, por meio das oficinas das Máscaras, que o grupo que estava presente já tinha uma familiaridade com a Máscara, com a Pedagogia que foi utilizada e com todo processo de confecção. Outra observação é que uma boa parte das pessoas que concluíram a oficina foi à mesma desde que iniciou, suponho que devido ao tema e porque se aproximava o Carnaval. Todavia, o sorriso estampado no rosto de quem chegou a realizar o trabalho, e pela felicidade do Mestre Teco no final, ficou evidente seu grau de satisfação.

Figura 42- Papel de Jornal picado e bacia com agua e cola para papietagem



Acervo Pessoal

Figura 43- Máscara modelada com papietagem e pintura com tinta branca.



Acervo Pessoal

A Segunda Oficina – Thiago Silva de Porto de Pedra-Alagoas oferece oficinas no Espaço Colaborativo Catolé. Com uma turma variada entre os Brincates mais experientes, mas muitas crianças e jovens, artistas plásticos e turistas, as oficinas são oferecidas nos fins de semana ou eventos oferecidos pelo Espaço Catolé. Com um grupo misto Thiago Silva nos oferece os recursos necessários o grupo e eu, permanecemos em círculo e distribuídos pelo espaço. E tudo muito simples e prático ao mesmo tempo, tendo em vista que todos nós demonstrávamos interesse pela confecção. Thiago jogando sempre com os presentes, jogo esse através da aprendizagem, as Brincadeiras de forma lúdica estavam presente.

A construção das Máscaras com papel e cola. São realizadas por meio de oficinas que os Mestres ministram na comunidade com a participação de adultos e crianças. Nas oportunidades em que pude estar, havia muitas pessoas e aqueles que tinham mais habilidade ajudavam quem tinha menos, assim tudo fluía. Pouco depois da oficina de Máscaras, fui chamado para as sambadas (ensaios da Brincadeira) e, assim fui chegando, de mansinho, colaborando naquilo que eu sabia, trocando, participando e me envolvendo. Posso dizer que foi minha experiência com o teatro e no fazer teatral junto com as habilidades manuais que me levou até as Manifestações Máscaradas do Nordeste.

O processo de confecção das Máscaras feitas de papel em Major Sales, segue outro caminho, outro pensamento, mais passa pelas práticas manuais na qual o Brincante precisa ter, as Máscaras dos Caretas do Mestre Bebé, a papieragem e a bricolagem de outros materiais recicláveis e não só é a Máscara mais toda indumentária. Os Brincantes dos Caretas de Major Sales unidos como uma grande máquina e cada um desempenha um papel, fazendo parte dessa engrenagem Cultural para construírem suas Máscaras. Essa “fábrica” está reunindo crianças, jovens e adultos trocando experiências e é nesses momentos de trocas que estive, junto a eles rindo, brincando e confeccionando, me angustiando já que nos dias seguintes tudo que fizemos seria julgado dentro da arena. E no momento que ouvimos figurino, adereço e Máscara nota dez vibraramos. E foi com aquela energia, aquela vibração que me despedi.

A Terceira Oficina - Trabalhar diretamente com os Brincantes e junto a eles com Mestre Bebé trouxe para mim uma experiência diferente de trabalho, pois, se mostraram um público mais exigente tanto na participação das discussões do grupo, nos processos criativos, quanto na construção individual de suas Máscaras dentro de uma criação coletiva, o que contribuiu para uma boa realização dos trabalhos produzidos. De início, Simone Silva, filha do Mestre Bebé, juntamente com uma comissão veio conversar com todos sobre o tema em que trabalharíamos com a produção das Máscaras, então foi dada uma folha sulfite A4 onde todos dariam sua opinião sobre o que deveria ter na Máscara. Também podíamos desenhar uma Máscara da forma que a compreendêssemos.

Essa atividade inicial teve o objetivo de valorizar a bagagem de conteúdos que todos do grupo já traziam consigo, e também, para fazer um comparativo entre os projetos já realizados. Percebo um maior interesse do grupo. As oficinas que o grupo oferece são para que toda produção seja para o festival dos Caretas de Major Sales, a construção das Máscaras passava por um processo de produção, divididos por etapas, porém todos passavam por todos os processos, para que a própria confecção fluísse. A finalização das oficinas com o grupo do Mestre Bebé foi tão positiva que, por iniciativa deles, fui convidado para participar, porém mesmo honrado com o convite, não fui. As oficinas oferecidas pelo grupo criam um diálogo mais abrangente com as Máscaras e com a toda produção, ligando Brinquedo e comunidade.

Depois de uma trajetória repleta de inquietações e muitas perguntas feitas, cheguei às Máscaras que não são confeccionadas pelo grupo, ou pelo Mestre. Pela evolução da própria Brincadeira na comunidade se tornou um hábito comprar as Máscaras em lojas de Festa nas grandes cidades ou na Capital. Máscaras feitas de látex ou plástico mesmo é uma tendência entre os jovens de Cajazeiras (PB) e Ribeirópolis (SE), os Mestres seguem a evolução da Brincadeira e abraçam a modernidade.

Diante das práticas pedagógicas no âmbito do ensino entre Mestre e Brincantes de um ensino informal, existe um repertório de práticas de ensino e aprendizagem entre eles, um ganho acerca das vivências durante todo ano entre os dias da Festa e depois que ela se encerra, e a certeza de que ainda é possível sonhar com a Brincadeira dos Caretas de Judas e a participação afetiva entre os mais novos e os mais velhos das cidades de Cajazeiras (PB) e Ribeirópolis (PB).

Minhas vivências ao longo do período em que estive com Mestre Antonio da Silva de Cajazeiras (PB) e com os Brincantes de Ribeirópolis com a representante do grupo Dona Leniza Meneses filha do Mestre José Robustiano Meneses, com os Caretas de Judas, de todo esse período de imersão através do objeto de pesquisa, foi sem dúvida momentos de muita aprendizagem, os processos são de busca da palha da Bananeira e a preparação da vestimenta da Careta.

Foram dois experimentos que compuseram minha trajetória com as Caretas de Judas. Para que compreendam melhor a pesquisa com as Máscaras, e os desdobramentos que ela nos proporcionou nesse percurso, onde as reflexões tiveram uma função plural me dando possibilidades de novas práticas. Mestre Antônio, mesmo nunca tendo entrado em uma escola e nem estufado, ele mantém um espaço de ensino aprendizagem. Sua ciência e visão do que a natureza ensinou a seu Antônio, e seu Antônio a nós que estávamos ali para aprender. Ele nos ensinou sobre a sua plantação de bananas, como colher e cultivar, falou como faz a coleta das folhas de bananeira para fazer a roupa das Caretas.

No primeiro momento tivemos dificuldades, como o espaço de armazenagem das palhas, mas Mestre Antônio resolveu, disponibilizou a sala de sua casa, para realizar os processos de montagem da roupa. Assim, tínhamos um espaço fixo para as oficinas, pois ele optou em trabalhar com todo o processo pelos quais precisavam passar as vestimentas e Máscaras dos Caretas, desde o da secagem de algumas palhas, de um lugar amplo para a costura: tínhamos naquele momento toda a estrutura para realizar nossas atividades.

Retirar as palhas, prepará-las para secagem e transportar para casa de Mestre Antônio, era outro desafio, mas estávamos dispostos a fazer. O desdobramento dessa ação prática, aparentemente simples, que é fazer um grande saião feito da palha, mas dessas ações Mestre Antônio Silva em conversas nos estimulou e, a partir disso surgiram imprevistos que também foram de fundamental importância para a potência do trabalho. Toadas e loas trabalhando com noções de expressão corporal a partir do baile de Máscaras e da história da Festa no primeiro dia e com a confecção das Máscaras no segundo dia, finalizando com um pequeno baile com as crianças do projeto. Ali nascia nosso primeiro experimento. Foi a partir dessas provocações que as Pedagogias foram elaboradas para as propostas com as Máscaras, de acordo com as experiências vivenciadas, ou seja, que tivesse um caráter de espontaneidade, que não fosse baseado em técnicas pré-estabelecidas e que não fosse entendida como algo acabado.

Indo para Maragogipe na Bahia e as experiências dessa vez na casa de Mestre Pelé não tem muitos processos na confecção das Máscaras, os processos pedagógicos e os mistérios dessa lindíssima Máscara também estão nas relações das práticas corporais com as Máscaras. As Caretas de Maragogipe são confeccionadas com tecidos coloridos, desde a roupa até a Máscara. Tínhamos que serem os mais práticos possíveis na confecção das Máscaras, então ressignificamos a técnica de forma lúdica.

Acompanhar os processos de confecção das Máscaras de Maragogipe também me despertou para o processo pedagógico e de criação, as inquietações geradas pela Máscara e de suas práticas corporais e dessa possibilidade de física, afetando-nos ao perceber que as Máscaras se tornaram uma ampliação do cotidiano de seus criadores, os traços, as cores, as formas, evidenciavam a relação entre criador e obra.

Dona Alzira esposa de Mestre Pelé é a responsável pela confecção das Máscaras das Caretas, sempre opta por materiais mais leves e mais baratos e um processo alternativo para o desenvolvimento de uma costura prática nos momentos de confecção, os quais pude, observar e registrar as potencialidades, que iam ultrapassando barreiras, e possibilitando um trabalho cheio de sentido com Máscaras que expressavam a identidade e subjetividade dos seus criadores, para que eles compreendessem que a criatividade pode ser o diferencial na falta de recursos, já que o Carnaval é no verão e em Maragogipe a temperatura geralmente é em torno de 40 graus.

Assim, a partir da ideia de acabamento, os Brincantes experimentaram, praticaram com a Máscara e realizam outra etapa, na qual cada um criava formas de como os Caretas podem se expressar com os transeuntes da sua comunidade, e arranjavam uma forma de não serem reconhecidos na saída das Caretas no bloquinho.

Nesse momento foram as Máscaras industriais que chamaram atenção, pois é com elas que a Pedagogia das Máscaras volta para as práticas corporais. A Festa despertou nossa curiosidade e fez com que essa pesquisa falasse da importância das Pedagogias, seja ela na feitura das Máscaras e a presença feminina na construção da mesma, nos módulos práticos e na manutenção da tradição.

As Caretas são Manifestações Culturais ocorridas em vários lugares do Brasil, e aqui no Nordeste destacando-se por suas características que trazem o Humor, o Mistério e o Medo, sendo um tipo de Máscara. Mas foi por sua Pedagogia e seu viés criativo, proporcionado um diálogo entre a tradição e a contemporaneidade, assim como ressignificando o meu processo de compreensão, chegando às Máscaras confeccionadas com couro e outros materiais orgânicos, as Caretas de Potengi (CE), Caretas de Caxias-Maranhão, Caretas de Judas de Boa Hora (PI).

Com os primeiros contatos com as Caretas e com os objetos da confecção, com um trabalho de construção mais específico as Caretas de couro têm seus traços fortes e expressivos, figuras híbridas e assustadoras, sendo utilizada a técnica do uso do couro de bode, para a confecção dos Caretas, com a introdução de outros elementos, a exemplo dos figurinos feitos em fibra vegetal, tecidos coloridos, pequenos espelhos. Todo este conjunto de elementos que integram os processos pedagógicos das Máscaras é complementado pelas cantigas entoadas pelos Brincantes e a música é elemento essencial para a saída dos Caretas.

Quando estive em cada cidade do interior do Nordeste nos estados do Ceará, Maranhão e no Piauí, obtive informações detalhadas dos Caretas e informações da Manifestação em distintas cidades próximas da que eu estava pluralizando a Brincadeira e as formas de se fazer as Máscaras, que geralmente possuem aspectos grosseiros, animalescos sendo importantes essas informações para a confecção das Máscaras.

Na grande maioria dos Brincantes das Caretas são pessoas de classe média baixa, negros, boa parte trabalha na zona rural. E por serem distantes dos centros, ou até mesmo da sede ou associação das Caretas, isso modifica o fazer e o confeccionar as Máscaras e essas formas modificaram a forma do comportamento dos Mestres em sua Pedagogia. E esse tipo de Máscara não destoa das Máscaras confeccionadas artesanalmente com outros tipos de materiais, o couro traz uma força mítica na sua artesania.

Em conversa com um dos Brincantes dos Caretas de Potengi, perguntei o motivo de se vestir de Careta, e a resposta veio de maneira imediata: “Por fazer o que gosto, ver os mais velhos fazendo e brincar com as Caretas é minha Cultura”. Essa foi a forma que os jovens encontraram para participar da Manifestação, já que o grupo é formado por homens mais velhos. Sua principal ação se Manifesta numa Brincadeira, onde as pessoas visitam de casa em casa e pedem esmolas para os moradores.

Em entrevista com o Mestre Antonio Luiz de Potengi-CE foram feitas perguntas sobre a confecção das Máscaras, o mesmo respondeu que no início demorava muito tempo em fazer uma Máscara, mas que hoje está mais simples de confeccionar uma por vários motivos e um deles é o curtimento do couro que está mais simples. Seguindo um ritual de preparação, as Caretas de Potengi seguem um estilo próprio.

As Máscaras são confeccionadas com couro, ornamentadas com chapéus ou coroas com espelhos e fitas. Estes Máscarados utilizam toda essa vestimenta para que ninguém consiga identificá-los. Uma maior riqueza de detalhes, notamos a imponência da Máscara. As Caretas de Potengi, Caxias e Boa Hora trazem consigo o mistério, o medo e o humor e como combinam tão harmoniosamente com as cores das fitas, as roupas de fibra vegetal e os tecidos coloridos.

E como suas Máscaras, todos seguem o mesmo ritmo sonoro, as Caretas são acompanhadas por suas toadas, cantando algumas cantigas tradicionais do estilo, como também algumas músicas novas. Toda Careta no momento que está viva, ninguém pode ver para não perder a graça em saber quais são as pessoas que estão embaixo da Careta.

Realizei uma entrevista com o Mestre Raimundo Nonato que me conduziu para a parte do fundo de sua casa, local onde ele confecciona suas Caretas. O Mestre Raimundo iniciou sua fala relatando as dificuldades de se fazer suas Caretas, devido à precariedade de recursos financeiros, que a participação dos pagadores de promessas antigamente era maior, e que com o passar dos anos e o apoio financeiro da prefeitura as Caretas diminuíram. E deixou claro que na maioria das vezes não dava pra ganhar dinheiro fazendo as Máscaras.

Figura 44- Construção e trançado da palha de buriti para a edumentaria do Careta de Boa Hora



Acervo Pessoal

O Mestre Raimundo acrescentou com emoção que construir as Caretas ainda é seu maior ofício, que ensina aos pagadores de promessas mesmo tendo o seu estilo diferente. Falou também com bastante saudosismo sobre suas lembranças da época que fazia seus trabalhos.

Não estive presente no processo do preparo do couro, porém além do sacrifício do animal, a secagem e a curtição da pele, o próximo passo é escolher sua base de madeira, logo depois do pregamento, da pele e a passagem da cola, esperar secar, técnica escolhida para impermeabilizar a pele, semelhante à forma que são confeccionadas algumas Caretas Populares. Esse processo é um pouco lento, que tipo de material seria empregado nas Máscaras.

As Caretas de Reis de Caxias no Maranhão e os Reisados de Caretas de Boa Hora do Piauí usam uma indumentária de fibra vegetal da Carnaúba. Em seu feitio usa-se uma base numa estrutura circular onde são trançados cada detalhe do peitoril, das ombreiras e daí sai, que possibilita às pessoas de se movimentarem e conduzirem a peça confortavelmente ao realizar a sambada. Já a Careta de Potengi usa roupas coloridas geralmente no tom azul.

Figura 45- Marcação e corte da Careta de Boa Hora em couro de Bode.



Acervo Pessoal

A Quarta Oficina – Não estive presente no processo de curtimento do couro, porque ele é feito com meses antes de cada festividade, as Caretas de couro, de Potengi-CE, Caxias-MA e Boa Hora-PI, pude observar e juntos as famílias no processo de adornamento das Caretas, e inicia-se com ele a confecção dos chapéus e coroas, com espelhos e fitas coloridas que acompanham a Máscara, nas superfícies utilizando a tesouras e uma lixa até encontrar a forma ideal. Nesse processo buscando a melhor forma trazer características das Máscaras e sua estética onde destacamos a forma dos olhos, do nariz e da abertura da boca e esse processo é muito cautelosa e como é tocar e costurar e colar no couro.

Compartilho do mesmo sentimento dos jovens que fazem os Caretas, e a vontade de fazer, a apreensão da Brincadeira feita pelos aprendizes é o que Barba chama de “técnica codificada de longa duração” (BORBA apud BELTRAME, 2007, p. 163), em que os Brincantes vão constituindo uma preparação corporal e construindo suas Máscaras de acordo com os ensinamentos dos Mestres.

Ao aprender observando o modo como outros integrantes do grupo brincam, ou como os Mestres assimilam seus procedimentos, comprehendo que seu processo pedagógico realiza com que a Brincadeira exige. Os Mestres trazem a todos os aspectos dos modos de fazer de construir e de como a Brincadeira é, e sempre contando suas histórias e dos porquês de serem daquela forma.

Cada Mestre com suas particularidades mostram como cada exercício, cada técnica mesmo que de forma “amadora” é. No meu entendimento, mostra a dimensão de como é importante o processo pedagógico para o Brincante e, de como o aprendizado com as Máscaras em que os Brincantes captam a cada ano e como isso foi absorvido na dinâmica da Brincadeira, revelando que as Pedagogias das Máscaras e a Brincadeira Popular possuem códigos comuns que podem ser aproveitados mutuamente, sem que percam suas características e regras próprias.

Em segundo lugar, brincar como adulto é quebrar paradigmas sociais de dominação na medida em que um sistema sério exige que se trabalhem até mesmo nos momentos de lazer. Pensar nas dimensões das Pedagogias das Máscaras em que as Brincadeiras dos Caretas podem abranger é pensar em um mundo de possibilidades tanto para os que brincam como para artistas do Teatro.

As Brincadeiras Máscaradas dos Caretas e sua Pedagogia aparecem para mim, neste momento, como um grande catalisador, que pode inventar infinitas possibilidades para continuar revelando às pessoas. Em última instância brincar pode ser uma posição política, ou, pelo menos uma atuação política de resistência às formas hegemônicas que não querem ver sujeitos donos de seu tempo.

Algo interessante dessa experiência é que, aprender diariamente com os Mestres e com os Brincantes com os quais pude conviver em pouco tempo, e de estar presente em todas as etapas da construção das Máscaras durante as oficinas presenciais em que cada Mestre pode produzir, e estão todos os procedimentos para a confecção de uma Máscara do início ao fim da Pedagogia das Máscaras e na produção que explora a criatividade.

Nas oficinas, o processo de avaliação acontecia durante todo o momento, acompanhando a confecção e o desenvolvimento de cada Brincante perante cada proposta direcionada, sob os critérios do aprendizado, da confecção, da participação nas discussões, interesse, empenho e envolvimento nas atividades propostas. Nesse cenário, os critérios permanecem os mesmos com a atividade de construção da Máscara.

É nesse imaginário, que as oficinas nos possibilitam, o contato do fazer as Máscaras e de alguma forma brincar com elas, a Pedagogia das Máscaras dentro desse contexto da Cultura Popular é motivadora e nos alimentando imagens, de símbolos para comunicar-se e existir com cada um de nós. As Máscaras permeiam a vida social, mobilizando as ações dos Brincantes e da comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer algo relacionado com minha infância, é algo muito prazeroso, me fez voltar no tempo e pensar o quanto aquilo contribuiu para minha formação artística. A necessidade de trazer as Máscaras às várias Caretas que o Nordeste possui, para que a juventude e as crianças possam sentir aquela sensação de medo, de curiosidade e a alegria de quando você vê uma Careta, sabendo que tudo aquilo é uma grande Brincadeira.

Ao terminar este ciclo, a sensação é de que tem muito mais o que buscar e do que aprende junto aos Mestres. E em só observar aprendemos reconhecer os saberes Populares, o conhecimento dentro de uma Pedagogia Popular que as Brincadeiras são áreas de conhecimento, respeitando à memória dos Mestres e dos Brincantes das Caretas e o contexto sociocultural em que estas estão inseridas, que estão em todos os lugares do Nordeste.

Desse modo, a transmissão de conhecimentos, de práticas e a vivência de memórias coletivas e individuais se traduzem no ritual que a Festa proporciona. E a Pedagogia das Máscaras, os ensaios, os figurinos, os Brincantes e a Festa, traz a reflexão para a Pedagogia das Máscaras e seu poder de formação pedagógica. Com o objetivo de formar cidadãos capazes de apreciar as artes e a Cultura que estão vivenciando durante o ano, em suas diversas formas de Manifestação, considerando-a elemento fundamental da estrutura social.

E nesse contexto, por meio de expressões Culturais tradicionais, no qual os Caretas estão inseridas, dentro de seu Festejo a Máscara das Caretas se tornam palco de diversas forças e interações, colaborando assim para a retomada desta arte Popular. Lugar de experiências e vivências, onde operam mecanismos de identidade, pertencimento, estranhamento e resistência.

O conhecimento, enquanto instrumento pedagógico evidencia a relação entre Cultura, espacialidade e identidade. Em outras palavras, a Cultura é constantemente (re) inventada por meio da memória, do espaço e das suas práticas cotidianas. A Pedagogia das Máscaras traz aos Brincantes, um novo saber transmitido, e que é apenas possível pela existência da diversidade. E a Pedagogia das Máscaras oportuniza registrar a retomada das Caretas e reaproximar os jovens que fazem a Brincadeira, artistas e pesquisadores da Cultura Popular, trazendo reflexão para a Máscara e que tem como intuito a característica principal que é provocar o medo, promover a Brincadeira, a interação com o mistério entre Brincante e público.

Dentro das Pedagogias toda experiência adquirida durante o processo junto com todos que fazem parte deste Trabalho, como pude observar as Máscaras também assumem, simultaneamente, essa dupla significação ao mesmo tempo em que podem ser considerados ícones de identidade, as performances Culturais possuem importância ímpar. Os Mestres e Brincantes, chave essencial para minha vida enquanto pesquisador e artista Popular modificado minha maneira de pensar a Cultura, a Pedagogia e a Arte, trazendo equilíbrio ao meu novo trabalho, enriquecendo em formas e conceitos artísticos.

Contudo, a performance Cultural dos Brincantes, é de modo vivo, a expressão humana de caráter cênico. Tanto a corporeidade quanto a experiência com as Máscaras são atravessamentos entre corpo e espaço se evidencia nas relações, essas performances, iconografam as narrativas sociais através do tempo, tornando-se elemento pedagógico não convencional a Máscara, como vimos, a um só tempo exibe e oculta, aproxima e distância, revela e esconde.

Neste sentido, a Pedagogia das Máscaras e a Brincadeira na festividade se constituem, de fato, como um marco temporal tanto para sua continuidade, sua permanência e sua própria sobrevivência ao longo do tempo. Pois aproximam por gestos, expressões, músicas e movimentação e se conectam sensorialmente os corpos do Brinquedo e da Brincadeira das Máscaras dos Caretas. Percebe-se, assim, que a ressignificação da tradição.

Foi-me bastante útil à realização deste trabalho uma vez que me permitiu pensar num tema que faz parte da minha identidade Cultural. E de como a Cultura Popular tem um potencial pedagógico e como se dão as relações entre o Brincante e o Festejo, e de como são abordados dentro da comunidade. O referencial teórico e artístico deu suporte para a escrita deste trabalho, para traçar o pensamento para confecção das Máscaras, fazendo com que as Caretas não percam sua originalidade como Manifestação Cultural.

Aqui, merece ser destacado, que este trabalho só chegou até aqui graças à paciência e a disponibilidade de cada Mestre que me ouviu e compartilhou seus conhecimentos e que é por causa deles que estou aqui semeando a mesma sementinha que colocaram em minha vida e que hoje floresce e frutificam cada Máscara que pude conhecer até as que não entraram neste trabalho, faz parte de minha história. E que trabalho não deve ser interpretado como um trabalho que encerra a possibilidade de novas perspectivas acerca do tema, inclusive, durante a pesquisa, chegou- se a conclusão que existe a possibilidade em novos temas de pesquisa que estão ligadas aos Caretas em ambas as Festas.

Por fim concluo que as Máscaras e suas Pedagogias os Folguedos faz de uma grande parte de minha trajetória como Brincante e como acadêmico. Como todo ciclo festivo, é no alvorecer que ao som do pífano, zambumba e pelos pratos nos deixamos ser guiar pelo ritmo, pela alegria, pelo êxtase, pelo corpo, a banda passa, retiramos todos os enfeites e as Máscaras são retiradas, guardadas em uma caixa mais com a esperança que no próximo ano a Máscara volte a vida e que as tradições sejam perpetuadas, e tudo recomece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e Outras Artes.** 3.ed. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA. M.T.P. **Brincar Amar e Viver.** Volume I, 1º edição, Gráfica e editora, São Paulo 2014.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovitch. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1976.

BARROSO, Oswald. **O Riso Brincante.** In: SEMINÁRIO DE ARTE E EDUCAÇÃO, 4. Fortaleza, 2007. Círculos de Cultura de Paulo Freire. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 23 de setembro de 2007.

—. Incorporação e Memória na Performance do Ator Brincante. In: Patrimônio imaterial, performance Cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UNB, 2004.

BENJAMIN, Walter. **História Cultural do Brinquedo. Reflexões sobre a criança, o Brinquedo, a educação.** Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984. (Novas Buscas em Educação, v. 17).

BITTER, Daniel. **A Bandeira e a Máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis.** Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS, Rio de Janeiro, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Introdução a uma Sociologia Reflexiva.** IN: Poder Simbólico. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrad Brasil/Difel, 1989.

CARNEIRO, Édison. **Folguedos Tradicionais, Etnografia e Cultura Popular/Clássicos 1.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Cultura Popular brasileiro.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1999.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Cultura Popular e sensibilidade romântica.** São Paulo: Rev. Bras. De Ci Soc. Vol. 19, nº 54, 2004.
<https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000100004>

CORRÊA, José Ribamar Guimarães. **Festa do Reisado em Caxias.** São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1977.

DIAS, André Luís Mattedi; COELHO, Eurelino Teixeira Neto; LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. (Org.). **História, Cultura e Poder.** Feira de Santana: Uefs; Salvador: Edufba, 2009.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FRADE, C. **O Saber do Viver:** redes sociais e transmissão do conhecimento. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

GASPAR, Lúcia. **Papangus de Bezerros, PE.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.2009

GASPAR, Lúcia. **Malhação de Judas.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009.

GURGEL, Deífilo. **Espaço e Tempo do Cultura Popular Potiguar.** 3ed. Natal RN. 2008.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Festa, Trabalho e cotidiano.** In: *Festa, Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec-EDUSP-FASEP-Imprensa Oficial, vol., II,2001

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais. 1990.

HOLLANDA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOBSBAWM, Eric; TERENCE, Ranger. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da Cultura.** Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1993.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia.** São Paulo: Martin e Fontes, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível.** Trad. Albert C. M. Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 2005

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis; para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

NASCIMENTO, Jocivânia Fernandes do. **Dança de Caboclos e a identidade territorial em Major Sales /RN.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró/RN, 2017.

OLIVEIRA, Ana Gita. **Diversidade Cultural como categoria organizadora de políticas públicas.** In: Patrimônio imaterial, performance Cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UNB, 2004.

PEREIRA, Roberta de Albuquerque; BARBOSA, Maria de Lourdes de Azevedo. **Brinquedos do Carnaval Pernambucano:** um “campo de lutas” Cultural entre Maracatu Rural e Ursos baseados na construção social Bourdiesiana. In: SEMINÁRIO DA ANPTUR, 13., 2016, São Paulo. Anais [...]. São Paulo, 2016. p. 1-14
<https://doi.org/10.5380/tes.v9i3.47756>

PIMENTEL, P. **Malhação do Judas. Quem lembra?** Jornal Eletrônico Novo Milênio, 2017.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A arte do ator.** Trad. Yan Michalski e Rosyane Trotta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, André Luiz. **A Queima do Judas: uma forma de expressão do pensamento Popular utilizada pelos grupos urbanos marginalizados.** Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas, Mossoró, 2017.

SOUZA, Océlio Teixeira de Souza. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e autonomia (1928-1988).** Tese (Dissertação do Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, Jordana Lucena de. **Danças do RN: motivações, dificuldades e configurações.** Natal-RN: UFRN, 2015, 194f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

TURNER, Victor Witter. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Regina. **Performance e Patrimônio Intangível: os Mestres da arte.** In: João G.L.C Teixeira, Marcus Vinícius C. Garcia e Rita Gusmão. Patrimônio imaterial, performance Cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UNB, 2004.
- ACSELRAD, Maria. **O patrimônio vivo em questão: uma perspectiva comparada das experiências de registro de pessoas e grupos Culturais.** In: Patrimônio Cultural em discussão: novos desafios teórico-metodológicos. Org. Sandroni e Salles. Recife: EDFPE, 2013.
- ALMEIDA, Renato. **Inteligência do Cultura Popular.** Rio de Janeiro. CEA/MEC, 1974.
- ALVES, Teodora de Araújo. **Herdanças de Corpos Brincantes.** Natal RN. EDUFRN, 2006.
- AMORIM, M. A. **Cultura Popular: saber tradicional do povo.** In: Revista Continente Documento. Ano 2, n. 24/2004.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular.** 4^a ed. São Paulo: brasiliense, 1983.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: Máscaras do tempo. Entrudo, Máscarada e frevo no Carnaval do Recife.** Recife: Fundação Cultural da Cidade do Recife, 1996.
- BATESON, Gregory 1998. **Uma teoria sobre Brincadeira e fantasia.** In Ribeiro, Branca Telles e Pedro M. Garcez (org.). Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Age, 1998.
- BAZZO, Ezio Flávio. **Máscaras e disfarces.** Distrito Federal: Galymar, 1994.
- BELTRAME, Valmor. (2007). O ator no boi-de-mamão: reflexões sobre tradição e técnica. Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas. Jaraguá do Sul SCAR/UDESC, ano 3, nº. 3.
- BENJAMIN, Roberto. **Folguedos e Danças de PE.** Recife:1989.
- BORBA, Alfredo. **Brincantes.** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Coleção Malungo, v.3, 2000.
- BORBA FILHO, Hemilo. **Espetáculos Populares do Nordeste.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Ed. Massangana, 2007.
- BORNHEIM, Gerd. **O sentido e a Máscara.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Cultura Popular.** SP: Brasiliense, 2003.
- . **A Cultura na rua.** Campinas: Papirus, 1989.
- BRANDÃO, Theo. **Reisados e Guerreiros,** Revista do Instituto Histórico de Alagoas, volume XXIV, Maceió: Imprensa Oficial, 1947.

BRONDANI, Joice Aglae; LEITE, Vilma Campos; TELLES, Narciso (org.).
Teatro- Máscara-Ritual. Campinas: Alínia, 2012.

CARVALHO, Rita L. Segato. **Cultura Popular e Cultura Popular uma discussão conceitual.** In: Seminário, Cultura Popular e Cultura Popular. As várias faces de um debate. 2º ed. Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, 2000.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro **Os sentidos no espetáculo.** São Paulo: Ver. Antropol. Vol. 45 n1, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012002000100002>

_____. **Um Olhar sobre a Cultura brasileira.** (org. Márcio de Souza e Francisco Weffort). FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998.

CHAVEZ, Wagner Diniz. **Na jornada de Santos Reis: conhecimento, ritual e poder na Folia do Tachico.** Maceió: Edufal, 2013

COSTA, Vanessa Machado. **As Máscaras e o ator Máscarado no auto do Bumba-Meu-Boi do Maranhão e sua contribuição na Formação Estética do Educando.** Monografia de Graduação (Educação Artística), UFMA, 2007.

COX, H. **A Festa dos foliões.** Petrópolis: Vozes, 1974..

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogias do espectador.** São Paulo: Hucitec, 2003.

FARIAS Edson. **(Re)tradicionalização ou (re)significação de tradições.** In: **Patrimônio imaterial, performance Cultural e (re)tradicionalização.** Brasília: ICS-UNB, 2004.

FARIAS JR, Jorge Franca de. **Cultura Popular no Nordeste do Brasil: Narrativas de Identidade Social.** Studies in Latin American Popular Culture, v. 27, p. 207-221, 2008.

FRANÇA, Lilian C. **A internet como fonte de pesquisa para o estudo da Cultura Popular.** In: In: Patrimônio imaterial, performance Cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UNB, 2004. pp. 139-145.

GASPAR, Lúcia. **Malhação de Judas.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A arte como um sistema Cultural.** 12º Ed. Tradução: Vera Joscelyne. In: O saber local. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOODY, Jack. **O mito, o Ritual e o Oral.** Tradução: Vera Joscelyne. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012. (Coleção Antropologia).

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDALH, Zeni. (org.). **Manifestações da Cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

KLINTOWITZ, Jacob. **Máscaras Brasileiras**. Projeto Cultural Rhodia. São Paulo: Raízes Artes Gráficas Ltda., 1986.

LEWINSOHN, Ana Caldas. **O Ator Brincante: no Contexto do Teatro de Rua e do Cavalo Marinho**. Dissertação (Mestrado em Artes) - IA/UNICAMP, Campinas, 2009.

LIGIERO, Zeca. **A performance afroameríndia: tradição e transformação. Patrimônio e performance: uma relação interessante**. In: **Patrimônio imaterial, performance Cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UNB, 2004.

MAGNANI, J. G. **Festa no pedaço: Cultura Popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARQUES, Ester. **Mídia e experiência estética na Cultura Popular. O caso do bumba-meу-boi**. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Dançar para não esquecer quem somos: por uma estética da dança Popular**. In: II Congresso Latino-Americano/ III congresso Brasileiro de Educação Motora. Anais. Natal / RN, 2000

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Patrimônio como política Cultural**. In: **Cultura e patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: editora da FGV, 2008.

OLIVEIRA, Márcia Mansur. **Vidas dedicadas, A lei do registro do patrimônio vivo: transmissão, reconhecimento e tradição**. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, Recife, 2010.

PAULINO, Rogério Lopes da Silva. **O ator e o folião no jogo das Máscaras da Folia de Reis**. Tese de Doutoramento. Campinas, Unicamp, 2011.

RANGER, Terence. **A invenção da tradição na África Colonial**. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ROCHA, Gilmar. “**Cultura Popular: da Cultura Popular ao patrimônio**”. Mediações: Revista de Ciências Sociais, 14, nº 1: 218-36, 2009. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n1p218>

SANTOS, Jose Luís dos. **O que é Cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SOUZA FILHO, Alípio de. 2a ed. **Medos, mitos e castigos: notas sobre a pena de morte**. São Paulo: Cortez, 2001.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

STEIL, Carlos A. Catolicismo e Cultura. In: VALLA, V. V. Religião e Cultura Popular, São Paulo: DP&A, 2001. p 9-40.

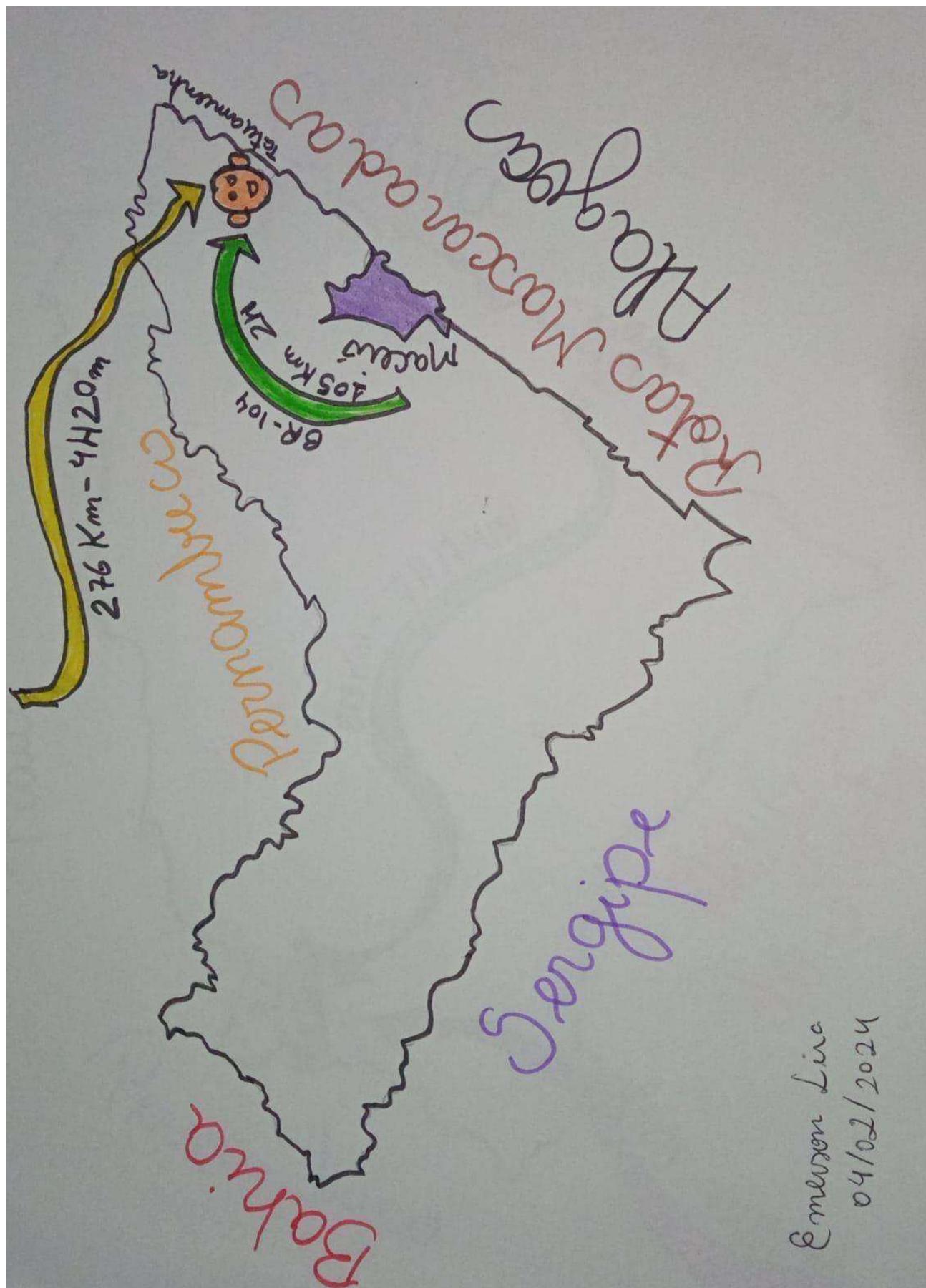
TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.

ANEXOS

MODELO DE ENTREVISTA

- 1. APRESENTAÇÃO**
 - A. NOME
 - B. DATA DE NASCIMENTO/ IDADE
 - C. CIDADE NATAL
 - D. HISTÓRIA DE VIDA.
- 2. HISTÓRIA DA BRINCADEIRA?**
- 3. COMO CONHECEU E ENTROU NA BRINCADEIRA?**
- 4. A BRINCADEIRA SAI APENAS NO CICLO DA FESTA?**
- 5. A BRINCADEIRA TEM MUSICAIS PROPRIAS?**
- 6. NA BRINCADEIRA TEM ALGUM TIPO DE BANDA OU MUSICOS QUE ACOMPANHA O BRINQUEDO?**
- 7. QUAL A ORIGEM DA ROUPA/EDUMENTARIA/ FANTASIA DA BRINCADEIRA?**
- 8. A MÁSCARA SEMPRE ESTEVE PRESENTE NA BRINCADEIRA?**
- 9. A MÁSCARA TRÁS ALGUM SIGNIFICADO NA BRINCAIDERIA?**
- 10. COMO É O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MÁSCARA?**
- 11. OS BRINCANTES AJUDAM NO PROCESSO DE CONFECÇÃO DAS MÁSCARAS?**
- 12. NA BRINCADEIRA TEM A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES?**
- 13. A COMUNIDADE SE ENVOLVE NA BRINCADEIRA?**
- 14. COMO OS BRINCANTES VEEM O BRINQUEDO/ FESTA?**
- 15. A BRINCADEIRA JÁ PASSOU POR ALGUM TIPO DE MUDANÇA?**
- 16. A BRINCADEIRA TEM ALGUMA AJUDA FINANCEIRA DO MUNICIPIO OU DO ESTADO?**
- 17. A MÁSCARA OU A ENDUMENTARIA PASSA POR ALGUMA REFORMA OU MANUTENÇÃO DURANTE O ANO?**
- 18. OS BRINCANTES SE REUNEM DURANTE O ANO PARA ENSAIAR?**
- 19. COMO OS BRINCANTES VEEM A PRESENÇA DA INTERNET OU DAS MÍDIAS SOCIAIS PARA MOSTRAR O BRINQUEDO NAS REDES SOCIAIS?**
- 20. O QUE O SENHOR (A) VE A BRINCADEIRA DAQUI A ALGUNS ANOS**

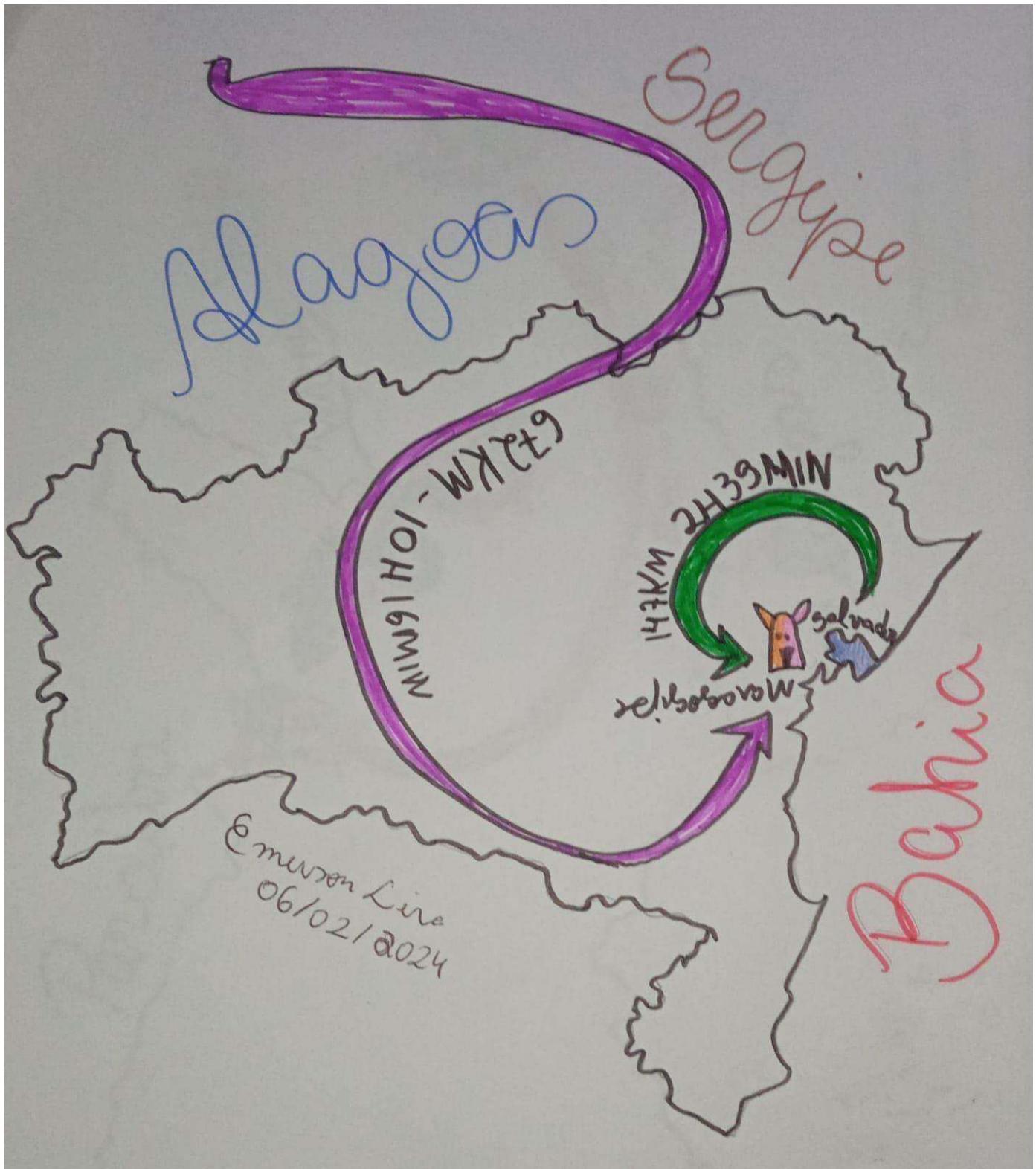
DESENHO-MAPA REPRESENTATIVO DE ALAGOAS



DESENHO- MÁSCARAS CARETAS DE CARNAVAL-BOBOS GAIATOS-TATUAMUNHA-AL



DESENHO-MAPA REPRESENTATIVO DA BAHIA

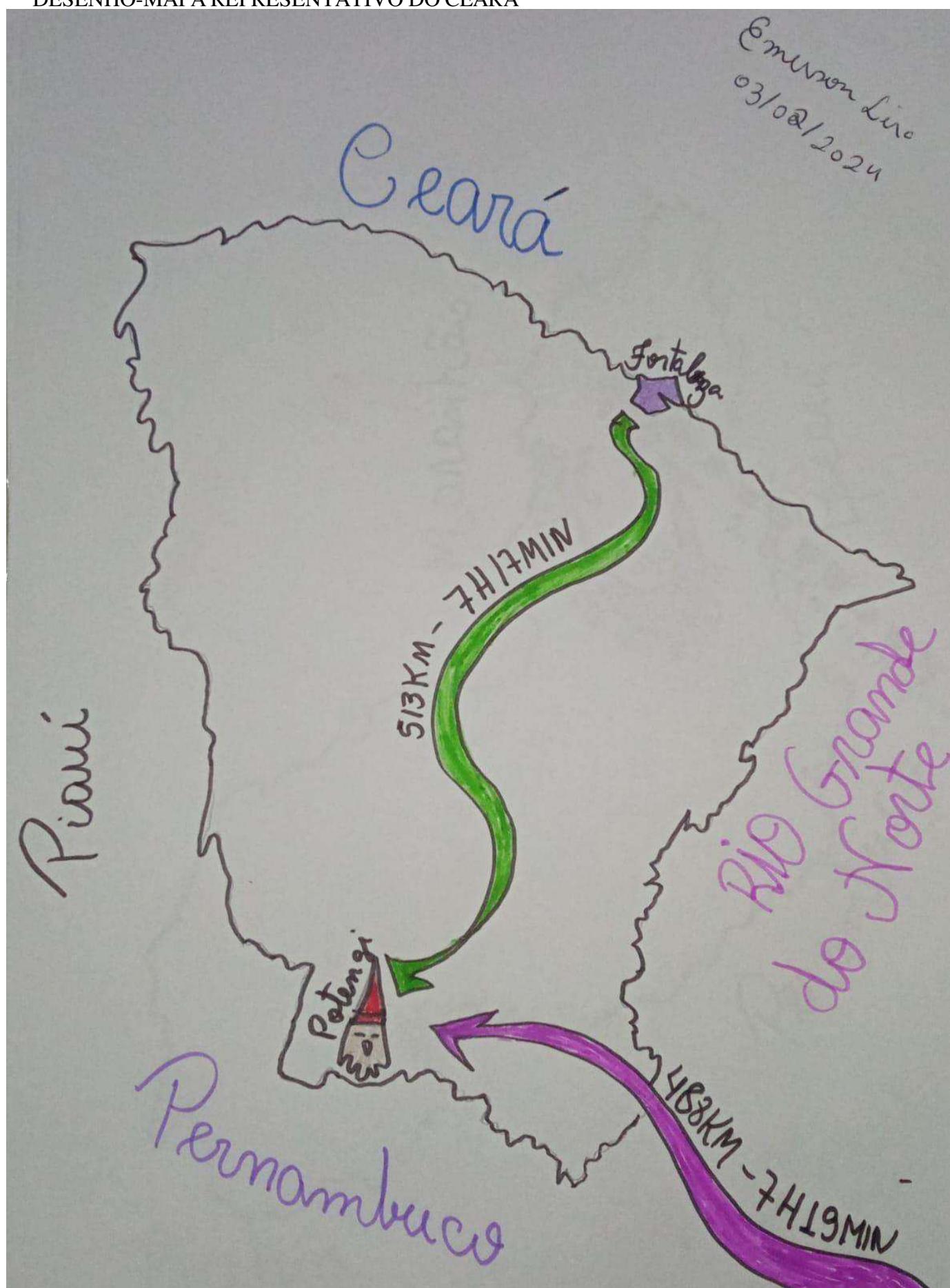


DESENHO-MÁSCARA DOS CARETAS DE MARAGOJIPE-BA



DESENHO-MAPA REPRESENTATIVO DO CEARÁ

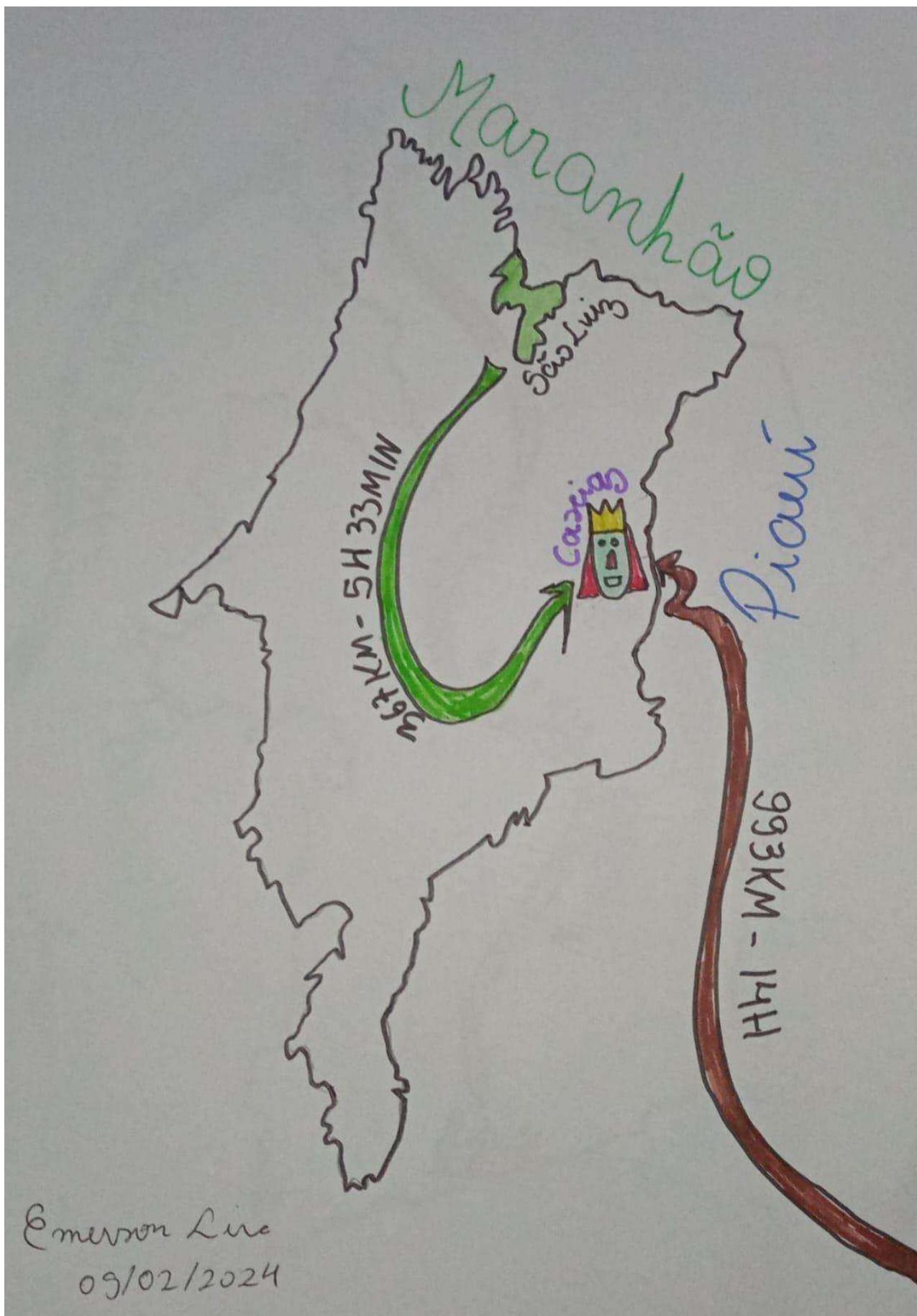
Emerson Lino
03/02/2024



DESENHO-MÁSCARA DOS CARETAS DE POTENGI-CE



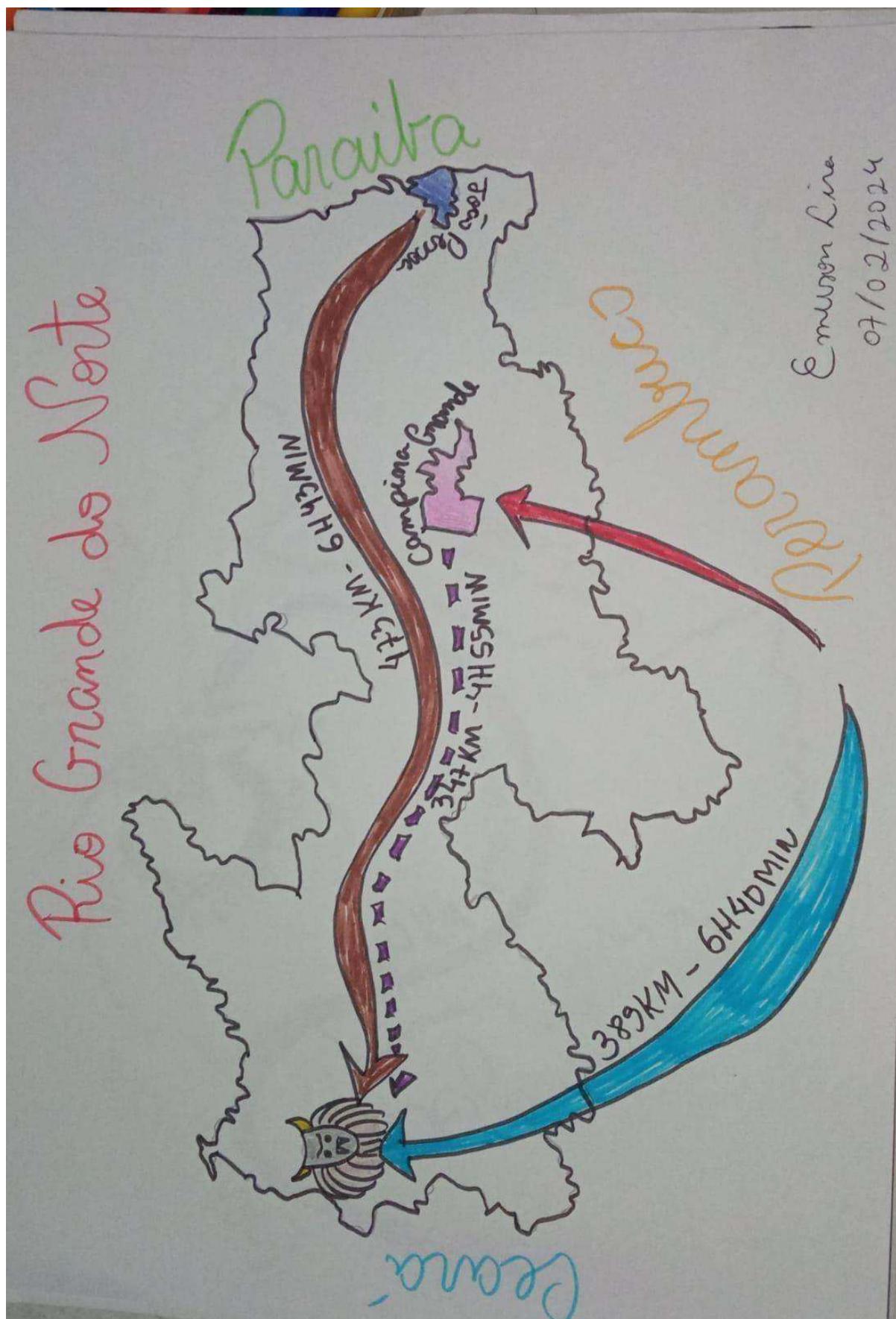
DESENHO- MAPA REPRESENTATIVO DO MANHÃO



DESENHO-MÁSCARAS DOS CARETAS DE REIS-CAXIAS-MA



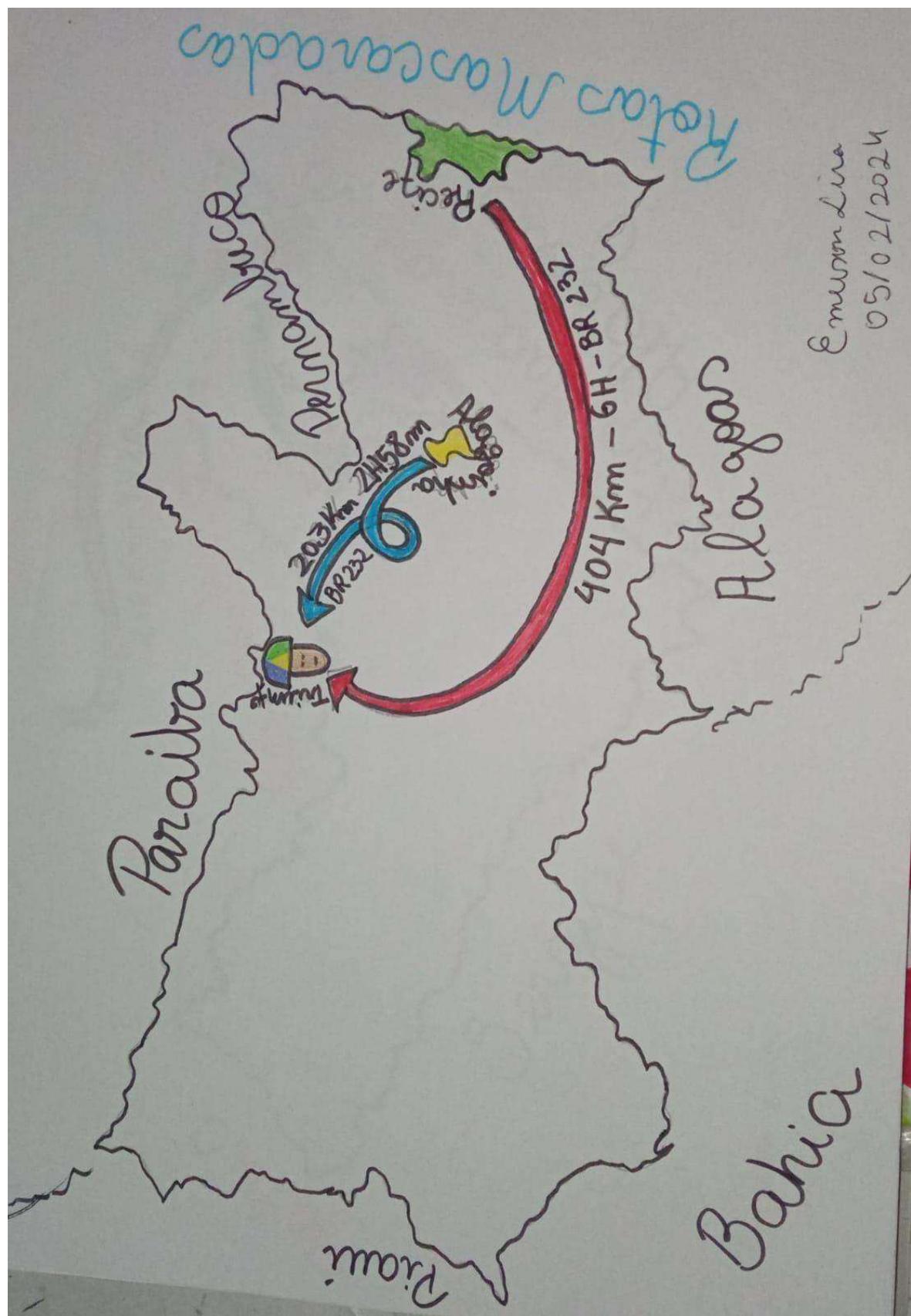
DESENHO- MAPA REPRESENTATIVO DA PARAIBA



DESENHO-MÁSCARA DOS CARETAS DE JUDAS- CAJAZEIRAS-PB



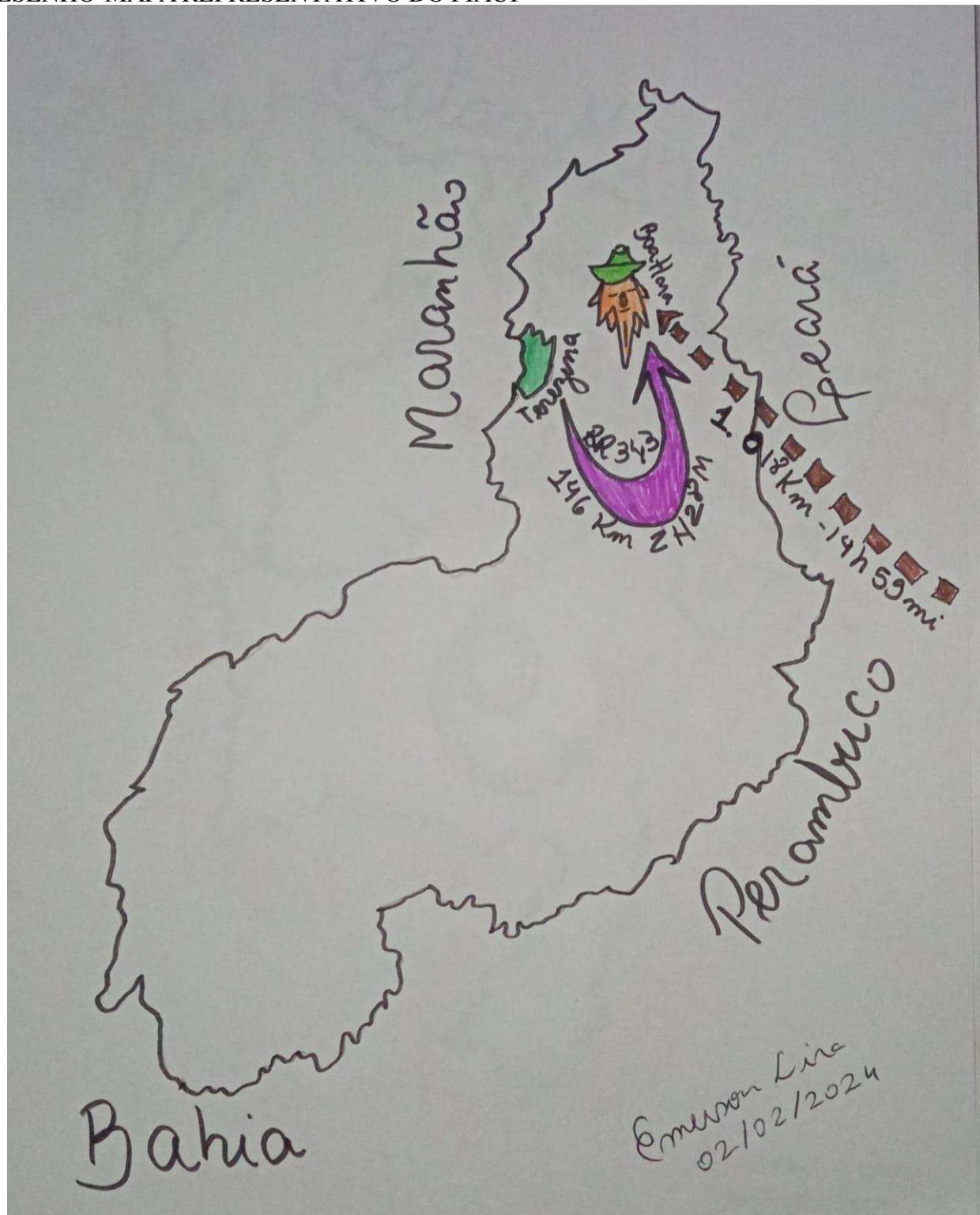
DESENHO- MAPA REPRESENTATIVO DE PERNAMBUCO



DESENHO- MÁSCARA DOS CARETAS DE TRIUNFO-PE



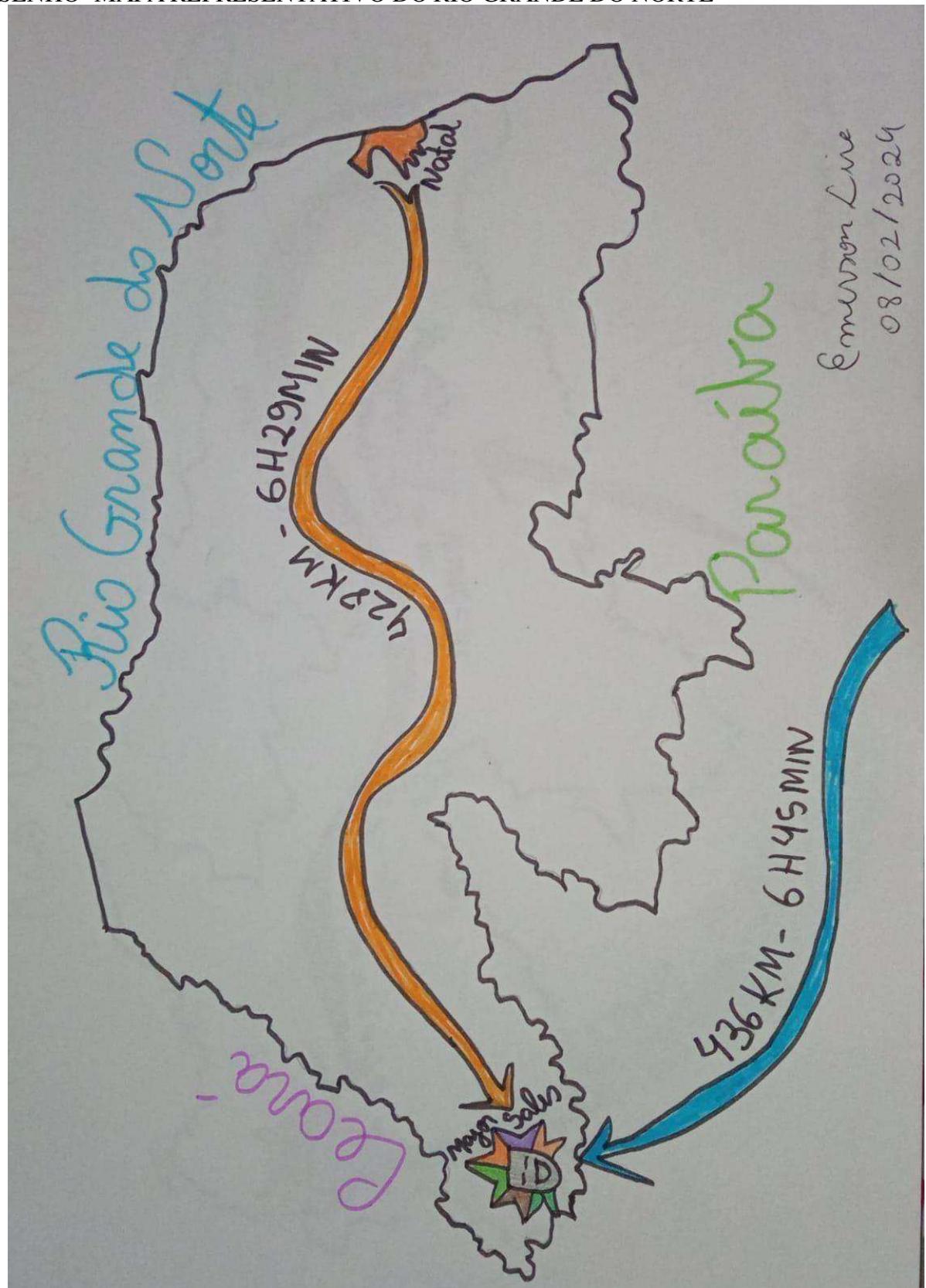
DESENHO-MAPA REPRESENTATIVO DO PIAUÍ



DESENHO- MÁSCARA DOS CARETAS DE REIS DE BOA HORA-PI



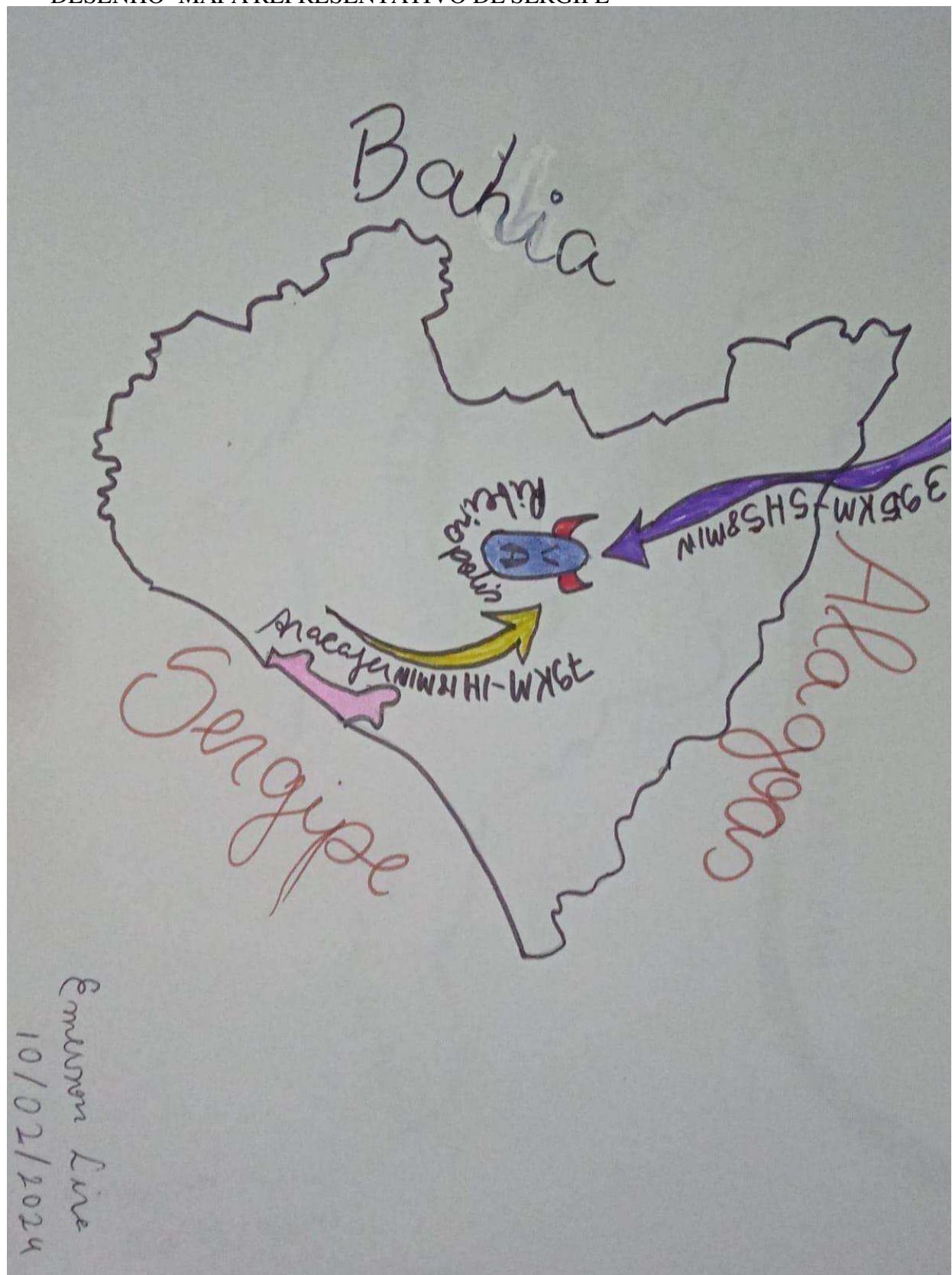
DESENHO- MAPA REPRESENTATIVO DO RIO GRANDE DO NORTE



DESENHO-MÁSCARA DOS CARETAS DE JUDAS- CABOCLOS DE MAJOR SALES-RN



DESENHO- MAPA REPRESENTATIVO DE SERGIPE



DESENHO-MÁSCARAS CARETAS DE JUDAS- RIBEIROPOLIS-SE

